



REVISTA

ACADÊMICA DA

Faculdade Canção Nova

v. 1 | n. 2 | 2025

Sumário

A PSICANÁLISE KLEINIANA MELANIE KLEIN E A RELEVÂNCIA DE SUAS TEORIAS PSICANALÍTICAS	Pág. 6
A GESTÃO DE PROCESSOS NO GERENCIAMENTO DE MATERIAIS HOSPITALARES EM UM CENTRO MÉDICO DE SAÚDE.....	Pág. 19
A IMPORTÂNCIA DO PROJETO DE VIDA NO DISCERNIMENTO VOCACIONAL.....	Pág. 48
A ANTROPOLOGIA PERSONALISTA DE KAROL WOJTYLA: AÇÃO, PESSOA E DIGNIDADE	Pág. 61
MÍSTICA DO DIÁLOGO NA CONCEPÇÃO DO PAPA FRANCISCO	Pág. 77
AS TRANSFORMAÇÕES DO TELEJORNALISMO BRASILEIRO NA ERA DIGITAL: CENÁRIO, FIGURINO E EQUIPAMENTOS.....	Pág. 88

Equipe Editorial

Editor Chefe

Dr. Roberto Marcelo da Silva

Conselho Editorial

Dr. Henrique Alckmin Prudente

Dr. Lino Rampazzo

Me. Élcio Henrique dos Santos

Me. Lúcio José Rangel

Me. Marcius Tadeu Maciel Nahur

Me. Darwin Rodrigues Mota

Me. Wilson Martins da Silva

Me. Patrícia Januária da Silva Cunha Barbosa

Me. Patrícia Adriana Corrêa Ferreira

Projeto Gráfico e Diagramação

Núcleo de Comunicação FCN

Prefácio

A Revista Acadêmica da Faculdade Canção Nova, em sua segunda edição, reafirma o compromisso com a promoção da pesquisa científica, do pensamento crítico e da integração entre fé, cultura e ciência. A relevância desta publicação se manifesta na pluralidade das temáticas apresentadas, que refletem o vigor intelectual e a inquietação dos pesquisadores em contribuir com uma sociedade mais justa, dialogal e humana — valores que estão no cerne da missão da Faculdade Canção Nova. Cada artigo aqui reunido é expressão do diálogo fecundo entre razão e fé, entre teoria e prática, entre o humano e o divino. O artigo “Mística do diálogo na concepção do Papa Francisco” inaugura esta edição propondo uma reflexão sobre a mística cristã como experiência de relação e encontro. Inspirado pela “mística de olhos abertos”, de Johann Baptist Metz, o texto destaca a mística do diálogo proposta pelo Papa Francisco como caminho de fraternidade e amizade social, especialmente à luz da Fratelli Tutti.

Em seguida, o estudo “A antropologia personalista de Karol Wojtyła: ação, pessoa e dignidade” apresenta, de modo rigoroso e sensível, o núcleo da antropologia personalista do futuro Papa João Paulo II. O autor destaca a dignidade ontológica da pessoa humana como fundamento do agir moral e da convivência social, ressaltando sua intangibilidade e valor intrínseco.

O artigo “As transformações do telejornalismo brasileiro na era digital: cenário, figurino e equipamentos” analisa a evolução do telejornalismo no Brasil diante das inovações tecnológicas e das mudanças no comportamento do público. Com base em dados e registros históricos, o estudo revela como os meios digitais remodelaram o formato, o ritmo e a linguagem da notícia televisiva.

Já o texto “A importância do projeto de vida no discernimento vocacional” propõe uma abordagem humanista e espiritual sobre o processo de discernimento vocacional. Inspirado nas orientações do Papa Francisco e nas novas diretrizes para a formação presbiteral, o artigo destaca o projeto de vida como instrumento de

autoconhecimento e maturidade para o exercício do ministério e da missão.

Na esfera da gestão e das ciências aplicadas, o artigo “A gestão de processos no cadastramento de materiais hospitalares em um centro médico de saúde no município de Cachoeira Paulista” apresenta um estudo de caso que evidencia a importância estratégica da padronização e da eficiência nos processos administrativos hospitalares, mostrando como pequenas falhas podem comprometer grandes resultados.

Por fim, o trabalho “A psicanálise kleiniana – Melanie Klein e a relevância de suas teorias psicanalíticas” mergulha na complexidade da mente infantil, explorando as contribuições de Melanie Klein à compreensão das emoções, ansiedades e fantasias inconscientes. A pesquisa resalta a potência terapêutica das interpretações analíticas como meio de libertar a imaginação e favorecer o desenvolvimento emocional.

A Faculdade Canção Nova expressa sua profunda gratidão à sua Direção, pelo incentivo constante à pesquisa e à produção acadêmica; ao Conselho Editorial da Revista Acadêmica da Faculdade Canção Nova, pela dedicação criteriosa na condução desta publicação; e aos professores (autores), cuja competência e compromisso tornaram possível esta segunda edição da Revista Acadêmica da Faculdade Canção Nova. Que estas páginas inspirem novos diálogos, novas pesquisas e novas pontes entre saberes — pois, afinal, o verdadeiro conhecimento nasce sempre do encontro.

Dr. Pe. Roberto Marcelo da Silva
Editor chefe

Revista Acadêmica da Faculdade
Canção Nova

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

RESUMO

As teorias de Melanie Klein sobre a compreensão do ser humano, desde a infância, trazem novas formas de pensar a ação humana. O objetivo da pesquisa consiste na verificação das interpretações de Klein na tentativa de colocar em palavras conscientes as ideias, emoções (especialmente a ansiedade) e relações que estão ocultas, ou parcialmente ocultas – na verdade, para falar o não dito à criança. Uma criança pode estar em conflito sobre o desejo de comunicar suas preocupações e o desejo de inibi-las. As interpretações podem liberar a imaginação da criança. Segundo a análise de Klein, as interpretações diretas e explícitas de fantasias inconscientes assustadoras reduzem a ansiedade e a transferência negativa da criança. Isso, por sua vez, permite um contato significativo entre a criança e o analista.

Palavras-chave: Melanie Klein; Relações Objetais; Fantasias Inconscientes; Identificação Projetiva.

ABSTRACT

This research aims to present an anthropological approach in contribution to psychoanalytic research. Melanie Klein's theories about the understanding of the human being, since childhood, bring new ways of thinking about human action. The objective of the research is to verify Klein's interpretations in an attempt to put into conscious words the ideas, emotions (especially anxiety) and relationships that are hidden, or partially hidden - in fact, to speak the unsaid to the child. A child may be conflicted about wanting to communicate their concerns and wanting to inhibit them. Interpretations can free the child's imagination. According to Klein's analysis, direct and explicit interpretations of frightening unconscious fantasies reduce the child's anxiety and negative transference. This, in turn, allows for meaningful contact between the child and the analyst.

Keywords: Melanie Klein; Objective Relations; Unconscious Fantasies; Projective Identification

INTRODUÇÃO

Melanie Klein foi um membro controverso, mas altamente influente e poderoso da Sociedade Psicanalítica Britânica por mais de trinta anos. Suas teorias sobre o desenvolvimento do mundo interior da criança transformaram a psicanálise e tiveram um impacto profundo e de longo alcance. Embora profundamente enraizada no pensamento de Sigmund Freud, Melanie Klein afirmou que todos os seres humanos se relacionam com os outros desde o nascimento e, conseqüentemente, a transferência no tratamento psicanalítico está sempre viva e ativa. Neste texto temos a intenção em apresentar no primeiro momento, a vida de Melanie Klein, em seguida apresentar algumas teorias, mesmo de forma breve, sobre Relações Objetais, Fantasias Inconscientes e Identificação Projetiva.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

1. COMEÇOS

Filha de pais judeus em Viena, Klein nasceu num ambiente familiar culto. Mas, marcado com grandes perdas, sua irmã Sidonie, faleceu em 1887, de tuberculose; o pai, faleceu em 1900, de pneumonia; o irmão Emmanuel, faleceu em 1902, de cardiopatia. Aos vinte e um anos, após desistir de suas ambições de se tornar médica, casou-se com Arthur Klein. Eles tiveram três filhos, mas o casamento foi infeliz e conturbado. A família Klein mudou-se pela Europa Central para trabalhar e foi em Budapeste que Klein teve um período de tratamento psicanalítico com Sándor Ferenczi que despertou o interesse pela psicanálise e pelas ideias de Freud¹⁴. Os Kleins mudaram-se para Berlim em 1921 e Melanie Klein, então com trinta e oito anos, ingressou na nascente Sociedade Psicanalítica de Berlim. Com o incentivo e interesse de Karl Abraham, ela começou a analisar crianças pequenas. Escreveu notas de caso sobre Fritz (6 anos), Erna (13 anos), Felix (3 anos), Peter (2 anos), Rita (9 anos), Greta (3 anos), Trude (5 anos) e Ruth (4 anos). Essas notas formaram a base de seu pensamento clínico e teórico subsequente e de sua primeira grande publicação, alguns anos depois: “A psicanálise de crianças” (1932)¹⁵.

Em seu trabalho com crianças, Klein percebeu que suas brincadeiras e os brinquedos que usavam carregavam um significado simbólico importante para elas, e que isso poderia ser analisado da mesma forma que os sonhos podem ser analisados em adultos. Ao contrário da abordagem psicanaliticamente informada para a educação e socialização de crianças que foi usada no início da década de 1920 em Viena por Anna Freud e Hermine Hug-Helmuth, em Moscou por Sabina Spielrein e Vera Schmidt e, na Maltings House School em Cambridge por Susan Isaacs, em Berlim, Klein ofereceu a seus jovens pacientes algo muito mais próximo da psicanálise adulta¹⁶. Ela os via em horários determinados, assim como na análise de adultos, e ela se concentrou em seus medos e ansiedades expressos em suas brincadeiras. Com uma abordagem completamente diferente, o trabalho pioneiro com crianças não foi muito bem recebido em Berlim, e ela foi tratada com certa desconfiança e desdém. Alix e James Strachey, no entanto, ficaram fascinados com seu trabalho e, em 1925, a convidaram para visitar Londres, onde as palestras que ela ofereceu foram calorosamente recebidas¹⁷.

1.1 PERDA E LUTO: A POSIÇÃO DEPRESSIVA

Klein teve tratamento psicanalítico com Karl Abraham em Berlim, embora isso tenha sido encerrado após apenas nove meses devido à doença e morte de Abraham no final de 1925. Após essa perda, Klein decidiu se mudar para Londres, onde ela passaria o resto de sua vida trabalhando como psicanalista e desenvolvendo a originalidade de seu trabalho. Ao longo de apenas alguns anos,

¹ QUINODOZ, J.-M. Le psychanalyste, conteneur actif de la contre-identification projective. In: Revue Française de Psychanalyse. Vol 58 (Spec Issue), 1994, p. 1597-1600.

² RAFAELSEN, L. Projections, Where Do they Go? In: Group Analysis. Vol 29(2), Jun 1996, 143-158.

³ QUINODOZ, D. Interpretations in projection. In: International Journal of Psycho-Analysis. Vol 75 (4) Ago, 1994, p. 755-761.

⁴ CASSORLA, R., M., S. In the tangle of projective cross-identifications with adolescents and their parentes. In: Kinderalyse. Vol 12(3) Jul, 2004, p. 183-230.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

ela se tornou uma figura central no mundo da psicanálise e na Sociedade Britânica. No entanto, seus primeiros trabalhos teóricos em Londres, incluindo “Early Stages of the Édipus Complex” (1928), e “The Importance of Symbol” (1930), continuaram a causar controvérsia no mundo psicanalítico da Europa Central¹⁴. Klein, sem se deixar intimidar por críticas ou oposição, permaneceu inalterada a curiosidade no mundo interior de seus pacientes adultos e crianças. Ao ancorar suas ideias teóricas tão firmemente em sua experiência clínica, Klein demonstrou que sua técnica psicanalítica de compreender e interpretar ansiedades, especialmente o medo ligado a impulsos agressivos, poderia liberar o paciente e permitir uma maior exploração de seus mundos internos¹⁵.

Embora o filho de Klein, Erich, e sua filha, Melitta, tenham se juntado a ela em Londres, foi com a morte de seu filho mais velho nos Alpes em 1934, aos 27 anos, que se somou a uma série de tragédias pessoais. Enquanto ela sofria por seu filho, ela continuou a trabalhar, produzindo dois artigos importantes sobre o que ela chamou de “posição depressiva”: Uma contribuição para a psicogênese dos estados maníaco-depressivos (1935), e Luto e sua relação com Estados Maníaco-Depressivos (1940). Nesses trabalhos, Klein mostrou como a criança toma consciência de que não controla seu mundo, mas, ao contrário, precisa e depende de figuras amorosas¹⁶. No entanto, na posição depressiva, a criança sente que “atacou” e “destruiu” aspectos dessas figuras tão necessárias, o que causa uma angústia dolorosa e, em circunstâncias favoráveis, desenvolve-se um desejo de restaurar e proteger esses objetos amorosos. A marca registrada do desenvolvimento na posição depressiva é a capacidade de preocupação e o desejo de fazer “reparação” pelos danos causados. A convulsão da Segunda Guerra Mundial trouxe ainda mais mudanças ao mundo de Klein. Ela se mudou para Pitlochry na Escócia por um curto período de tempo, onde tratou de Richard, de dez anos. O relato de sua análise é escrito como A Narrativa de uma Análise de Criança (1961) e este continua sendo um retrato vívido de sua compreensão dos medos e ansiedades de Richard em um momento turbulento da história¹⁷.

1.2 CONTROVÉRSIA E DESENVOLVIMENTO: A POSIÇÃO ESQUIZÓIDE-PARANÓIDE

Klein logo estaria envolvida em uma polêmica com Anna Freud e os outros analistas vienenses que haviam fugido da Europa nazista para a Inglaterra e, como ela, foram recebidos pela Sociedade Psicanalítica Britânica. Isso aconteceu tendo como pano de fundo o difícil relacionamento e distanciamento de Klein com sua filha Melitta, agora também analista da Sociedade Psicanalítica Britânica. Outros membros da Sociedade Psicanalítica Britânica, como Joan Rivière, Susan Isaacs e Paula Heimann, também tiveram suas contribuições, ampliando o conceito de psicanálise e suas vertentes. O mais renomado desses trabalhos é o de Susan Isaacs, The Nature and Function of Phantasy, que

❑ RACKER, H. The Meanings and Uses of Countertransference. In: Psychoanalytic Quarterly, Vol 76(3), Jul 2007, p. 725-777.

❑ REGAZZONI, G. G. Alcuni antecedenti teorici del concetto di interazione. In: Interazioni. Vol 2, 1997, p. 21-32.

❑ REID, S. (1997). The Generation of Psychoanalytic Knowledge: Sociological and Clinical Perspectives Part Two: Projective Identification-the other Side of the Equation. In: British Journal of Psychotherapy. Vol 13 (4), 1997, 542-554.

❑ STEINER, J. The aim of psychoanalysis in theory and in practice. In: International Journal of Psycho-Analysis. Vol 77(6) Dez 1996, 1073-1083.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

amplia e aprofunda o uso original de termos usados por Freud para cobrir toda atividade mental, sonhos, sintomas, brincadeiras, pensamentos e padrões de pensamento subjacentes ao mecanismo de defesa¹⁴.

Em 1946 Klein publicou Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. Neste artigo, Klein descreve que há um conjunto mecanismos de defesa, ansiedades que são identificados já nos três primeiros meses de vida e que é conceituado como “posição esquizoparanóide”, um estado mental universal, do qual a posição depressiva pode emergir. Este artigo inovador menciona primeiro o conceito de identificação projetiva que se tornará um conceito muito usado e apreciado pelas futuras gerações de psicanalistas. A compreensão de Klein sobre os estados mentais primitivos possibilitou o tratamento de pacientes psicóticos e outros que, até então, não haviam sido considerados adequados para análise¹⁵.

Nas décadas de 1940 e 1950, um grupo de jovens analistas brilhantes cresceu em torno de Klein, inspirados por seu trabalho. Todos eles fizeram suas próprias contribuições muito significativas para a psicanálise; Destacam-se Wilfred Bion (1897-1979), Herbert Rosenfeld (1910-1986), Hanna Segal (1918-2011). Em 1952, uma coleção de artigos, *New Directions in Psychoanalysis*, foi publicada, baseada em uma edição especial do *International Journal of Psychoanalysis* comemorando o 70º aniversário de Melanie Klein¹⁶. As ideias desta publicação permitiram-lhe a promoção de pesquisas e formações com base nas suas ideias¹⁷.

O artigo final de Melanie Klein, Sobre o sentido da solidão, foi publicado três anos após sua morte e continua sendo uma integração comovente e madura de seu trabalho e um importante estudo da condição humana. Seu legado, assim como sua vida, permanece controverso. Apesar dos obstáculos enfrentados por Klein, sendo uma mulher nascida no auge do império austro-húngaro, sem educação formal e que sofreu muitas tragédias pessoais, ela ultrapassou os limites da psicanálise. Ela ousou fazer suas próprias observações do encontro psicanalítico, ter ideias originais sobre a formação do mundo interno e, o mais radical de tudo, colocou as paixões e experiências do bebê no centro de nossa compreensão do desenvolvimento humano¹⁸.

Os escritos de Melanie Klein se destacam: Volume 1 - Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos (1921-45), Volume 2 - A Psicanálise das Crianças, Volume 3 - Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946-63), Volume 4 - Narrativa da análise de uma Criança (1932). Em seguida podemos apresentar algumas perspectivas sobre o pensamento de Melanie Klein.

¹⁴ DELOUYA, D. Sobre a comunicação: Entre Freud (1895) e Klein (1946). In: Estudos em Teoria Psicanalítica. Vol 5(1), Jan-Jun 2002, p. 79-90.

¹⁵ STEINER, J. Containment, enactment and communication. In: *International Journal of Psychoanalysis*. Vol 81(2) Abr 2000, p. 245-255.

¹⁶ SZECSÖDY, I. “On Steiner’s Containment, enactment and communication”. In: *International Journal of Psychoanalysis*. Vol 82(1) Fev 2001, p. 173-174.

¹⁷ STEINER, R. Some notes on the ‘heroic self’ and the meaning and importance of its reparation for the creative process and the creative personality. In: *International Journal of Psycho-Analysis*. Vol 80(4), Ago 1999, p. 685-718.

¹⁸ KLEIN, M. On identification. Madison, CT: International Universities Press. Inc. Knapp, H. D. (1989). Projective identification: Whose projection-whose identity? In: *Psychoanalytic Psychology*. Vol 6(1) 1989, p. 47-58.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

2.2 RELAÇÕES OBJETAIS

Klein acreditava que uma criança nasce com a capacidade e o impulso de se relacionar com os outros. Um problema inerente a essa realidade, no entanto, é que o bebê deve estar preparado para lidar com todos os tipos de pessoas e relacionamentos¹⁴. Assim, Klein acreditava que o instinto de morte e sua energia agressiva são tão importantes quanto o instinto de vida (Eros) e sua energia libidinal:

O que acontece então é que a libido entra em luta com os impulsos destrutivos e gradualmente consolida suas posições... forças libidinais quando estas ganharam força. Como sabemos, nos primeiros estágios de desenvolvimento, o instinto de vida deve exercer seu poder ao máximo para se manter contra o instinto de morte. Mas esta mesma necessidade estimula o crescimento da vida sexual do indivíduo.¹⁵

À medida que a criança continua a desenvolver-se, o amor torna-se a manifestação do instinto de vida e o ódio torna-se a manifestação do instinto de morte. Quanto às pessoas na vida da criança, a criança começará a reconhecer os elementos bons e ruins de seu apoio e relacionamento com a criança. A criança também reconhecerá aspectos bons e ruins de seus próprios pensamentos e comportamentos. Como resultado, a criança iniciará um processo conhecido como divisão, no qual as partes ruins de um objeto são separadas e não podem contaminar as partes boas do objeto. Em termos mais simples, uma criança pode continuar a amar seus pais, mesmo que haja momentos em que os pais não satisfaçam os impulsos da criança. Da mesma forma, a criança pode continuar a ter uma sensação positiva de auto-estima, mesmo que às vezes falhe ou faça coisas ruins¹⁶.

Como a criança nasce com os instintos de vida e os instintos de morte necessários para estabelecer e manter relações objetais, Klein não enfocou o desenvolvimento como uma série de estágios. Em vez disso, ela sugeriu duas orientações básicas de desenvolvimento que ajudam a criança a conciliar suas emoções e sentimentos em relação aos mundos interno e externo em que a criança existe: a posição esquizoparanoide e a posição depressiva. Os meios pelos quais a criança processa essas emoções e orientações baseiam-se em grande parte na fantasia. Klein acreditava que a criança é capaz de desenvolver, ao nascer, uma vida de fantasia ativa. Essa fantasia emana de dentro e imagina o que está fora¹⁷.

Segundo Klein, o primeiro objeto da criança é a mãe do bebê. Klein acreditava que as relações objetais estão presentes no nascimento, e o primeiro objeto é o seio da mãe. Devido, em parte, ao

¹⁴ ÁLVAREZ, A. Alargando a ponte: Comentário sobre artigos de Stephen Seligman e Robin C. Silverman e Alicia F. Lieberman. In: Diálogos Psicanalíticos. Vol 9(2), 1999, p. 205-217.

¹⁵ ÁLVAREZ, A. Identificação projetiva como comunicação: sua gramática em crianças psicóticas limítrofes. In: Diálogos psicanalíticos. Vol 7(6) 1997, p. 753-768.

¹⁶ DEMOS, E.V. A busca de modelos psicológicos: Comentário sobre artigos de Stephen Seligman e Robin C. Silverman e Alicia F. Lieberman. In: Diálogos Psicanalíticos. Vol 9(2), 1999, p. 219-227.

¹⁷ HENNINGSEN, F. Destruction and guilt: splitting and reintegration in the analysis of a traumatised patient. In: International Journal of Psychoanalysis. Vol 86(2) Abr, 2005, p. 353-373.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

trauma do nascimento, os impulsos “destrutivos” da criança são direcionados para o seio da mãe desde o início da vida. Os impulsos “destrutivos” são compreendidos no modo como a criança procura obter de forma impreterível a presença da mãe para saciar seus desejos e necessidades. À medida que a criança fantasia em “atacar” e “destruir” sua mãe, ela começa a temer retaliação. Isso leva à posição paranóica. Por causa desse medo, e para se proteger, a criança inicia o processo de divisão do seio da mãe e, de si mesmo, em partes boas e ruins (posição esquizóide)¹⁷. A criança, então, conta com dois principais mecanismos de defesa para reduzir essa ansiedade: a introjeção leva a criança a incorporar em si as partes boas do objeto, e a projeção envolve focalizar as partes ruins do objeto. Essa introjeção e projeção fornecem então a base para o desenvolvimento do ego e do superego.¹⁸

À medida que a criança vai se desenvolvendo, torna-se intelectualmente capaz de considerar a mãe, ou qualquer outro objeto, como um todo. Em outras palavras, a mãe pode ser boa e má. Com essa percepção, a criança começa a sentir culpa e tristeza pela “destruição” da mãe anteriormente fantasiada. Isso resulta na posição depressiva e representa um avanço da maturidade da criança¹⁹. Melanie Klein dá ênfase na agressão e no instinto de morte. Parece razoável considerar a agressão tão importante no desenvolvimento humano quanto a libido. As relações objetais contribuíram para identificar os desdobramentos do pensamento de Melanie Klein e qual a relevância do pensamento dela para a psicanálise²¹.

3 FANTASIA INCONSCIENTE

Os psicanalistas kleinianos consideram o inconsciente como composto de fantasias de relações com objetos. Essas fantasias são a representação mental dos instintos e, portanto, são consideradas primárias.²²

Quando Freud enfatizou o significado psicológico do trauma infantil, passando de um modo de pensar fisiológico para um psicológico, priorizando assim o mundo interno. O paradigma do mundo psicológico era a fantasia inconsciente de complexo de Édipo. Freud contrastou essa fantasia libidinal interna (o complexo de Édipo) com a fantasia dessexualizada que serve de base para lançar novos tipos de atividade sublimada em um amplo domínio²³. O papel da fantasia na sublimação da libido em

¹⁷ SÉGUIN, M.-H. Transmissão intergeracional do trauma. In: Psicoterapias. Vol 27(3), 2007, p. 149-160.

¹⁸ HERBERT, J. C. O Par Analítico em Ação: Encontrando a Vida Mental Desaparecida: Uma Abordagem Intersubjetiva. In: Estudo Psicanalítico da Criança. Vol 61, 2006, p. 20-55.

¹⁹ ÁLVAREZ, A. Uma visão desenvolvimentista de ‘defesa’. A criança psicótica limítrofe. Filadélfia, PA: Taylor & Francis, 2000, p. 854-856.

²¹ SEGAL, J. Your feelings or mine? Projective identification in a context of counseling families living with multiple sclerosis. In: Psychodynamic Practice. Vol 9(2) Mai 2003, p. 153-171.

²² GABARD, G. O. A contemporary psychoanalytic model of countertransference. In: Journal of Clinical Psychology. Vol 57(8) Ago 2001, p. 983-991.

²³ SEGAL, J. The effects of multiple sclerosis on relationships with therapists. In: Psicoterapia Psicanalítica. Vol 21(2) Jun 2007, p. 168-180.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

atividades como devaneios e criação estética é bem diferente das fantasias inconscientes primárias que provocam os conflitos do início do complexo de Édipo²⁷.

A fantasia inconsciente seria a representação mental do instinto. Em outras palavras, a libido, desde o início, é uma atividade da mente, apesar de suas origens e funções fisiológicas. Assume a forma de uma fantasia de realizar, uma atividade (oral, anal ou genital) com um objeto. Com base em fantasias como a expressão crua do instinto, a mente primitiva do bebê pode começar a se reordenar por meio de outras fantasias primitivas de projeção, introjeção, cisão e negação, e assim pode se livrar das experiências e terrores dos conflitos primitivos²⁸.

Uma sequência de desenvolvimento começa com as fantasias inconscientes do complexo de Édipo em seus estágios iniciais e evolui, através do medo (por exemplo, ansiedade de castração), para uma forma dessexualizada: devaneios. O devaneio, expresso pelas crianças em suas brincadeiras incansáveis, é uma atividade importante. A psicanálise clássica enfatiza o devaneio e suas oportunidades sublimatórias, enquanto a psicanálise kleiniana enfatiza as raízes da vida de fantasia no inconsciente²⁹. A análise infantil desenvolvida por Melanie Klein demonstrou o funcionamento do inconsciente nas fantasias do brincar. Klein desenvolveu sua técnica com base em como as figuras são reposicionadas no jogo. Isso levou a uma teoria de como os objetos são posicionados em relação uns aos outros e ao self da criança. Klein reconhecia nos detalhes da brincadeira a atitude defensiva da criança, bem como os impulsos primários e conflitantes da criança. As raízes inconscientes dos impulsos e defesas se expressam nas relações com os objetos³⁰.

A natureza das primeiras fantasias primárias foi muito debatida. Anna Freud contestou a afirmação de Melanie Klein de que o bebê tem fantasias coerentes desde muito cedo. Ela considerava as fantasias inconscientes que Klein e seus colegas relatavam como elaboração secundária em estágios posteriores de desenvolvimento. Para Anna Freud, o bebê se desenvolve cognitivamente ao estabelecer representações da realidade e dos objetos nela contidos, mas essas representações não se aglutinam em fantasias significativas e motivadoras até depois das fases de autoerotismo e narcisismo primário³¹.

4 IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA

Identificação Projetiva (ou IP) é um termo psicológico que foi introduzido pela primeira vez por Melanie Klein a partir das relações de objetos, abordagem esta que se tornou expressivo no pensamento psicanalítico em 1940+6. Refere-se a um processo psicológico no qual uma pessoa projeta um

²⁷ GABARD, G. O. Contribuições de Joseph Sandler para o conceito de contratransferência. In: Investigação psicanalítica. Vol 25(2), 2005, p. 184-195.

²⁸ GARCIA, S., G., BALLESTEROS, R., R., ARIZA, D., S. Distúrbios de comportamento do adolescente. Observações de uma perspectiva sistêmico-relacional. In: Revista Psiquis. Vol 24(1), 2003, p. 5-14.

²⁹ PLENKER, F., P. Origins and essential features of kleinian developments. In: Psyche: Zeitschrift für Psychoanalyse und ihre Anwendungen. Vol 59(8), Ago 2005, p. 685-717.

³⁰ POGGI, R., G. Robert Caper on 'A mind of one's own'. In: International Journal of Psycho-Analysis. Vol 79(2) Abr, 1998, p. 388-390.

³¹ CASSORLA, R., M., S. In the tangle of projective cross-identifications with adolescents and their parentes. In: Kindernalyse. Vol 12(3) Jul, 2004, p. 183-230.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

pensamento ou crença em uma segunda pessoa. Nas definições mais comuns de identificação projetiva, a segunda pessoa é mudada pela projeção e começa a se comportar como se ela fosse de fato caracterizada pelos pensamentos ou crenças que foram projetadas. Este é um processo que geralmente acontece fora da consciência de ambas as partes envolvidas, embora isso tenha sido motivo de alguma discussão. O que é projetado na maioria das vezes é uma ideia ou crença intolerável, dolorosa ou perigosa sobre o eu que a primeira pessoa não pode tolerar (ou seja, “Eu me comportei de forma errada” ou “Eu tenho um sentimento sexual por...”).²⁷

Acredita-se que a identificação projetiva seja um processo psicológico muito primitivo entendido como um dos mecanismos de defesa. No entanto, também é considerada a base a partir da qual processos psicológicos mais maduros, como empatia e intuição, são formados²⁸.

A identificação projetiva é um processo no qual a parte do eu é projetada em um objeto externo. O objeto externo experimenta uma indefinição dos limites ou definições do eu e do outro. Isso ocorre durante uma interação interpessoal em que o projetor pressiona ativamente o receptor a pensar, sentir e agir de acordo com a projeção. O destinatário da projeção então processa ou “metaboliza” a projeção para que possa ser reintegrada pelo projetor³¹.

Existem diferentes definições de identificação projetiva e há divergências quanto a vários de seus aspectos. Por exemplo, onde o processo começa e termina, exatamente “o que” é projetado e o que é “recebido”, uma segunda pessoa é necessária para que a identificação projetiva ocorra, para o desenvolvimento da consciência em qualquer das partes envolvidas.³²

Como defesa, um paciente psiquiátrico, por exemplo, pode usar IP para negar a verdade de sentimentos ou crenças indesejáveis, projetando-os na outra pessoa. Além disso, como o analista começa a encenar inconscientemente esses sentimentos ou crenças (mesmo que originalmente fossem estranhos a ele), o paciente está, em certo sentido, “controlando” a interação com o analista. Isso é muitas vezes experimentado pelo analista como uma pressão sutil para se comportar ou acreditar de uma determinada maneira; mas é uma influência à qual o analista geralmente não está atento ou não é experimentada conscientemente. Ao influenciar o analista a se comportar de uma determinada maneira, evita-se que material mais exploratório, original e vulnerável entre na discussão³³.

A identificação projetiva também funciona como um modo de comunicação. A primeira pessoa “dá” seus pensamentos ou sentimentos indesejados à segunda pessoa. Em vez de comunicar esses pensamentos ou sentimentos com palavras, o conteúdo indesejado é dado diretamente à segunda pessoa. Desta forma, a segunda pessoa pode entender o que a primeira pessoa está experimentando, mesmo que a primeira pessoa não esteja ciente de tal experiência³⁴.

²⁷ FELDMAN, M. Identificação projetiva em fantasia e encenação. In: Investigação Psicanalítica. Vol 14(3), 1994, p. 423-440.

²⁸ RIVERA R. de, Empatia e empatia. In: Revista Psiquis. Vol 25(6), 2004, p. 5-7.

³¹ FELDMAN, M. Projective identification: the analyst's involvement. In: International Journal of Psycho-Analysis. Vol 78(2) Abr, 1997, p. 227-241.

³² FERREIRA, T. Identificação em contratransferência. In: Revista Portuguesa de Psicanálise. Nº 17 Maio 1998, p. 43-62

³³ FERRO, A. O diálogo analítico: mundos possíveis e transformações no campo analítico. In: Revista de Psicanálise. Vol 51(4) Ago-Dez 1994, p. 773-790.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

A identificação projetiva é muitas vezes experimentada não como um incidente isolado, mas como uma série de projeções e identificações e contraprojeções e contra-identificações que evoluem em um relacionamento ao longo do tempo. Um exemplo disso pode ser a díade mãe/bebê ou um casal de marido e mulher. Nesses casos, há uma economia ou transação emocional contínua entre os parceiros que ocorre ao longo de todo um relacionamento³⁷.

É possível verificar múltiplas motivações para a identificação projetiva, incluindo: controlar o objeto, adquirir seus atributos, evacuar uma má qualidade, proteger uma boa qualidade, evitar a separação. Aqui está um exemplo simples de identificação projetiva em um ambiente psiquiátrico:

Um paciente traumatizado descreve a seu analista um incidente horrível que ele experimentou recentemente. No entanto, ao descrever esse incidente, o paciente permanece emocionalmente inalterado ou mesmo indiferente ao seu próprio sofrimento óbvio e talvez até ao sofrimento de seus entes queridos. Quando perguntado, ele nega ter qualquer sentimento sobre o evento. No entanto, quando a analista ouve essa história, ela começa a sentir sentimentos muito fortes (ou seja, talvez tristeza e/ou raiva) em resposta. Ela pode chorar ou ficar indignada com razão em nome do paciente, representando assim os sentimentos do paciente resultantes do trauma. Sendo uma analista bem treinada, no entanto, ela reconhece o profundo efeito que a história de seu paciente está tendo sobre ela. Reconhecendo para si mesma os sentimentos que ela está tendo, ela sugere ao paciente que talvez ele esteja tendo sentimentos que são difíceis de vivenciar em relação ao trauma. Ela processa ou metaboliza essas experiências em si mesma e as coloca em palavras e as comunica para o paciente. Idealmente, então o paciente pode reconhecer em si mesmo as emoções ou pensamentos que antes não podia deixar entrar em sua consciência. Outro exemplo comum é a díade mãe/filho, onde a mãe é capaz de vivenciar e atender às necessidades de seu filho quando este muitas vezes não consegue expressar suas próprias necessidades. Então, o paciente pode reconhecer em si mesmo as emoções ou pensamentos que antes não podia deixar entrar em sua consciência.³⁸

Os exemplos acima descrevem a identificação projetiva no contexto de uma díade. No entanto, a IP também ocorre dentro de um contexto de grupo, “o analista sente que está sendo manipulado para desempenhar um papel, não importa quão difícil de reconhecer, na fantasia de outra pessoa”³⁹. Essa ligação contínua entre o processo intrapsíquico interno e a dimensão interpessoal forneceu a base para a compreensão de aspectos importantes da vida grupal e organizacional. Os estudos de grupos de Bion examinaram como os fenômenos grupais compartilhados e colusivos,

³⁷ FERRO, A. “Characters” and their precursors in depression : experiences and transformation in the course of therapy. In: Journal of Melanie Klein & Object Relations. Vol 17(1), 1999, p. 119-133.

³⁸ LEAR, J. Jumping from the couch: an essay on phantasy and emotional structure. In: International Journal of Psychoanalysis. Vol 83(3) Jun, 2002, p. 583-595.

³⁹ LEIMAN, M. Projective identification as early joint action sequences: a Vygotskian addendum to the Procedural Sequence Object Relations Model. In: British Journal of Medical Psychology. Vol 67(2) Jun 1994, p. 97-106.

⁴⁰ LENTON, A., P. BRYAN, A., HASTIE, R., FISCHER, O. Queremos a mesma coisa: Projeção em julgamentos de intenção sexual. In: Boletim de Personalidade e Psicologia Social. Vol 33(7) Jul, 2007, p. 975-988.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

como bode expiatório, pensamento de grupo e contágio emocional estão todos enraizados no uso coletivo da identificação projetiva. De fato, os sociólogos costumam ver a identificação projetiva em ação no nível social na relação entre grupos minoritários e a classe majoritária³².

CONCLUSÃO

Para um estudo antropológico, Melanie Klein fez contribuições significativas para o campo da psicanálise. Ela relevou a importância dos impulsos biológicos, particularmente o desejo sexual, e enfatizou a importância das relações interpessoais no campo psicanalítico. Ela destacou particularmente a importância da relação mãe-filho no desenvolvimento infantil. Sua técnica de ludoterapia, que ela desenvolveu para uso com crianças, continua sendo amplamente utilizada.

Sua teoria das relações objetais continuou a ser desenvolvida nas décadas de 1940 e 1950 por psicólogos britânicos, e essa escola britânica de relações objetais tornou-se bastante influente. A pesquisa em psicologia do desenvolvimento tem apoiado sua tese de que a formação do mundo mental é possibilitada pela interação interpessoal criança-pai.

Melanie Klein e Anna Freud, foram as primeiras a aplicar teorias psicanalíticas para tratar distúrbios afetivos em crianças, embora suas abordagens fossem radicalmente diferentes. Suas diferenças levaram a conflitos e divisões entre psicanalistas infantis que persistiram por décadas inicialmente na Europa e se espalhando para os Estados Unidos, onde o grupo de Anna Freud foi inicialmente dominante. A partir da década de 1970, porém, com o desenvolvimento da abordagem interpessoal da psicanálise e a influência da psicologia do ego, as ideias de Melanie Klein ganharam maior destaque.

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ, A. Alargando a ponte: Comentário sobre artigos de Stephen Seligman e Robin C. Silveman e Alicia F. Lieberman. In: Diálogos Psicanalíticos. Vol 9(2), 1999, p. 205-217.

ÁLVAREZ, A. Identificação projetiva como comunicação: sua gramática em crianças psicóticas limítrofes. In: Diálogos psicanalíticos. Vol 7(6) 1997, p. 753-768.

ÁLVAREZ, A. Uma visão desenvolvimentista de 'defesa'. A criança psicótica limítrofe. Filadélfia, PA: Taylor & Francis, 2000.

CASSORLA, R., M., S. In the tangle of projective cross-identifications with adolescents and their parentes. In: Kinderanalyse. Vol 12(3) Jul, 2004, p. 183-230.

DELOUYA, D. Sobre a comunicação: Entre Freud (1895) e Klein (1946). In: Estudos em Teoria Psica-

³² LEITÃO, L., G. Contratransferência: Uma revisão da literatura sobre o conceito. In: Análise Psicológica. Vol 21(2) Abr-Jun, 2003, p. 175-183.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

nalítica. Vol 5(1), Jan-Jun 2002, p. 79-90.

DEMOS, E.V. A busca de modelos psicológicos: Comentário sobre artigos de Stephen Seligman e Robin C. Silverman e Alicia F. Lieberman. In: Diálogos Psicanalíticos. Vol 9(2), 1999, p. 219-227.
FELDMAN, M. Identificação projetiva em fantasia e encenação. In: Investigação Psicanalítica. Vol 14(3), 1994, p. 423-440.

FELDMAN, M. Projective identification: the analyst's involvement. In: International Journal of Psycho-Analysis. Vol 78(2) Abr, 1997, p. 227-241.

FERREIRA, T. Identificação em contratransferência. In: Revista Portuguesa de Psicanálise. Nº 17 Maio 1998, p. 43-62.

FERRO, A. O diálogo analítico: mundos possíveis e transformações no campo analítico. In: Revista de Psicanálise. Vol 51(4) Ago-Dez 1994, p. 773-790.

FERRO, A. "Characters" and their precursors in depression : experiences and transformation in the course of therapy. In: Journal of Melanie Klein & Object Relations. Vol 17(1), 1999, p. 119-133.

GABARD, G. O. A contemporary psychoanalytic model of countertransference. In: Journal of Clinical Psychology. Vol 57(8) Ago 2001, p. 983-991.

GABARD, G. O. Contribuições de Joseph Sandler para o conceito de contratransferência. In: Investigação psicanalítica. Vol 25(2), 2005, p. 184-195.

GARCIA, S., G., BALLESTEROS, R., R., ARIZA, D., S. Distúrbios de comportamento do adolescente. Observações de uma perspectiva sistêmico-relacional. In: Revista Psiquis. Vol 24(1), 2003, p. 5-14.
HENNINGSEN, F. Destruction and guilt: splitting and reintegration in the analysis of a traumatised patient. In: International Journal of Psychoanalysis. Vol 86(2) Abr, 2005, p. 353-373.

HERBERT, J. C. O Par Analítico em Ação: Encontrando a Vida Mental Desaparecida: Uma Abordagem Intersubjetiva. In: Estudo Psicanalítico da Criança. Vol 61, 2006, p. 20-55.

KLEIN, M. On identification. Madison, CT: International Universities Press. Inc. Knapp, H. D. (1989). Projective identification: Whose projection-whose identity? In: Psychoanalytic Psychology. Vol 6(1) 1989, p. 47-58.

LEAR, J. Jumping from the couch: an essay on phantasy and emotional structure. In: International Journal of Psychoanalysis. Vol 83(3) Jun, 2002, p. 583-595.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

LEIMAN, M. Projective identification as early joint action sequences: a Vygotskian addendum to the Procedural Sequence Object Relations Model. In: British Journal of Medical Psychology. Vol 67(2) Jun 1994, p. 97-106.

LENTON, A., P, BRYAN, A., HASTIE, R., FISCHER, O. Queremos a mesma coisa: Projeção em julgamentos de intenção sexual. In: Boletim de Personalidade e Psicologia Social. Vol 33(7) Jul, 2007, p. 975-988.

LEITÃO, L., G. Contratransferência: Uma revisão da literatura sobre o conceito. In: Análise Psicológica. Vol 21(2) Abr-Jun, 2003, p. 175-183.

PLENKER, F., P. Origins and essential features of kleinian developments. In: Psyche: Zeitschrift fur Psychoanalyse und ihre Anwendungen. Vol 59(8), Ago 2005, p. 685-717.

POGGI, R., G. Robert Caper on 'A mind of one's own'. In: International Journal of Psycho-Analysis.

QUINODOZ, J.-M. Le psychanalyste, conteneur actif de la contre-identification projective. In: Revue Française de Psychanalyse. Vol 58 (Spec Issue), 1994, p. 1597-1600.

QUINODOZ, D. Interpretations in projection. In: International Journal of Psycho-Analysis. Vol 75 (4) Ago, 1994, p. 755-76Vol 75 1.

RAFAELSEN, L. Projections, Where Do they Go? In: Group Analysis. Vol 29(2), Jun 1996, 143-158.

RACKER, H. The Meanings and Uses of Countertransference. In: Psychoanalytic Quarterly, Vol 76(3), Jul 2007, p. 725-777.

REGAZZONI, G. G. Alcuni antecedenti teorici del concetto di interazione. In: Interazioni. Vol 2, 1997, p. 21-32.

REID, S. (1997). The Generation of Psychoanalytic Knowledge: Sociological and Clinical Perspectives Part Two: Projective Identification-the other Side of the Equation. In: British Journal of Psychotherapy. Vol 13 (4), 1997, 542-554.

RIVERA R. de, Empatia e ecpatia. In: Revista Psiquis. Vol 25(6), 2004, p. 5-7.

SEGAL, J. Your feelings or mine? Projective identification in a context of counseling families living with multiple sclerosis. In: Psychodynamic Practice. Vol 9(2) Mai 2003, p. 153-171.

SEGAL, J. The effects of multiple sclerosis on relationships with therapists. In: Psicoterapia Psicanalítica. Vol 21(2) Jun 2007, p. 168-180.

SÉGUIN, M.-H. Transmissão intergeracional do trauma. In: Psicoterapias. Vol 27(3), 2007, p. 149-160.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pós-Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor nos Cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova

STEINER, J. The aim of psychoanalysis in theory and in practice. In: International Journal of Psycho-Analysis. Vol 77(6) Dez 1996, 1073-1083.

STEINER, J. Containment, enactment and communication. In: International Journal of Psychoanalysis. Vol 81(2) Abr 2000, p. 245-255.

STEINER, R. Some notes on the 'heroic self' and the meaning and importance of its reparation for the creative process and the creative personality. In: International Journal of Psycho-Analysis. Vol 80(4), Ago 1999, p. 685-718.

SZECSÖDY, I. "On Steiner's Containment, enactment and communication". In: International Journal of Psychoanalysis. Vol 82(1) Fev 2001, p. 173-174.

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

RESUMO

O processo de cadastramento de materiais é uma atividade-meio que requer empenho e atenção elevada, uma vez que se trata da organização dos dados que resulta na comunicação padronizada com seus funcionários, fornecedores e clientes. No entanto, em muitas organizações essa tarefa não é vista como estratégica, causando retrabalhos, compras incorretas, desabastecimento de estoque e prejuízos financeiros. O artigo é constituído em estudo de caso, realizado em torno da gestão do processo de cadastro de materiais em um centro médico, que tem por objetivo verificar o impacto e a real importância do cadastro para as atividades fim da organização. A pesquisa foi fundamentada no referencial teórico, e a coleta de dados ocorreu mediante entrevista e aplicação de questionário que demonstraram a relevância do cadastro, no entanto pontos críticos no processo de cadastro do material foram verificados. Após análise conclui-se que na organização de saúde estudada a atividade de cadastro tem sua relevância potencializada, uma vez que a informação errada ou ainda incompleta pode inviabilizar um atendimento ao cliente final, tendo consequências irreversíveis, assim como o risco para a sustentabilidade da organização.

Palavras-chave: Gestão por Processos, Administração de Materiais, Classificação de Materiais, Cadastramento de Itens, Gestão Hospitalar

ABSTRACT

The material registration process is a support activity that requires high effort and attention, as it involves organizing the data that results in standardized communication with your employees, suppliers and customers. However, in many organizations this task is not seen as strategic, causing rework, incorrect purchases, stock shortages and financial losses. The article consists of a case study, carried out around the management of the material registration process in a medical center, what has for objective to check the impact and real importance of registration for the organization's core activities. The research was based on the theoretical framework, and data collection occurred through interviews and the application of a questionnaire that demonstrated the relevance of registration, however critical points in the material registration process were verified. After analysis, it is concluded that in the health organization studied the activity has its relevance enhanced, since incorrect or incomplete information can make service to the end customer unfeasible, having irreversible consequences, as well as the risk to the sustainability of the organization.

Keywords: Process Management, Materials Management, Material Classification, Item Registration, Hospital Management.

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

1 INTRODUÇÃO

O emprego da gestão de processos representa uma ferramenta indispensável em toda e qualquer organização, haja vista a necessidade de tornar os fluxos de trabalho bem orientados e organizados para a realização do monitoramento e do controle das atividades a serem desempenhadas. É de extrema importância para todo administrador que pretenda conhecer todas as etapas que constituem o processo, a otimização e a busca de melhorias de forma contínua, fatores que levam a organização à competitividade, à eficiência, à eficácia e à efetividade.

Outro ponto crucial para alcançarem a eficiência consiste na gestão de dados por meio de banco de dados cadastrais, considerando que a nenhum gestor é dado assumir decisões significativas sem antes possuir uma base de dados bem definida e organizada.

Se antes o controle dos processos era um diferencial para as empresas, hoje a falta do controle dos processos pode resultar na sua ineficiência, na inércia, no desperdício de recursos, na desorganização. A empresa que não conhece profundamente seus mecanismos internos, certamente está fadada ao fracasso, pois planejar, executar, medir e controlar são etapas primordiais para o êxito empresarial, mas não sem organização.

Para as empresas em geral, imperioso se faz ter os processos bem definidos, assim como uma base de dados devidamente atualizada, posto que o menor erro poderá resultar em prejuízos financeiros, causando atrasos nas entregas, dentre outros fatores, que devem ser sanados. Já em uma organização de saúde, que tem como objetivo prover o bem-estar e a recuperação da saúde, à atenção como os processos e aos bancos de dados deve ser redobrada, uma vez que a falta da organização, pode acarretar problemas irrecuperáveis, um risco para organização e principalmente aos seus clientes/pacientes.

Verifica-se que nas organizações de saúde executa-se uma gama de procedimentos, serviços desenvolvidos por diversos profissionais, o que torna as atividades complexas e de difícil gestão.

O processo de cadastramento de materiais médico-hospitalares, é uma atividade de apoio ao serviço prestado nas organizações de saúde para manter a base de dados bem organizada, atualizada, observando a descrição do medicamento de forma padronizada, codificada, com suas características e normatização, provendo qualidade aos serviços prestados, como também redução nos custos com materiais. Porém, em muitas organizações essa tarefa não é vista como estratégica e para isso se faz necessário o questionamento: Qual a importância do cadastro de medicamentos médico-hospitalares na organização estudada?

O objetivo deste estudo quali-quantitativo foi analisar a gestão de processos no cadastramento dos materiais hospitalares em um centro médico no município de Cachoeira Paulista. Com isto, pretende-se: (I) descrever o processo de cadastramento de materiais hospitalares na organização estudada; (II) verificar se há integração entre os setores envolvidos no processo; e (III) realizar levantamento bibliográfico sobre o cadastro de materiais hospitalares em instituições da área de saúde.

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

A presente pesquisa é um estudo de caso, exploratório com natureza quali-quantitativa desenvolvida em um centro médico no Município de Cachoeira Paulista. Trata-se de uma instituição filantrópica que tem 27 anos de serviços prestados de promoção do bem-estar e de recuperação da saúde. Atualmente a organização oferta os serviços médicos, odontológicos, de enfermagem, fisioterápicos, psicológicos, laboratoriais, ultrassonografia, de farmácia, acompanhamento do método de ovulação billings, além do atendimento social.

Segundo Brasil (2002) Ministério da Saúde, através de sua portaria 30 - BSb de 11 de fevereiro de 1977, classifica Centro Médico como “uma unidade sanitária, complexa, destinada a prestar assistência médico-sanitária a uma população, contando com ambulatorios para assistência médica permanente”.

O estudo tem a finalidade de demonstrar, esclarecer a seguinte questão: qual a importância do cadastro de medicamentos médico-hospitalares na organização estudada?

Para Yin (2001, p.32):

O estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas.

Martins (2008) complementa a definição de Yin (2001) e afirma que o estudo de caso é uma investigação de uma situação real, baseado na experiência vivida e na observação, no qual não se tem controle sobre os eventos e manifestações do fenômeno. A pesquisa tem como finalidade o aprendizado, um mergulho profundo e exaustivo em um objetivo delimitado.

Para que a pesquisa tenha características científicas de um estudo de caso, metodologia a ser aplicada, Martins (2008, p. 9) relata que:

O trabalho de campo, Estudo de Caso, deverá ser precedido por um detalhado planejamento, a partir de ensinamentos advindos do referencial teórico e das características próprias do caso. Inclui a construção de um protocolo de aproximação com o caso e de todas as ações que serão desenvolvidas até se concluir o estudo.

Para Yin (2001, p. 42):

Para um estudo de caso, são especialmente importantes cinco componentes de um projeto de pesquisa: 1. as questões de um estudo; 2. suas proposições, se houver; 3. sua(s) unidade(s) de análise; 4. a lógica que une os dados às proposições; e 5. os critérios para se interpretar as descobertas.

O estudo foi aplicado em quatro etapas, sendo a primeira o levantamento do referencial teórico, buscando informações em livros e artigos, referentes à gestão de processos de materiais em

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

unidades de saúde. Na segunda foi realizada a coleta de dados com aplicação de:

I) entrevista estruturada, com 5 perguntas abertas para a gestora da organização;

II) entrevista semiestruturada para 2 colaboradores envolvidos no processo de cadastro e

III) questionário via google forms com 5 perguntas fechadas para os funcionários envolvidos no processo da atividade de cadastramento.

Na penúltima etapa desenvolveu-se o mapeamento do processo de cadastro de materiais médico-hospitalares, via fluxograma, e por última etapa a análise conclusão dos fatos levantados.

Uma solicitação foi enviada à organização de saúde estudada, pleiteando autorização da realização da pesquisa via e-mail, e mediante autorização aplicou-se o questionário e as entrevistas. E após foi elaborado o mapeamento do processo da atividade de cadastramento de materiais. O questionário com as 5 perguntas fechadas foi aplicado em 10 funcionários, sendo eles da parte operacional, do Laboratório, da área de odontologia, da clínica médica, os enfermeiros e para funcionários da área administrativa, o farmacêutico, o responsável pela solicitação de cadastro de novos medicamentos, compras, fiscal, e o contábil.

Portanto, para verificar a importância do processo de cadastros de materiais médico-hospitalares, foi elaborado um estudo de caso, através da aplicação de questionário quantitativo via google forms com 5 perguntas fechadas para os funcionários envolvidos no processo da atividade de cadastramento e entrevista qualitativa com 5 perguntas estruturadas para a gestora da organização estudada e também entrevista semiestruturada com dois colaboradores envolvidos no processo de cadastramento, verificando o fluxo, sequência das atividades. Após foi efetuado o mapeamento do processo em estudo, analisando sua eficiência e eficácia e efetividade, verificando qual o valor que o cadastro agrega aos clientes, seja este interno ou externo.

Na sequência serão abordadas temáticas relacionadas à gestão hospitalar, à administração de materiais e à gestão de processos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 GESTÃO HOSPITALAR

As organizações que prestam o nobre serviço de prover o bem-estar e a recuperação da saúde são organismos vivos como toda empresa, inseridas no cenário econômico. Correia, Cruz e Silva (2020, p.2278) contextualizam que:

A saúde é uma política social, fundamental para a melhoria da condição de vida, mas também é ao desenvolvimento econômico, produção de riqueza, inovação, crescimento e emprego de qualidade.

A atividade de saúde no Brasil tem significativa parcela na economia. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2022), no ano de 2019 o Brasil atingiu 9,6% de seu

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

Produto Interno Bruto - PIB com o consumo de bens e serviços de Saúde, conforme aponta a figura 1:



Figura 1 - Despesas com Consumo final de bens e serviços de saúde 2019 Fonte: IBGE (2022, p.1).

Embora representem significativa participação no cenário econômico, os estabelecimentos de saúde possuem um alto grau de complexidade, pois demandam a execução de vários serviços internos, que vão refletir na qualidade da prestação de serviços, tanto aos pacientes quanto à equipe hospitalar. Para Araújo (2022):

A complexidade do ambiente em que estão inseridas as organizações hospitalares, por conter os mais diversos setores, com os mais diferentes profissionais e com várias prestações de serviços, provoca uma maior demanda e necessidade de suma importância de informações confiáveis para a tomada das decisões.

A pluralidade dos serviços reflete também no equilíbrio do custo benefício das organizações. Para Bandeira e Bandeira (2021) o recurso financeiro é um dos fatores mais importantes para os administradores, visto que são escassos e incidem na necessidade do gerenciamento de seus custos, pois reflete diretamente na prestação dos serviços aos clientes.

Conforme Parente e Parente (2019), ao longo do tempo os hospitais passaram por diversas mudanças, chegando até seu modelo de gestão atual. Esclarecem Seixas e Melo (2004) que os hospitais eram vistos como uma instituição de caridade e tinham a frente de sua administração, religiosos, médicos, enfermeiros ou pessoas da comunidade, ou seja, eram pessoas que não possuíam habilidades para as funções e aprendiam através da experiência adquirida no cargo, objetivo que limitava a manter a estrutura física e cuidar das despesas com poucos recursos.

A utilização das técnicas advindas da ciência social da administração projeta um caminho para

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

se encontrar a melhor forma de gerir esses sistemas complexos.

Para Tanaka e Tamaki (2012) a gestão do serviço de saúde contempla as funções administrativas com o objetivo de que a organização tenha o máximo de eficiência (relação entre produtos e recursos empregados), eficácia (atingir objetivos estabelecidos) e efetividade (resolver os problemas identificados).

Para garantir a gestão saudável dos ativos da organização, o administrador precisa ter pleno conhecimento das atividades da empresa e de seus recursos e capacidades. Conforme Parente e Parente (2019), pensar em gestão hospitalar é antes de qualquer coisa ter o conhecimento da instituição como um todo, sua rotina de serviço e normas, reconhecendo seus pontos fortes e fracos, para assim definir o planejamento estratégico e atingir a eficiência do trabalho. Satim, Nunes e Prado (2020, p.2) concluem que:

A gestão hospitalar é um conjunto de práticas utilizadas na gestão do sistema de saúde. Abrange recursos humanos, materiais e processos para buscar atendimento de qualidade e eficiência. O departamento administrativo também é denominado gestão hospitalar, que auxilia no bom funcionamento de todos os departamentos de organizações públicas ou privadas que atuam na área da saúde.

O envolvimento de todas as áreas com olhar para os objetivos da organização reflete no melhor entendimento das atividades a serem executadas, visando melhorias aos processos. Para Vizzoni, Ferreira e Fagundes (2021) gerir por processos é a integração entre todas as funções desempenhadas por uma empresa em seus vários departamentos.

Complementa Vizzoni (2017) que no campo da saúde, os processos são base para a tomada de decisões, com o olhar para sua missão, que é de fornecer assistência médica.

Para o melhor gerenciamento dos processos e das atividades se faz necessário o auxílio de ferramentas. Para Costa, Campos e Prado (2020) o Modelo e Notação de Processos e Negócios (BPMN - Business Process Model and Notation), é uma ferramenta de gestão que confere à organização, melhoria

No processo gerencial na área de saúde um dos setores mais complexos e de maior custo, que exige constantes atualizações devido às mudanças e surgimentos de novos produtos é a área de gestão de materiais hospitalares.

dos fluxos de trabalho, além da redução de custos e a busca pela melhoria contínua das atividades.

Nas instituições de saúde a gestão de materiais é um dos processos mais complexos. Que ocupa boa parte do orçamento hospitalar, além de requer constante atualização. Garcia et al. (2012, p. 1) afirma que:

A busca pelo equilíbrio financeiro passa pelo setor de compras, uma vez que suprir a empresa com materiais na quantidade certa, no momento certo e com a qualidade e as características solicitadas garante acurácia dos materiais, economicidade e melhoria na eficiência da empresa.

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária ANVISA (2010) salienta que exigir de seus fornecedores o abastecimento de artigos médicos que tenha a especificação do produto, igual ao que foi

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

solicitado, se trata de uma estratégia que pode ser implantada nos serviços de saúde, sendo que a especificação técnica dos materiais reduz problemas, que venham a acontecer se não for observada a especificação do medicamento.

Buosi (2022) complementa que a especificação no cadastro de um material mal formulado, reflete no serviço de má qualidade, com riscos à segurança do cliente/paciente, considerando que o processo de cadastro de materiais médico-hospitalares é um pilar fundamental da administração de materiais, pois, além do ponto de vista da economia, traz organização para instituição.

Silva et al. (2016) esclarece que em empresas comerciais os custos com materiais são elevados, ultrapassando mais de 50 % do custo total dos produtos. Já as organizações que fornecem serviços de recuperação da saúde, os custos com material não apresentam elevada relevância financeira, porém, a criticidade da grande maioria dos itens é fator que eleva, em geral, a quantidade em estoques, o que exige grande precisão quanto aos dados sobre esses itens. A ANVISA (2010) traz ainda, que o planejamento, a padronização e definição de compras são os primeiros passos em um processo de qualificação dos materiais.

2.2 ADMINISTRAÇÃO DE MATERIAIS

A busca pela melhor utilização dos recursos materiais, pela economicidade, pelo equilíbrio entre o custo X benefício, pode ser encontrada na administração de materiais (AM). Fenili (2015) relata que os atributos da AM passam por:

- redução de custos;
- autonomia da gestão e responsabilização e
- promoção da transparência e do controle social.

Fenili (2015) ainda traz que a AM envolve vários setores tais como: compras, recebimento, armazenagem, distribuição e controle, setores esses que têm divergências de interesses entre si, porém, muitos dos fluxos de trabalho passam por esses setores, não se limitando a uma área específica.

A AM age no controle dos recursos materiais da empresa, proporcionando melhor resultado financeiro. Viana (2010) revela que o objetivo fundamental, crucial da AM é manter equilíbrio de seu estoque mediante o seu ressuprimento, acionado pela demanda. O autor questiona: por que sempre há falta de materiais, qual a necessidade de ter estoques, como controlar o seu consumo.

Arnold (2008, p.26) diz que “a administração de materiais é uma função coordenadora responsável pelo planejamento e controle do fluxo de materiais”. Ainda conforme Dias (2019), Gurgel (2017) e Arnold (2008), a AM assegura o equilíbrio e o resultado econômico, financeiro, porquanto atinge redução de seus custos operacionais, uma vez que os recursos materiais da empresa estão bem empregados.

Para Brandalise (2017) e Gurgel (2017) a evolução da AM inicia-se pelo reconhecimento da necessidade do controle dos recursos materiais. A evolução passa pelo artesão que realizava suas atividades de compra e controle de seus materiais, se desenvolvendo com a revolução industrial, sendo que atualmente intermedia os interesses entre a área produtiva e a financeira, levando-se em

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

consideração os seguintes fatores:

Quadro 1 - Evolução da Administração de Materiais

Percepção empresarial	Situação inicial	Processo de evolução	Estágio avançado	Situação atual
O administrador de materiais	Pessoa de recados	Funcionário a serviço da produção	Executivo conhecedor do mercado de abastecimento	Executivo que administra 60% dos custos e das despesas
Perfil do profissional	Pessoa bem considerada	Burocrata eficiente	Conhecedor de administração comercial e de mercados	Executivo com preparo técnico, econômico e legal
Progresso do profissional	Sem possibilidades	Comprador	Planejamento do negócio	Diretor executivo
Atividades da Administração de Materiais	Realiza despesas	Evita faltas e desmobiliza estoques excedentes	Planejamento estratégico	Concentração em uma visão de melhoria dos resultados

Fonte: Gurgel (2017, p.5).

Gurgel (2017, p.4) descreve as fases da evolução da AM conforme demonstra o Quadro 1 - Evolução da Administração de Materiais.

- Atividade exercida diretamente pelo proprietário da empresa, em que comprar era a essência do negócio;

- Atividade de compras como apoio às atividades produtivas e, portanto, integradas à área de produção;

- Coordenação dos serviços envolvendo materiais, começando com o planejamento das matérias-primas e a entrega de produtos acabados, em uma organização independente da área produtiva;

- Agregação à área logística das atividades de suporte à área de marketing; e

- Modelo atual da área de logística faz parte da Administração de materiais

A AM trouxe eficiência e eficácia para a gestão de estoque. Dias (2019, p.2) evidencia que:

Para se obter o controle sobre a gestão de materiais é preciso ter organização em sua base de dados, e assim obter o conhecimento das informações referentes aos recursos materiais empregados.

A verdade é que o enfoque da administração de materiais mudou o tradicional “produza, estoque, venda” para um conceito mais atualizado, que envolve “definição de mercado, planejamento do produto, apoio logístico”.

dos. Para Rêgo (2020), os dados são a base da matéria prima necessária para se obter o que todas as empresas desejam, que é a informação, para assim se atingir a sabedoria empresarial e, consequentemente, tomar decisões ágeis e corretas.

Nas palavras de Mattos, Pontes e Gutierrez (2018), as organizações possuem uma extensa lis-

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

ta de itens e para que se possa planejar e controlar suas ações, como também auxiliar o departamento de compras, é preciso classificar os materiais.

Para Gurgel (2017, p.128) uma das funções da AM é a “Classificação de Materiais - atividade responsável pela identificação, codificação e catalogação de materiais e fornecedores”.

2.2.1 CLASSIFICAÇÃO DE MATERIAIS

A classificação dos Materiais é o processo de estratificação que qualifica e eleva o desempenho das atividades da empresa, pois assim consegue definir suas prioridades. Segundo Brandalise (2017) e Viana (2010), a classificação de materiais colabora com o melhor resultado do gerenciamento dos estoques, uma vez que identifica os itens de maneira simplificada, facilita o seu controle físico e contábil, torna a comunicação clara e objetiva, evita a duplicidade em seu catálogo.

Nas palavras de Viana (2010), a classificação se adequa ao tipo de empresa, suas necessidades e deve ser analisada em sua totalidade com o objetivo de organizar sua estrutura, minimizando o risco da falta de mercadorias.

A classificação inicia-se pela demanda, indicando se o material é de estoque, ou não de estoque.

❑ Material de estoque: deve ter uma quantidade armazenada, tendo como critério normas para o reabastecimento, com base na necessidade prevista.

❑ Materiais de não estoque: são aqueles em que não há um padrão de consumo, tem demanda imprevisível, dessa forma são adquiridos para utilização imediata, sendo debitados no centro de custo de aplicação.

Classificam-se os materiais de estoque quanto:

- Sua aplicação: como material produtivo e improdutivo, sendo os materiais produtivos: matérias-primas, produtos em fabricação, produtos acabados, e os materiais improdutivos: os materiais de consumo geral.

- Quanto ao valor do consumo anual: é necessário separar os materiais que compõem a atividade fim, de suas atividades meio, voltando a atenção para o que realmente é importante, podendo ser classificada conforme curva ABC em que, o material A representa os materiais de grande valor, o material B de médio valor e o C de baixo valor de consumo.

- Quanto à importância operacional: observa-se a importância do material quanto ao seu reabastecimento, os materiais X com baixa relevância podem ser substituídos por um material similar, materiais Y intermediário com ou sem similar na empresa e materiais Z de alta relevância que não se têm similar na empresa, e sua falta acarreta na paralisação das atividades.

A figura 2 ilustra a classificação por tipo de demanda:

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

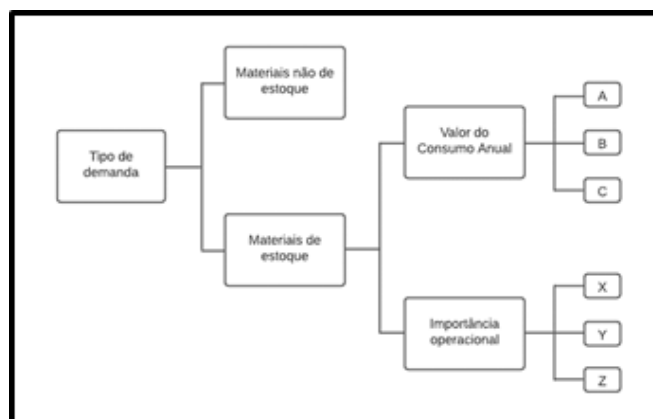


Figura 2 - Classificação por tipo de demanda

Fonte: Viana (2010, p.53)

2.2.2 CATALOGAÇÃO DE MATERIAIS

O início do processo acontece na necessidade da compra e no cadastro de materiais, pois trata da inserção da mercadoria no catálogo de itens da empresa, nas palavras de Alves (2021, p. 29)

O cadastramento é o registro das informações de identificação e distinção de uma mercadoria da empresa. É o início de uma gestão contínua que possibilita à empresa gerenciar seus ativos e por conseguinte alcançar seus objetivos comerciais, financeiros, econômicos e sociais. Ao cadastrar uma mercadoria, a empresa dá a ela uma “certidão de nascimento”, ou seja, o início de toda uma “vida” de comercialização que começa naquela data.

Alves (2021) revela que o cadastro por si só não é o bastante e deve se ater às atualizações dos dados visando a adequação comercial, tributária e gerencial, concluindo que o cadastro do material é utilizado por vários setores. Segundo Viana (2010, p. 74):

A especificação dos materiais propicia, entre outras, facilidades às tarefas de coleta de preços, negociação empreendida pelo comprador com o fornecedor, cuidados no transporte, identificação, inspeção, armazenagem e preservação dos materiais apresentando um conjunto de condições destinadas a fixar os requisitos e características exigíveis na fabricação e no fornecimento de materiais.

Dias (2019) relata que “Em função de uma boa classificação do material, pode se partir para a codificação do mesmo, ou seja, representar todas as informações necessárias, suficientes e desejadas por meio de números e letras”. Gurgel (2017) alerta para o risco da falta desse código que pode

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

resultar em uma compra errada. Habitualmente os documentos circulam na organização com nomes diferentes ou incompletos, causando falta de comunicação entre o que se deseja e o que está sendo comprado.

Silva et al. (2016) traz que a adoção de um sistema de códigos é primordial para o controle de estoque e para a identificação do item de forma padronizada, conforme ilustra a figura 3:

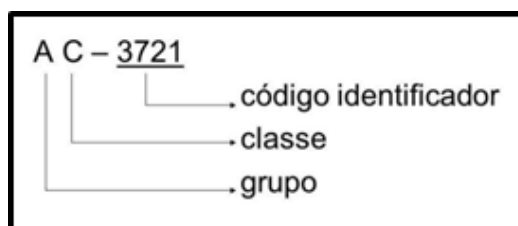


Figura 3 - Codificação de materiais
Fonte: Dias (2019, p.194).

A classificação dos materiais conta também com a normalização. Para Dias (2019), “A normalização se ocupa da maneira pela qual devem ser utilizados os materiais em suas diversas finalidades”. Viana (2010) explica que se trata de um padrão de qualidade com o estabelecimento de regras e parâmetros e tem dentre as vantagens, a simplificação, intercambialidade, comunicação e adoção racional, sendo o exemplo de padrões brasileiros a Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT, e internacionais, as Organização Internacional para Normalização - ISO e Organização Internacional Eletrotécnica - IEC.

2.3 GESTÃO DE PROCESSOS

Para o indispensável entendimento do que seja a gestão de processos, precisa-se analisar e compreender o âmbito das relações históricas, preservando assim o registro dos fatos passados. Nessa linha, Fonseca (2020, p.8) afirma que:

Teoria nada mais é do que o conjunto de conhecimentos ordenados sobre fatos, que nos ajuda a explicar e a compreender a maneira como o mundo funciona. A ligação constante entre teoria e fato constitui a ciência.

De acordo com Gonçalves (2000), a ideia de processos é objeto de publicações e discussões sobre administração, sendo inevitável levantar questões como redesenho de processos, organização por processos, e gestão por processos. Embora o tema seja muito discutido, não se trata de um assunto novo. A gestão por processos tem origem na engenharia industrial.

Conforme Prado (2022), a melhoria contínua deve ser perseguida em todos os processos das empresas juntamente com os indivíduos que a integram, entre estes os colaboradores, clientes ou parceiros de negócios. Existem organizações que somente por terem conseguido um bom resultado,

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

esquecem-se de avaliar e melhorar os processos que poderão levá-las a resultados melhores ainda, ou seja, sempre há como inovar e melhorar.

Já Aganette e Aganette (2022) descrevem que a gestão de processos tem suas raízes na ciência da computação e na administração, surgindo no contexto pós-revolução industrial, bem como em meio às denominadas organizações funcionais em que os trabalhadores são direcionados à realização de tarefas específicas, não possuindo conhecimento do processo como um todo. Sordi (2022) explica que as organizações funcionais foram criadas a partir de um olhar para dentro, para a organização de seus processos, na qual a atenção dos gestores dava-se em torno da divisão das etapas do processo em pequenas partes. O trabalho era dividido por especialização, voltado para as tarefas.

Segundo Chiavenato (2014, p.215), o aprimoramento dos processos internos e suas variáveis, foi nomeado por Max Weber como burocracia, observando as formas de controle:

No início do século XX, Max Weber, sociólogo alemão, publicou uma bibliografia a respeito das grandes organizações de sua época. Deu-lhe o nome de Burocracia e passou a considerar o século XX o século das burocracias, pois achava que eram organizações características de uma nova época, plena de novos valores e de novas exigências.

Silva (2013) relata que a teoria da burocracia, como forma de organização, é muito antiga, porém, a teoria que tem como objetivo a organização das empresas, que cresciam em tamanho e complexidade de operação, e que controlaria as muitas variáveis envolvidas no processo, foi desenvolvida por Max Weber, no início do século XX. A burocracia foi propulsora de muitas outras teorias, contribuindo com normas para a organização das empresas. Freire (2019, p.5) esclarece que:

A burocracia, teoria de Max Weber embora tenha sido muito criticada, foi o embasamento para todas as outras teorias, uma vez que a burocracia trouxe normas para que as empresas pudessem ser geridas, de forma impessoal e racional, pois segundo weber “somente dessa forma as empresas teriam êxito”.

Silva (2013) conclui que a burocracia, a teoria administrativa e a administração científica reúnem três correspondentes da perspectiva clássica e são vistas como estrutura mecanicista que se desenvolve de maneira independente, sendo que seus fundadores foram quase todos os engenheiros industriais interessados na concepção da administração como “ciência técnica”, tendo como base a matemática e a engenharia.

Motta e Vasconcelos (2006) descrevem a burocracia como atividade humana organizada, a qual evita a arbitrariedade, o confronto entre os indivíduos e os grupos, bem como os abusos de poder, equilibrando as atividades, com a utilização das regras, estabelecendo etapas e procedimentos a serem seguidos para que se atinja os fins organizacionais. As pontuações de Motta e Vasconcelos (2006) fundamentam-se nos princípios da teoria, segundo Andrade e Amboni (2011, p.78):

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

Os pressupostos que fundamentam a teoria da burocracia de Max Weber estão centrados nos pressupostos do paradigma da previsibilidade, da certeza, e da estabilidade, com o intuito de manter a ordem emanada das leis que conferem autoridade racional-legal para os ocupantes de cargo.

Sordi (2022) afirma que desempenhar diversas funções com eficiência não resultava na satisfação do cliente final, pelo modelo funcional. Com efeito, os problemas com a comunicação e a interação de trabalho, entre as diversas áreas funcionais, eram pouco compreendidos, estudados e gerenciados pelas organizações, e que o modelo de gestão de processos, estruturado por funções, predominante do século XX, foi abandonado, passando as empresas a organizar seus recursos e fluxos ao longo dos processos básicos de operação. A lógica de funcionamento passa a acompanhar a lógica dos processos, e não mais o raciocínio compartimentado da abordagem funcional.

Para Araújo e Rodrigues (2011, p.2):

A gestão das organizações evoluiu de modo admirável, transformando-se em objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento humano. A atenção, antes concentrada nos processos produtivos, foi ampliada para todos os aspectos da organização, buscando aperfeiçoar e coordenar os esforços de todas as áreas em busca de sinergia, desde a concepção do negócio até a entrega do produto e/ou serviço ao cliente.

Para Silva (2013, p.328), “a solução de problemas atualmente exige amplo enfoque para um sistema, [...] isso significa olhar o problema de uma maneira mais ampla, ou seja, de um ponto de vista de sistemas, um ponto de vista holístico”.

Segundo Gonçalves (2000), a empresa é mais eficiente quando tem uma visão do todo, quando há troca de conhecimento dentro de um fluxo horizontal.

A Teoria Geral dos Sistemas traz uma visão mais ampla das organizações. Para Motta e Vasconcelos (2006):

A TGS - Teoria Geral dos Sistemas surgiu e foi popularizada após o fim da segunda guerra mundial, em 1950, através do trabalho de Ludwig Von Bertalanffy divulgando o conceito de sistemas abertos em diversas disciplinas.

Segundo Sordi (2022, p.13), “a abordagem administrativa da gestão por processos também é conhecida como abordagem sistêmica para gestão das organizações”.

Chiavenato (2014) esclarece que a TGS se fundamenta em três premissas básicas, sendo:

- Os sistemas existem dentro de sistemas: ou seja, um sistema compõe-se de vários outros subsistemas, que ao mesmo tempo fazem parte de um sistema maior;
- Os sistemas são abertos: tratando-se do complemento da primeira premissa e são caracterizados por um processo infinito que permuta energia e informação com seu ambiente e
- As funções de um sistema dependem de sua estrutura: cada sistema tem seu papel dentro

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

do ecossistema, possuindo uma finalidade no intercâmbio com outros sistemas.

Para Andrade e Amboni (2011), a organização como um sistema aberto compreende a importação ou entrada (input), a conservação ou transformação, exportação ou saída (output), e a retroalimentação ou feedback, conforme demonstra a figura 4 - Característica do Sistema Aberto:

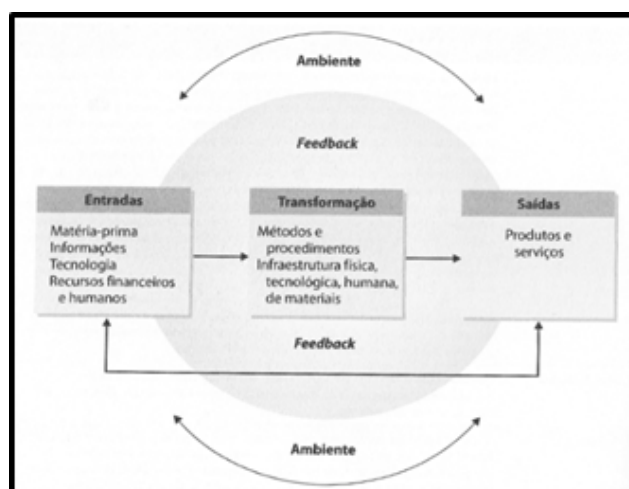


Figura 4 - Características Sistema Aberto

Fonte: Andrade e Amboni (2011, p.180)

De acordo com Oliveira (1996), processo é um conjunto de atividades sequenciais que apresentam relação lógica entre si, com a finalidade de atender e, preferencialmente, suplantando as necessidades e expectativas dos clientes externos e internos da empresa. Considerando esta definição acima, o autor demonstra a preocupação do processo no atendimento à expectativa do cliente. Já o Instituto Federal de Sergipe (IFS) (2018) define processo com ênfase para o resultado. Para o IFS (2018, p.14), “processo é uma agregação de atividades e comportamentos executados por humanos ou máquinas para alcançar um ou mais resultados”.

Segundo Paim, Caulliraux e Clemente (2009) há muitas publicações que evidenciam a utilização das ferramentas e tecnologias que dependem da definição e do entendimento da gestão por processos. A compreensão dos processos auxilia na melhor forma de utilização dos recursos, refletindo no resultado, bem como na satisfação do cliente. Nesse aspecto, Gonçalves (2013, p.6) relata que:

O gerenciamento de processos ajuda as empresas a identificarem a importância estratégica de seus processos e a tirarem vantagens competitivas disso. Serve também para proporcionar ao gestor uma maior facilidade de encontrar oportunidades de melhoria para o serviço prestado ao cliente, através de indicadores de resultados.

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

Conforme Paim, Caulliraux e Clemente (2009), as empresas que conhecem seus processos tornam-se capazes de entregar respostas ágeis às mudanças internas e externas, sendo a rapidez da reação proporcional à organização dos processos.

Em uma visão mais abrangente, Gonçalves (2013, p. 3 e 4) define:

Um processo como qualquer conjunto de atividade que torna uma entrada, adiciona valor a ela e fornece valor a algum cliente específico. De maneira mais formal, podemos definir que processo é um conjunto de atividades inter-relacionadas, executadas em uma sequência determinada para transformar uma entrada em uma saída com valor adicionado. A entrada que estamos nos referindo não é necessariamente material, podendo ser informação.

Para Bueno, Maculan e Aganette (2019), a gestão de processos integra os setores da empresa aos seus objetivos, passando a se desenvolver de forma horizontal, visualizando como os processos se desenvolvem. Já para Paim et. al. (2009, p. 139), “gestão de processos é um conjunto articulado de tarefas permanentes para projetar e promover o funcionamento e o aprendizado sobre os processos”.

A gestão de processos auxilia no planejamento e funciona como um ciclo, buscando a melhoria contínua, dando apoio às atividades empresariais. Para Bueno, Maculan e Aganette (2019, p.04):

A definição de gestão de processos de negócio, em português, e Business Process Management, em inglês, é uma metodologia de gestão com diferentes fases, mas com objetivo continuado de sustentar o planejamento estratégico em apoio às atividades empresariais com visão no cliente.

Para BPM CBOK (2009, apud, Pradella, Furtado e Kipper 2012 p.11), há três tipos diferentes de processos de negócios, ponta a ponta:

I) Processos Primários (também referenciados como processos essenciais): chamados de essenciais, os processos primários direcionam a entrega de valor aos clientes, e representam a atividade principal da organização no cumprimento de sua missão. Eles podem fluir por meio das funções da organização, dos departamentos, ou até mesmo entre empresas que fornecem uma visão do valor criado.

II) Processos de Suporte: responsável por dar sustentação aos processos primários, gerenciando recursos e/ou a infraestrutura requerida pelos processos primários, sendo a diferença para o processo primário o fato de que este não agrega valor ao produto final.

III) Processos de Gestão: trata-se do controle dos processos, em que se mensura, monitora, controla as atividades de negócios. Ele garante que o processo primário atinja as metas operacionais, financeiras, reguladoras e legais.

Uma ferramenta que traz uma ampla visão dos fluxos de trabalho e auxilia o gerenciamento de processos é o mapeamento. Conforme Bueno Maculan e Aganette (2019) e Correia, Cruz e Silva (2020), o mapeamento de processos é uma ferramenta que auxilia no conhecimento de todo o fluxo

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

de trabalho da organização, seja ela pública ou privada, pois identifica, representa, visualiza, analisa e aperfeiçoa os processos, aponta seus gargalos, altos custos, e alinha-os com os objetivos da empresa.

2.4 ESTUDO DE CASO

No Centro Médico estudado o planejamento e o controle dos materiais e medicamentos para manutenção e emprego na prestação de serviços aos seus clientes é realizado pelo departamento administrativo de forma manual, através de planilhas eletrônicas, visto que o sistema ERP disponibilizado por sua mantenedora para a gestão da organização não é específico para gestão hospitalar. O catálogo de itens da instituição conta com 1.449 itens, alocados em um único grupo, ou seja, não há classificação dos itens, a descrição é copiada de seus fornecedores ou por consulta feita pela internet.

O processo para o cadastro de um material, medicamento, inicia-se mediante a necessidade das áreas especializadas, que é repassado para a funcionária do setor administrativo responsável pelas solicitações de ordem de compra, ou seja, o início do processo de compras, abastecimento/ ressuprimento do estoque, que por sua vez verifica se o item é de estoque ou não de estoque.

Se for item não de estoque, a solicitante abre um chamado para o departamento de contabilidade da empresa mantenedora requisitando o Tipo de Despesa (TD) que deverá utilizar para abrir a ordem de compra, informando o material a ser comprado e onde será empregado.

A contabilidade irá analisar as informações encaminhadas e designará a TD a ser utilizada, informando o código.

Se for item de estoque, a funcionária do administrativo faz busca no banco de dados, no catálogo de itens, para verificar se já há cadastro do material. Se não encontrar, a solicitante abre uma ordem de serviço para o departamento de cadastro da empresa mantenedora, com o nome do material, medicamento que se deseja cadastrar, sua composição e unidade de medida.

O setor de cadastro faz nova verificação no catálogo de itens. Caso não seja encontrado, realiza-se a inserção do material no sistema criando um novo código no catálogo de itens, observando a descrição e características repassadas pela administração do centro médico, e após retorna a solicitação para a requisitante efetuar a validação.

Foi utilizado o método quali-quantitativo por meio de uma entrevista e questionário a fim demonstrar e esclarecer a importância que o cadastro de medicamentos médico-hospitalares tem na organização estudada.

2.4.1 ANÁLISE DE DADOS

Nota-se que a organização estudada está passando por melhorias em seus processos, e quanto à atividade de cadastro de materiais verifica-se insatisfação por parte das pessoas que estão envolvidas. Consta a integração entre os setores, mas não há o entendimento pleno entre o que se necessita, e o que está sendo entregue.

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

2.4.1.1 ENTREVISTAS

2.4.1.1.1 GESTORA

Na entrevista aplicada à gestora, disponível no quadro 2, verificou-se que a organização possui procedimentos operacionais padrão visando a qualidade no atendimento ao cliente/paciente e que vem buscando a melhoria contínua de suas atividades com o desenvolvendo da modelagem dos processos, assim tornando os fluxos de trabalho melhores, mais fluidos, eliminando os erros e desperdícios.

Gonçalves et al. (2021) relata que é necessário o entendimento de seus processos para depois gerenciá-los. Bueno, Maculan e Aganette (2019) trazem que a modelagem de processo é o iniciar para uma consciência holística das atividades executadas e verificar como melhorar o funcionamento de processos.

Quanto ao processo de cadastro, a gestora informou que há proximidade, envolvimento entre os setores e que a comunicação acontece de forma verbal, pessoalmente ou através de uma ligação, e escrita, por e-mail. Para Gonçalves et al. (2021) o mapeamento tem como benefício a colaboração e o envolvimento de todos, melhorando a comunicação interna com uma visão mais clara dos objetivos a serem cumpridos.

No Centro médico estudado preza-se pela agregação do valor ao cliente final/paciente com utilização de materiais de qualidade e que também tenham um preço bom. Encontrar o equilíbrio de custo x benefício requer envolvimento de todas as áreas da empresa. Sordi (2022) alerta que o bom desempenho das diversas funções não resulta na satisfação do cliente final e que se deve pensar no processo como um todo.

Analisando as perguntas 4 e 5 conjuntamente, nota-se preocupação da gestora com os dados gerados em sistema ERP que estão distorcidos por consequência das informações advindas do cadastro de itens. Buosi (2022) relata “que todos os processos físicos administrativos, comerciais entre outros de uma organização são dependentes de dados do cadastro”.

A descrição do material, bem como suas características, deve estar bem definida no catálogo de itens. A gestora relata problemas pontuais que se referem à unidade de medidas dos materiais, que resulta em um registro de estoque irreal, uma distorção do que é informado no sistema com o que está armazenado em estoque para que se tenha eficiência em um cadastro de materiais. Alves (2021) sugere que sejam observadas sua codificação, descrição padronizada, código de barras, comprador, fornecedor e tipo de embalagem.

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

Quadro 2 - Entrevista aplicada à Gestora

Perguntas	Respostas
1 - Como os processos contribuem para tomada de decisão e da qualidade do serviço prestado no Centro Médico?	A utilização de processos sempre foi algo muito utilizado no serviço de saúde com o nome de POP (Procedimento Operacional Padrão); sempre com o objetivo de dar qualidade e segurança ao paciente. Além de estabelecer o fluxo de atividades e promover o aperfeiçoamento contínuo a partir da identificação de pontos de melhoria, os processos permitem aos profissionais um maior envolvimento e segurança na realização do seu trabalho e acabam nos auxiliando na redução de custos. No Centro Médico temos os POP's porém os processos das diversas áreas ainda estão em fase de desenho/construção não auxiliando tanto na tomada de decisão mas, contribuindo indiretamente já que este desenho nos tem ajudado na identificação de problemas e na necessidade de desenvolver estratégias para resolvê-los (o que não deixa de ser uma tomada de decisão).
2 - No que se refere aos processos de cadastro de medicamentos, os funcionários têm conhecimento de todas as etapas do processo e como é feita comunicação para que se alcance o entendimento das atividades?	Os funcionários que são responsáveis pelo pedido mensal (coordenadores de setor) e do financeiro conhecem o processo e, sempre que necessário, solicitam os novos cadastros por meio da abertura de tickets. A comunicação é feita pessoalmente por meio de conversas entre os envolvidos, e em casos mais simples, por meio de e-mail e ligação no ramal. Sempre optamos aqui por uma comunicação presencial e uma formalização do acordado por e-mail.
3 - Referente às atividades de compra de materiais médicos hospitalares, é possível atingir economia e qualidade? Como se mensura essa economia?	A economia não é mensurada somente pelo preço do produto mas principalmente por sua qualidade. Para a saúde preço baixo não é sinônimo de economia pois, quando se fala de vida, a economia se deve ao serviço de qualidade prestado que além de preservar a vida ainda resolve a situação para que o paciente não tenha necessidade de voltar na unidade. Procuramos sempre uma marca com bom preço e de qualidade. Vimos sempre a resolutividade do caso do paciente, pois, se a medicação é de qualidade, o kit laboratorial ou o material odontológico, esse paciente tem a sua situação resolvida e não precisa retornar para reparos, repetir exame e no caso odontológico não voltam com as peças quebradas ou descoladas
4 - No que tange às informações contidas no cadastro de materiais, qual você considera relevante para a qualidade de seu trabalho e tomada de decisão?	Quantidade (principalmente se é em caixa ou unidade), valor e marca do produto
5 - Existem divergências na base de dados? Em caso positivo, como essas divergências afetam as atividades do Centro Médico?	As divergências são pontuais e na maioria das vezes é referente a forma como os lançamentos são realizados no logix. Quando por exemplo o medicamento é comprado em comprimido e é lançado em caixas. Esse tipo de divergência acaba nos levando a um estoque muito acima do real na base de dados. Quando isso não é corrigido, leva-nos a problemas com auditoria externa além de aparentar um saldo de estoque muito maior que o real.

Fonte: Os autores (2024).

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

2.4.1.1.2 FUNCIONÁRIOS ENVOLVIDOS NO PROCESSO

As informações do cadastro têm causado divergências, tais como descrição unidade de medida, e por consequência tem gerado atrasos na entrega, desabastecimento do estoque, prejuízos financeiros com pagamento de materiais que não foram solicitados, e também retrabalhos. Como exemplo, cita-se o caso relatado pelo responsável pela área da logística - Entrevistado 1 da organização:

Nós precisávamos comprar um sabonete líquido para assepsia de ferida, de machucado, no cadastro foi cadastrado sabonete líquido e alguma especificação, só que não foi colocado que o sabonete precisava ser neutro e então a gente comprou um sabonete e ele não era neutro, quando chegou aqui a técnica de enfermagem que faz o curativo percebeu que o sabonete estava errado então a gente não pode utilizar esse produto ficou ocioso a gente achou um setor para utilizar mas a gente teve uma perda aí pelo cadastro estar feito de maneira incorreta.

O responsável pela farmácia - Entrevistado 2 esclareceu que:

Na verdade, é assim hoje no Brasil a gente tem uma quantidade muito grande de produtos farmacêuticos principalmente da área hospitalar, e medicamentos também então a gente tem muitas indústrias que produzem o mesmo medicamento, porém ela dá nome diferentes a esse medicamento, ela própria cadastra de uma maneira diferenciada então o que acontece se a gente não tem bem esclarecida essa descrição no cadastro a gente não consegue fazer um pedido de qualidade.

Outro problema relatado se refere ao distanciamento entre os setores e também o trabalho manual feito em planilhas e fichas. Quando perguntado da dificuldade do setor, o Entrevistado 1 respondeu:

Atualmente é todo feito parte manual então uma das dificuldades que a gente tem aqui é o trabalho manual via planilha via ficha então gera uma dificuldade e fica mais suscetível a erros, e o segundo é que como a nossa mantenedora tem um setor específico fiscal que não fica não trabalha aqui com a gente no centro médico, então dificulta pra eles identificar o item que está sendo pedido o cadastro, pois, um exemplo um médico ele tem a expertise no que ele tá pedindo, mas a pessoa que tá realizando esse cadastro ele não tem a expertise do produto do material então acaba criando uma dificuldade pro fiscal também realizar esse cadastro.

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

O entrevistado 2 coloca como uma solução para as divergências do cadastro a aproximação dos departamentos:

O ideal é que a gente tenha uma equipe formada no local de trabalho, no setor de trabalho. Porque aí o contato é maior, está todo mundo presente no mesmo setor, a gente consegue resolver tudo numa hora só e aprende melhor sobre os produtos que estão sendo utilizados, ou seja, o distanciamento entre os setores dificulta a comunicação.

Perguntado sobre a importância do cadastro, o entrevistado 1 respondeu da seguinte forma:

O cadastro ele é essencial né a gente fala que um cadastro correto ou não impacta totalmente na atividade não só aqui na parte administrativa mas para todos os usuários né desde a pessoa da farmácia ou da enfermagem ao administrativo porque um cadastro feito errado vai dar erro na parte fiscal vai dar erro na parte contábil e principalmente no usuário final que é o paciente né se a gente cadastra um item errado por exemplo a gente pega um exemplo de um medicamento você compra um medicamento "X" o cadastro não tá feito da forma correta o medicamento vai chegar aqui errado né ele não vai ser comprado da maneira correta então a gente vai ter todo um trabalho de devolver esse remédio né toda uma negociação com esse fornecedor para poder é fazer a troca desse medicamento e também o usuário final né é pode acontecer de por ventura algum medicamento não passar por nenhum filtro vem o medicamento errado e esse medicamento pode ser ministrado no paciente né são é raro é mais tá suscetível a erro então a importância de um cadastro feito da maneira correta.

2.4.1.2 QUESTIONÁRIO

A pesquisa foi aplicada via google forms, foi disponibilizada entre os dias 17 a 23 de outubro de 2023, teve o alcance de 10 funcionários, de diferentes áreas que são atendidos pelo setor de cadastro.

Nota-se que um percentual considerável de insatisfação quanto ao cadastro e à comunicação entre as áreas, bem como a descrição dos itens e as informações contidas no cadastro.

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

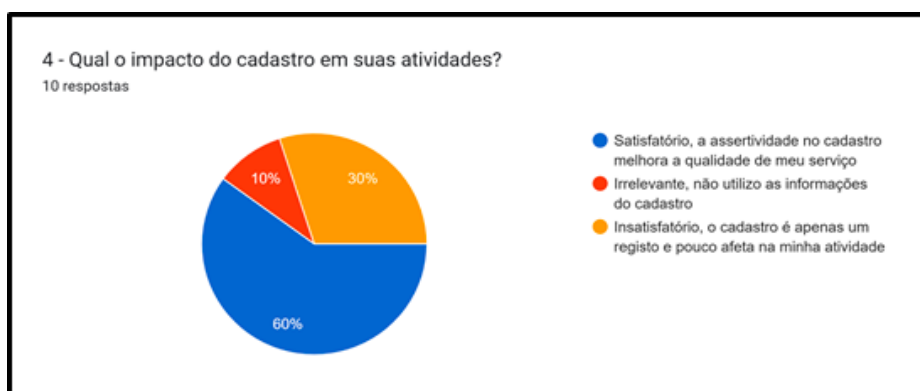
Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

Gráfico 1 - Quanto ao Processo de Cadastro Médico-hospitalares?



Fonte: Os Autores (2024)

No gráfico 1 pode-se notar uma pequena insatisfação quanto ao processo do cadastro de itens.

Gráfico 2 - Quanto à Descrição do item e sua identificação no Catálogo de itens?



Fonte: Os Autores (2024)

No gráfico 2 nota-se uma abrangência maior quanto à insatisfação da descrição dos itens comparado ao primeiro gráfico, ou seja, 30 % dos clientes do setor de cadastro estão insatisfeitos com a descrição do item. Buosi (2022) relata que a assertividade na especificação do material traz facilidades às tarefas do comprador, fornecedor, como também para conferência e inspeção dos itens.

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

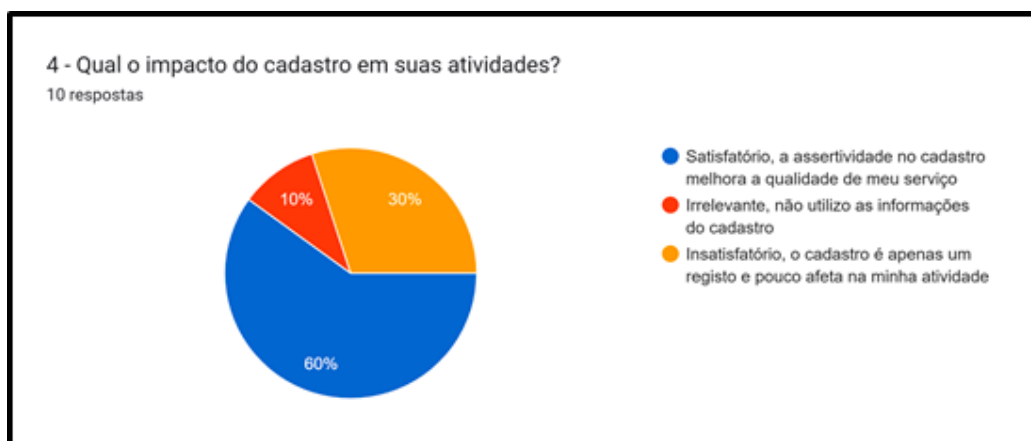
Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

Gráfico 3- Quanto à qualidade das informações contidas no cadastro do material?



Fonte: Os Autores (2024)

A qualidade das informações contidas no cadastro também apresenta um percentual considerável de insatisfação conforme demonstra o Gráfico 3. Em comparação às duas primeiras perguntas, Alves (2021) traz que o cadastro por si só não é suficiente para se ater às atualizações, sendo necessário verificar as adequações comercial, tributária e financeira.

Gráfico 4 - Qual o Impacto do cadastro em suas atividades?



Fonte: Os Autores (2024)

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

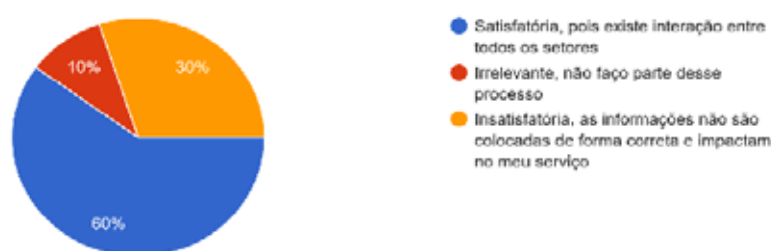
André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

No gráfico 4 é possível perceber o reflexo da insatisfação quanto ao processo. 10% não vê relevância do cadastro em suas atividades, lembrando que a pesquisa foi aplicada aos funcionários que são atendidos pelo cadastro de itens. Vizzoni, Ferreira e Fagundes (2021), trazem a influência da individualidade das ações, onde cada profissional realiza parcelas do trabalho sem o conhecimento das demais atividades do processo. Influência esta, que tem sido apontada como uma das razões que dificultam a realização de trabalho em saúde.

Gráfico 5 - Quanto a comunicação entre os departamentos no processo de cadastro?

5 - Quanto à comunicação entre os departamentos no processo de cadastro?
10 respostas



Fonte: Os Autores (2024)

O questionamento apresentado no gráfico 5 confirma a insatisfação de 30% quanto ao processo de cadastro de itens que comparado ao primeiro gráfico percebe-se a divergência uma vez que apenas 10% demonstraram insatisfação com o processo, mas ao decorrer do questionário o descontentamento se faz presente e de forma padronizada.

2.4.1.3 MAPEAMENTO DO PROCESSO

Após a realização da entrevista e observação das atividades referente ao cadastro de materiais, efetuou-se o mapeamento da atividade de cadastro conforme ilustra a figura 5. Por se tratar de um processo simples adotou-se o mapeamento por fluxograma. Para Gonçalves et al. (2021), o fluxograma deve ser utilizado para realizar o levantamento das rotinas da empresa, é a representação gráfica, desenho, de um processo simplificando o entendimento por meio de vários símbolos padronizados.

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

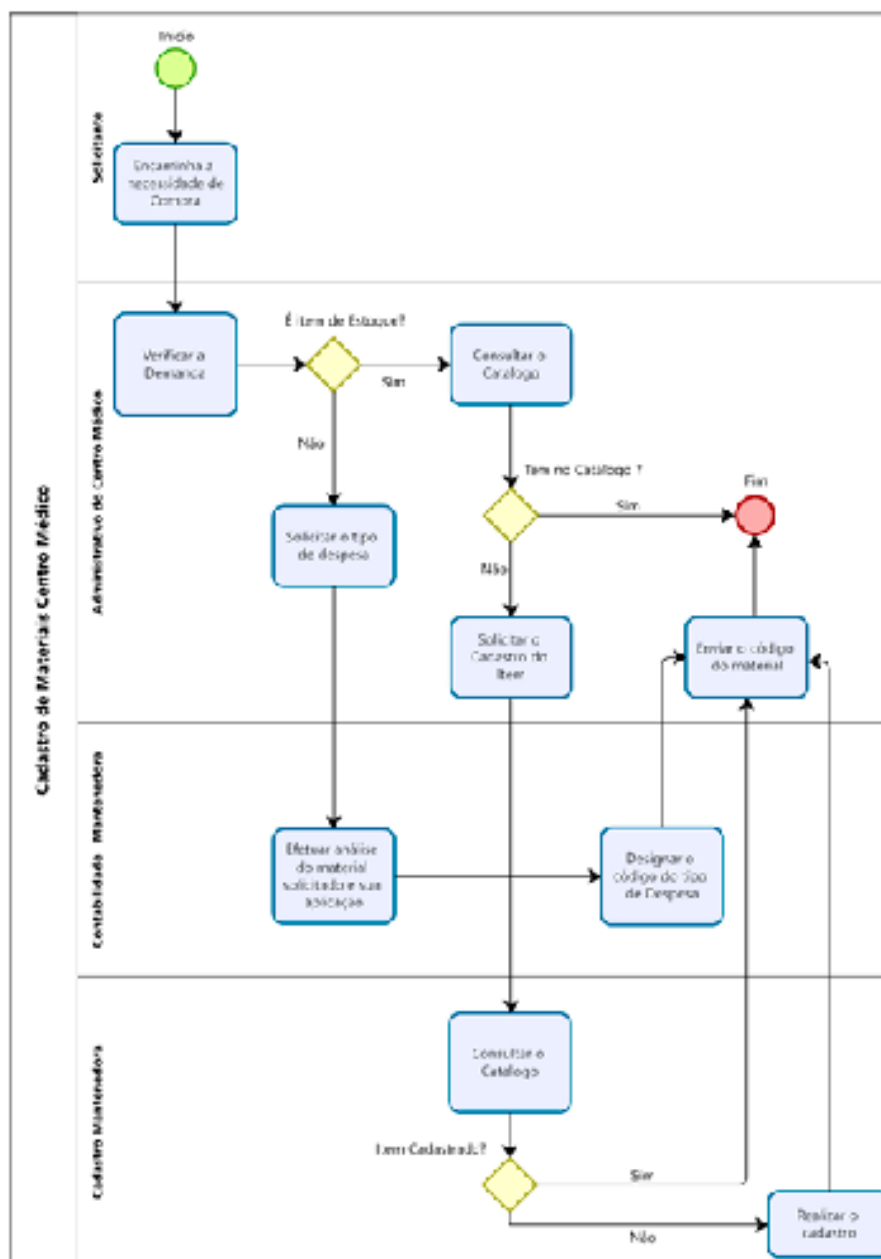


Figura 5 - Fluxograma Processo de Cadastro

Fonte: Os Autores (2024)

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

O processo tem início na necessidade da compra de um novo material que passa pelo departamento administrativo do centro médico que por sua vez envia a demanda ao departamento de cadastro da sua mantenedora. Observando o fluxograma, percebe-se um distanciamento entre a parte técnica que tem a necessidade do uso do material para execução de suas atividades, e o departamento de cadastro que realiza o registro do material em sistema.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a aplicação da gestão por processos, que tem como propósito a melhoria contínua das atividades com a redução de incoerências e que agrega valores ao longo das atividades, integrando pessoas envolvidas no processo sempre com o foco no cliente final, desenvolveu-se o estudo em um centro médico no Município de Cachoeira Paulista.

Sendo o objetivo principal da pesquisa analisar o processo de cadastramento de materiais médico-hospitalares, com a finalidade de verificar qual o impacto e real importância do processo de cadastro para o centro médico estudado.

O cadastro de materiais é uma atividade de extrema importância para as organizações, pois estabelece ordem às atividades, contribuindo com uma comunicação padronizada e assertiva, além da economicidade, visto que traz clareza para as atividades cotidianas, auxilia a gestão dos estoques, como também presta assistência ao departamento de compras que, por sua vez, impacta em todas as áreas da empresa.

Trata-se de um tema de alta relevância para a sociedade como um todo, pois quando não observado oferece risco à sustentabilidade da empresa, gerando problemas de ordem física, financeira, na qualidade do atendimento aos pacientes. Por outro lado, quando observada, traz organização, economicidade e atendimento de qualidade.

Após levantamento do referencial teórico, compreendeu-se que a atividade de cadastro é relevante para a organização estudada. O estudo de caso ratificou sua importância, visto que os erros cometidos no momento do cadastro do material têm se revertido em prejuízos financeiros, retrabalhos, desabastecimento e distorções nas informações da posição do estoque.

O artigo atingiu os objetivos propostos, pois através da modelagem do fluxograma descreveu-se o processo de cadastramento de materiais hospitalares conforme figura 5, constatou-se que existe integração entre os setores envolvidos no processo, porém, existem falhas na comunicação, no entendimento técnico sobre os materiais que estão sendo cadastrados, uma vez que no início do processo estão os profissionais técnicos que necessitam do material para aplicação no trabalho e de outro estão os profissionais de administração que não possuem o conhecimento para o correto registro.

Conclui-se que para se atingir melhorias no processo de cadastro é necessária uma maior aproximação entre os setores de cadastro com os solicitantes, agilizando os processos, principalmente a comunicação e entendimento entre as áreas.

Outro fator é quanto à classificação de materiais. Observou-se que não há uma codificação diferenciada para cada especialidade, atividade, como também se faz necessária uma política e regras

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

para padronização dos itens.

REFERÊNCIAS

AGANETTE, K.J.P.; AGANETTE, E.C. Transição do modelo de estrutura funcional para uma visão por processos: Uma revisão sistemática da literatura. Curitiba, Brazilian Journal of Development, V.8,N.3, p. 20964-20985, Março de 2022. Disponível em: < View of Transição do modelo de estrutura funcional para uma visão por processos: uma revisão sistemática da literatura/ Transition from the functional structure model to a process vision: a systematic literature review (brazilianjournals.com.br) > Acessado em: 15/03/2023.

ALVES, D. Processo de Movimentação de Mercadorias. São Paulo: Edgard Blucher Ltda, 2021.

ANDRADE, R.O.B.; AMBONI, N. Teoria Geral da Administração. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (ANVISA). Pré-qualificação de artigos médico-hospitalares: Estratégia de vigilância sanitária de prevenção. Brasília, 2010, Editora MS. Disponível em: < <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/centraisdeconteudo/publicacoes/produtos-para-a-saude/manuais/manual-de-pre-qualificacao-de-artigos-medico-hospitalares.pdf> > Acessado em 10/09/2023.

ARAUJO, I.O. Gestão de Custos em Organizações Hospitalares: um estudo de caso no hospital Aquiles Lisboa, Maranhão. São Luís, Universidade Federal do Maranhão, 2022.

ARAÚJO, L.C.; RODRIGUES, M. V. Y. Maturidade em Gestão por Processos: Uma Análise da Percepção Organizacional. Belo Horizonte: XXIX Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 2011. Disponível em : < https://abepro.org.br/biblioteca/enegep2011_TN_STP_135_862_19236.pdf#:~:text=Rosemann%2C%20Bruin%20e%20Power%20%282006%29%20prov%C3%Aaem%20um%20breve,e%20posteriormente%20desenvolver%20um%20roteiro%20rudimentar%20de%20desenvolvimento.> > Acessado em: 15/03/2023.

ARNOLD, J.R.T. Administração de Materiais: uma introdução, São Paulo, Atlas 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: Informação e documentação — Referências — Elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. NBR 10520: Informação e documentação — Citações em documentos — Apresentação. Rio de Janeiro, 2002b.

BANDEIRA, J.A.Á.; BANDEIRA, M.Á. Gestão Hospitalar: Os Desafios na Implantação com qualidade. Barra Mansa, Rev. Científica UBM, V.23, N.44, p. 103-114, 1 sem. 2021. Disponível em: < Vista do Gestão Hospitalar: os desafios na implementação com qualidade (ubm.br) > Acessado em 10/09/2023.

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

BRANDALISE, L.T. Administração de Materiais e Logística, Porto Alegre, Simplíssimo, 2017

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de assistência à saúde. Manual Brasileiro de Acreditação Hospitalar/ Secretaria de Assistência à Saúde. - 3. ed. rev e atual. - Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria 30 - BSb de 11 de fevereiro de 1977. Brasília 1977.

BUENO, R. V.; MACULAN, B. C. M. S.; AGANETTE, E. C. Mapeamento de Processos e Gestão Por Processos: Revisão Sistemática de Literatura. Minas Gerais, Revista Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, Vol. 9, N° 2, 2019. Disponível em: <TÍTULO TODO EM LETRAS MAIÚSCULAS NO ESTILO <TÍTULO> (ufmg.br) > Acessado em 15/03/2023.

BUOSI, N. Saneamento e padronização do cadastro de materiais médico-hospitalares em um hospital de ensino público terciário. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2022.

CHIAVENATO, I. Introdução à Teoria Geral da Administração. 4. ed. Barueri/SP: 2014.

CORREIA, M.F.Z; CRUZ, L.G.Z; SILVA, P.F. Principais desafios no suprimento para unidades hospitalares – uma abordagem com mapeamento de processos para análise de critérios de compra de materiais cirúrgicos. Curitiba, Brazilian Journals Of Business, V.2,N.3, p. 2272-2288, Jul./set. 2020. Disponível em: <Vista do Principais desafios no suprimento para unidades hospitalares – uma abordagem com mapeamento de processos para análise de critérios de compra de materiais cirúrgicos / Main challenges in supply for hospital units - an approach with mapping of processes for the analysis of criteria for the purchase of surgical materials (brazilianjournals.com.br) > Acessado em: 10/09/2023.

COSTA, L. A.; CAMPOS, W. L.; PRADO, A.A. Mapeamento de Processos e Negócios com Notação (BPMN): A necessidade do Mapeamento de Processos de Negócios (em BPMN) para Pousadas de Cachoeira Paulista, Cachoeira Paulista-SP, Faculdade Canção Nova, 2020.

DIAS, M. A. P. Administração de Materiais: Uma abordagem logística. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2019.

FENILE, R. R. Gestão de Materiais, Brasília: Enap, 2015.

FONSECA, V.S. Introdução à Teoria Geral da Administração; Curitiba: Contentus, 2020.

FREIRE, D. A. Teoria da Burocracia: Pontos de aproximação à Realidade da Organização Acreditar Tocantins. Araguaiana, Universidade Federal de Tocantins; 2019. Disponível em: < DIEGO ALVES FREIRE - TCC - LOGÍSTICA.pdf (uft.edu.br) > acessado em : 15/03/2023.

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

GARCIA, S.D.; HADDAD, M.C.L.; DELLAROZA, M.S.G.; COSTA, D.B.; MIRANDA, J.M. Gestão de material médico-hospitalar e o processo de trabalho em um hospital público. Brasília, Rev. Brasileira de Enfermagem, V.65, nº 2, p. 339-346 Abril 2012. Disponível em: < SciELO - Brasil - Gestão de material médico-hospitalar e o processo de trabalho em um hospital público > Acessado em: 15/03/2023.

GONÇALVES, A. C.; CASTRO, P.R.; CRUVINEL, I.B.; JESUS, R.S.; SOUZA, G.F.P; MOURA, N.F.; RESENDE, C.A. O Papel do Mapeamento de Processos - um estudo sobre a realização de exames periódicos da saúde em um órgão público. Curitiba, Brazilian Journal of Development, V.7, N.3, p. 21272-21296, Mar. 2021.

GONÇALVES, J.E.L. As empresas são grandes coleções de processos. São Paulo: Revista de Administração de Empresas, Jan./Mar. 2000, v. 40, p. 6-19. Disponível em: <SciELO - Brasil - As empresas são grandes coleções de processos > acessado em: 15/03/2023.

_____. Processo, que Processo? São Paulo: Revista de Administração de Empresas, V. 40, N. 4, Out/Dez 2000, p. 8-19. Disponível em: <scielo.br/j/rae/a/mkmmhVjFCVSjhqPtZWCpHTQ/?format=pdf > Acessado em: 15/03/2023.

GONÇALVES, P. M. Modelagem e Gestão de Processos de Negócios. Indaial: Uniasselvi, 2013.

GURGEL, F.D.A. Administração de materiais e do patrimônio, 2º ed. São Paulo, Cengage Learning Edições LTDA, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA Conta-Satélite de Saúde: Brasil 2010-2019/IBGE, Coordenação de Contas Nacionais. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em : <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101928>> Acessado em: 24/09/2023.

INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE. Manual da Gestão por Processos. Sergipe: IFS, 2018.

MARTINS, G. A. Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MATTOS, F.J.A.S.; PONTES, A.T.; GUTIERREZ R.H. Classificação e catalogação de materiais, uma metodologia essencial na gestão empresarial. Curitiba, Brazilian Journal of Development, V.4, N.2, p. 384-395, Abr./jun.2018. Disponível em: < <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/124/94> > acessado em: 12/09/2023.

MOTTA, F.C.P; VASCONCELOS, I.F.G. Teoria Geral da Administração. 3. ed. São Paulo: Cengage Lear-

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

ning, 2006.

OLIVEIRA, D.P.R. Revitalizando a empresa: a nova estratégia de reengenharia para resultados e competitividade: conceitos, metodologia, práticas. São Paulo: Atlas, 1996.

PAIM, R.; CAULLIRAUX, H; CLEMENTE, R Gestão de Processos: Pensar, Agir e Aprender. Porto Alegre. Bookman, 2009.

PARENTE, Z.S.; PARENTE, S. Os Desafios da Gestão Hospitalar. Revista multidebates, V.3, N.2, p. 78-85, Palmas, Novembro de 2019. Disponível em: <<http://revista.faculdadeitop.edu.br/index.php/revista/article/view/164/156>> acessado em: 10/09/2023.

PRADELLA, S.; FURTADO, J. C.; KIPPER, L. M. Gestão de Processos: Da Teoria à Prática, 1ª Ed. São Paulo: Atlas, 2012.

PRADO, A. Empreendedorismo: Dicas & Desafios 1ª Ed. Rio de Janeiro: Quártica, 2022.

RÊGO, B.L. Simplificando a Governança de Dados, Rio de Janeiro, Brasport Livros e Multimídia LTDA, 2020.

SATIM, A.S.H.; NUNES; PRADO, A.A. Vantagens de Ações Sustentáveis na Gestão Hospitalar no Vale do Paraíba: Um Estudo de Caso. Cachoeira Paulista -SP, Faculdade Canção Nova, 2020.

SEIXAS, M.A.; MELO, H.T. Desafios do administrador Hospitalar. Gestão e Planejamento, Salvador, ano 5, n.9 Jan./Jun. 2004.

SILVA, R. B.; PINTO, G.L.A.; AYRES; A.P.S.; ELIA; B. Logística em Organizações de saúde. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV Management, 2016.

SILVA, R.O. Teorias da Administração. 3. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2013.

SORDI, J. O. Gestão Por Processos: Uma Abordagem da moderna administração. 6 ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2022.

TANAKA, O.Y.; TAMAKI, E.M. O Papel da Avaliação para a Tomada de Decisão na Gestão de Serviço de Saúde. Ciência & Saúde Coletiva, V.17, N. 4, P.821-828, Abr/2012.

VIANA, J. J. Administração de Materiais: um enfoque prático. São Paulo: Atlas, 2010.

Daiana Ribeiro Lima

Bacharela em Administração pela Faculdade Canção Nova

Laerte da Silva Cunha

Bacharel em Administração pela Faculdade Canção Nova

André Alves Prado

Professor do Ensino Superior da Faculdade Canção Nova

VIZZONI, A.G. Gestão Hospitalar: Gerenciando processos de trabalho em saúde. Rio de Janeiro: Instituto Sírio-Libanês, 2017.

VIZZONI, A.G.; FERREIRA, P.H. da C.; e FAGUNDES, M. J. Gestão Hospitalar: Gerenciando processos de trabalho em saúde. Umuarama, Arquivos de ciências da Saúde UNIPAR, V. 25, n. 2, p. 161-166, maio/agosto 2021.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Henrique Souza da Silva

Doutor em Educação e Especialista em Gestão Educacional e Escolar pela
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.
Especialista em Formação de Presbíteros Diocesanos pelo Instituto Santo
Tomás de Aquino – ISTA/BH.

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar a necessidade de um projeto de vida para o discernimento vocacional em tempos de mudança e sob as orientações das novas orientações para formação dos presbíteros na Igreja do Brasil e do magistério do Papa Francisco. Para isso se faz uma análise crítica a partir do conceito de discernimento, passando pela etimologia, pela tradição bíblica, até a consideração da pessoa de modo integral. O projeto de vida do vocacionado propõe ajudá-lo no crescimento integral, colaborando na formação de sua identidade e na maturidade de suas decisões. O artigo, a partir de uma abordagem metodológica qualitativa, reforça a fundamental importância do jovem vocacionado em constituir um projeto de vida que seja capaz de assumir um ministério profético diante aos desafios da atualidade.

Palavras-chave: Projeto de Vida; Discernimento; Vocação; Profetismo.

ABSTRACT

This article aims to present the need for a life project for vocational discernment in times of change and under the guidance of the new guidelines for the formation of priests in the Church of Brazil and the magisterium of Pope Francis. To do this, a critical analysis is carried out from the concept of discernment, through etymology, biblical tradition, to the consideration of the person in an integral way. The life project of the vocation proposes to help them in their integral growth, collaborating in the formation of their identity and the maturity of their decisions. The article, based on a qualitative methodological approach, reinforces the fundamental importance of young people dedicated to creating a life project that is capable of assuming a prophetic ministry in the face of today's challenges.

Keywords: Life Project; Discernment; Vocation; Prophetism.

1 INTRODUÇÃO

O itinerário do processo de orientação vocacional exige refletir sobre o sentido de constituir um projeto pessoal de vida. A importância e as contribuições desse processo favorecerão ao jovem vocacionado a conscientização de sua prática e o exercício da autonomia dentre suas escolhas em um cenário global de mudança de época. As características do contexto social atual são marcadas por mudanças rápidas e profundas. Muitos jovens que procuram a orientação vocacional se deparam com um cenário desagradável de um mundo fragmentado, polarizado e de difícil atuação no exercício de suas obrigações, de prática de relacionamento humano, de comportamento ético, de vivência religiosa, de exercício de cidadania e de educação política¹. Esse embate entre realidade e orientação vocacional remete ao projeto pessoal de vida como elemento estruturante e constitutivo do discernimento do vocacionado, sendo este, capaz de oferecer meios na adequação do projeto de vida do jovem com a realidade, quando bem desenvolvido.

¹ FRANCISCO, Papa. Fratelli Tutti – Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020, nº 44; nº 190.

Henrique Souza da Silva

Doutor em Educação e Especialista em Gestão Educacional e Escolar pela
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.
Especialista em Formação de Presbíteros Diocesanos pelo Instituto Santo
Tomás de Aquino – ISTA/BH.

2 PROBLEMATIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

A busca por um projeto pessoal de vida com o anseio em decifrar todas as coisas se tornou um tema de ampla relevância na teologia das vocações. Cada atividade do homem, mais simples que seja no seu cotidiano, implica direta e indiretamente na composição e aplicação da busca do sentido da vida. O homem é acossado por um mundo de flashes, de novidades e de interesses contrapostos. Sua atenção e sua energia se dispersam em mil direções². É interessante sempre ressaltar, que a aplicação das experiências vividas, como parte de uma ação coletiva na aquisição de “saber fazer algo” ou tomar consciência dessa habilidade, ocorre, portanto, em várias esferas e com vários objetivos. Essa tomada de consciência é possível através da reflexão entre projeto de vida e conhecimento científico; projeto de vida e ações de transformação social ao bem comum.

Este desconcerto leva com facilidade a confundir as opiniões infundadas com os critérios objetivos, o provisório com o permanente, o gosto com a verdade, as experiências internas com os valores. Aqui está o que chamamos de inversão de valores. Existe uma pluralidade de enfoques e interpretações, posições e chaves radicalizadas e contrapostas³. Abundam e superabundam a ambiguidade, a obscuridade, a incerteza e toda a classe de relativismo e contradições.

Num mundo globalizado, marcado fortemente pela pós-modernidade, com a aceleração de informações, não é mais possível realizar o discernimento vocacional de modo improvisado e fragmentado. É preciso uma metodologia adequada assim como um projeto definido. É notável que se vive em tempo de mudança. Na verdade, “nós não estamos em época de mudança, mas na mudança de época”⁴. Por isso mesmo, o teólogo Agenor Brighenti recorda que numa época em que “não há vento favorável”, é indispensável planejar, isto é, “eleger um rumo”⁵. Também uma metodologia adequada e o próprio bom caminho com que pretende percorrer para facilmente alcançar o almejado. É a partir desse planejar que se torna necessário o que é apresentado como projeto de vida. Por meio do projeto ficam claros e precisos os objetivos, favorecendo, assim, um bom método de discernimento vocacional.

3 CONCEITO DE DISCERNIMENTO

Etimologicamente a palavra ‘discernimento’ vem do grego krino, krinein que tem sentido de separar, selecionar, interpretar, julgar, criticar, eleger depois de exame sério; resolver, decidir⁶. Por outro lado, do latim, cerno, cernere que também significa separar, crivar, perceber as coisas com clareza, precisar com exatidão, reconhecer, compreender, penetrar, decidir, determinar⁷. No português, discernir se aproxima mais do verbo latino discernere e assim traz em relevo o sentido de definir bem

² MARTINEZ, Mariano. Projetos pessoais e comunitárias na vida religiosa. São Paulo: Paulus, 1994, p.337, verbete.

³ FRANCISCO, Papa. Fratelli Tutti – Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020, nº 44.

⁴ OLIVEIRA, José Antônio Netto de. Reflexões sobre a formação. São Paulo: Loyola, 2003, p.158.

⁵ BRIGHENTI, Agenor. Reconstruindo a esperança. Como planejar ação da Igreja em tempos de mudança. São Paulo, Paulus, 2000, p. 31.

⁶ MARTINEZ, Mariano. Projetos pessoais e comunitárias na vida religiosa. São Paulo: Paulus, 1994, p.337.

⁷ MARTINEZ, Mariano. Projetos pessoais e comunitárias na vida religiosa. São Paulo: Paulus, 1994, p.337.

Henrique Souza da Silva

Doutor em Educação e Especialista em Gestão Educacional e Escolar pela
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.
Especialista em Formação de Presbíteros Diocesanos pelo Instituto Santo
Tomás de Aquino – ISTA/BH.

as coisas nos seus próprios limites, examinando a fundo e interpretando-as adequadamente. Aqui comporta uma espécie de análise crítica da realidade com vistas à justa avaliação da mesma e o compromisso consequente em opções operativas. Com isso podemos compreender discernimento como algo exigido pela própria condição humana. O ser humano em sua existência e pela capacidade que tem procura distinguir os valores e os contravalores.

3.1 DISCERNIMENTO NA SAGRADA ESCRITURA

Todo o discernimento na tradição judaico-cristã tem a Sagrada Escritura como locus privilegiado. Ela ajuda no reconhecimento da própria identidade; desvela-se o valor, o sentido e destino do homem, bem como o projeto e a vontade de Deus. Assim, a Sagrada Escritura é a chave para discernir concretamente a vontade de Deus, seu juízo, a respeito de viver e atuar humano. A ela deverá acorrer o jovem vocacionado para conhecer e responder ao seu chamado, sempre numa relação pessoal. Nesse sentido, Bento XVI diz aos candidatos às ordens sacras:

É com a luz e a força da Palavra de Deus que pode ser descoberta, compreendida, amada e seguida a respectiva vocação e levada a cabo a própria missão, de modo que a fé como resposta à Palavra de Deus, se torne o novo critério de juízo e avaliação dos homens e das coisas, dos acontecimentos e dos problemas².

O Antigo Testamento é resultado da intervenção de Deus no discernimento de um povo. Homens inspirados pelo Espírito Santo vão realizando o discernimento no meio de muitas ambiguidades, infidelidades e peripécias da história de Israel. Isso vem para responder a grande questão “como identificar os sinais do Deus verdadeiro nesse mundo de projeções religiosas simplesmente humanas?”³. Na criação, encontra-se os agentes e os elementos essenciais do discernimento. Deus revela-se e manifesta sua vontade ao homem. Porém, o homem dotado com liberdade se distancia de Deus pelo apego ao mal (cf. Gn 2,17). Aqui, na figura de Adão que representa todo homem, se refere a questão do discernimento.

Desde a figura de Abraão, o primeiro patriarca, existe um discernimento acentuado para enfrentar as muitas provas radicais de sua fé (cf. Gn 22,1-14). De tal modo, que tem seu próprio nome mudado (de Abrão para Abraão; cf. Gn 17,1-8) para significar “pai nas nações”. Assim, através de discernimento, o pai de um grande povo (cf. Rm 4,13; Gl 3,16) chega à plenitude de fidelidade e se constitui em modelo dos que obedecem a Deus. Também Moisés, filho de israelitas, nascido no Egito e chamado o eleito de Deus (cf. Sl 106,23) prepara-se mediante profunda experiência de fé (cf. Ex 3 e 6) para discernir a vontade divina a respeito de seu povo, colaborando para a libertação da escravidão no Egito. Outro elemento de discernimento se dá na Aliança estabelecida no Monte Sinai (cf. Dt 11,18-32), no qual Moisés recebe a conclusão dos mandamentos propostos por Deus, mandamentos

² BENTO XVI, Papa. Exortação Apostólica Verbum Domini. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010, II, 82.

³ LUZARRAGA, Jesus. Espiritualidade bíblica de la vocacion. Madrid: Paulinas, 1984, p. 250.

Henrique Souza da Silva

Doutor em Educação e Especialista em Gestão Educacional e Escolar pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Especialista em Formação de Presbíteros Diocesanos pelo Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA/BH.

que se tornam posteriormente a base moral do pensamento judaico-cristão.

Nos livros sapienciais, se vê claramente que, com muita frequência, a sabedoria divina é totalmente superior (cf. Is 55,8; Jó 28,12-28) e se contrapõe à insensatez humana (cf. Pr 19). Deus plenifica de conselho os justos e os faz conhecer o sentido de vida e seu destino, mas aos que se fecham no seu egoísmo fecha-lhes a mente e o coração. Os malfeitores não participam no banquete da sabedoria e da ciência divina (cf. Pr 9).

Quanto aos profetas, com claro discernimento eles despertam no povo a consciência da fidelidade à Aliança. O verdadeiro profeta tem consciência da sua eleição divina e o Espírito do Senhor faz com que ele fale em nome de Deus (Is 6; Jr 1; Os 1-3; Am 7,14-15, Ez 1-3). A profecia ilumina e denuncia as más condutas do povo em relação a Aliança. O profeta sempre está como sentinela no meio do seu povo, ele guia e indica o caminho que salvaguarda a dignidade da pessoa humana. Ainda que seja arriscada a missão dos profetas, o Espírito de Deus os ajuda a vencer as resistências.

Já no Novo Testamento, especialmente nos evangelhos sinóticos, se expressa a ação definitiva da providência divina, relativamente aos homens em Cristo Jesus e pelo Espírito. Jesus de Nazaré é reconhecido ao explicar as Escrituras (cf. Lc 24,13-35), se apresenta como prova, diante da qual o raciocínio humano fracassa, bem como a ciência religiosa dos judeus (cf. Mt 21,42-45). Jesus aconselha seus discípulos a tirar consequências práticas, levando-os a discernir os sinais dos tempos (cf. Lc 12,54-59). Nos relatos dos apóstolos se manifesta também uma mudança radical nos discípulos de Jesus. O evento Jesus penetra neles até o fundo e transforma todo seu mundo interior. A experiência do Ressuscitado é a chave interpretativa de toda a realidade, de toda a existência humana, de todas as Escrituras, de toda a graça e salvação. Por outro lado, nos escritos joaninos, João apresenta a consciência, liberdade e vontade como interpeladas. A opção a favor ou contra não pode ser eludida (cf. Jo 9). A caridade define o próprio ser de Deus (Jo 4, 8.16). Nas cartas de Paulo a importância e função do discernimento é considerável na teologia paulina que perpassa de uma maneira sincera e coerente aos sinais evidentes no cotidiano, refletido no testemunho da experiência de fé. É nesse sentido que encontramos na vocação de Paulo a exigente necessidade do exercício da autenticidade de seu proceder apostólico (1Ts 2,3-8)¹².

Com efeito, é no discernimento concernente aos objetivos de um projeto de vida que se clarifica as suas finalidades, a partir delas, iluminar os itinerários e os métodos necessários para consolidá-lo. Em outras palavras, é a norma de sabedoria. Por isso mesmo, que o discernimento é propedêutica e essencial para elaboração e vivência do projeto de vida.

4 O PROJETO DE VIDA

O termo projeto provém do latim “proiectus” que é justamente uma disposição tomada para tratar de um assunto de importância, anotando e redigindo com desenvoltura todas as circunstâncias principais que deveria concorrer para o seu êxito¹¹. Além disso, o conceito também se compreende a partir do verbo latino “projetare” que designa propriamente a expressão projetar. Isso significa arre-

¹² MARTINEZ, Mariano. Projetos pessoais e comunitárias na vida religiosa. São Paulo: Paulus, 1994, 338-341.

¹¹ MARTINEZ, Mariano. Projetos pessoais e comunitárias na vida religiosa. São Paulo: Paulus, 1994, p 46.

Henrique Souza da Silva

Doutor em Educação e Especialista em Gestão Educacional e Escolar pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Especialista em Formação de Presbíteros Diocesanos pelo Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA/BH.

messar, lançar, dirigir para frente ou à distância¹². No entanto, com relação à mente, projetar significa idealizar, ou seja, planejar. Na prática traz o sentido de realizar ou levar a cabo um plano. Desta maneira, projeto deve ser orgânico e processual, não sendo um simples emaranhado de propósitos¹³.

Fala-se de projeto porque o ser humano inserido no mundo se encontra num contexto que é mais amplo, global e até mesmo cósmico. O ser humano dificilmente encontra sua razão de ser apenas questionando “como atuar neste mundo aparentemente caótico?”. A Gaudium et Spes recorda que o homem é a síntese do universo e é com o homem que o universo atinge seu vértice¹⁴ participando do seu significado, do seu destino e do seu projeto.

Pensar um projeto é estar em contínua interrogação sobre si mesmo. Nele o homem se interroga sobre o seu passado, presente e futuro¹⁵. Motivos para isso ele os encontra em si mesmo e em torno de si, na razão de ser e na fidelidade da sua própria presença neste mundo. Tanto o projeto pessoal como o seu processo avaliativo constante, fazem emergir uma realidade problemática e programática da vida humana com a complexidade do seu mundo interno e externo¹⁶. O projeto é fundamental para todas as perguntas que venha surgir, isso denota que, todo questionamento exige esclarecimento e o resultado dessas questões proporciona mecanismos na elaboração de projetos. Sem estas perguntas, o projeto é privado de sentido e da sua dimensão racional.

Desta maneira, o projeto representa tendências nos seus elementos conscientes assim como nos inconscientes¹⁷. Essas tendências estão inseridas no ser da pessoa e no ligamento da sua existência que é sempre aberta ao seu próprio futuro. Portanto, o projeto pessoal é a alma de vida humana. Um autêntico projeto arquiteta a vida humana e a leva à plenitude.

4.1 PROJETO DE VIDA E O VOCACIONADO

O projeto feito por um vocacionado é subsídio para o seu crescimento integral no que diz respeito à sua pessoa. Deve ter como ponto de partida tudo aquilo que a pessoa realmente é, tudo aquilo que a identifica consigo mesma¹⁸. Especifica os objetivos ou valores que ela pretende atingir e cuida de dispor os meios próprios para consegui-los. Para isso, é preciso um conhecimento da realidade

¹² MARTINEZ, Mariano. Projetos pessoais e comunitárias na vida religiosa. São Paulo: Paulus, 1994, p. 46.

¹³ SOVÉRNIGO, José. Proyecto de vida: en busca de mi identidad. Madrid: Atenas, 1990, p.189.

¹⁴ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral Gaudium et spes, 14. Acessado em 03 de out de 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html

¹⁵ MARTINEZ, Mariano. Projetos pessoais e comunitárias na vida religiosa. São Paulo: Paulus, 1994, p. 51.

¹⁶ ORTEGA y GASSET. Goethe desde dentro. In: Obras completas. Revista de ocidente: 4ª ed., vol. IV. Madrid, 1950, p. 400.

¹⁷ A relação consciente e inconsciente enquanto problema da antropologia filosófica, segundo estudo de Luigi Rulla, revelam a abertura do homem ao transcendente a partir de suas experiências, isto é, considera as dinâmicas e dialéticas, não propriamente as essências de corpo e alma. Ele explora elementos dos autores Henri Ey, Paul Ricouer e Karol Wojtyła, sob abordagem de bases clínica, filosófica e teológico-filosófica, respectivamente. Cf. RULLA, Luigi M. Antropologia da vocação cristã: bases interdisciplinares. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 100-133, p. 100-133.

¹⁸ MARTINEZ, Mariano. Projetos pessoais e comunitárias na vida religiosa. São Paulo: Paulus, 1994, p.56.

Henrique Souza da Silva

Doutor em Educação e Especialista em Gestão Educacional e Escolar pela
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.
Especialista em Formação de Presbíteros Diocesanos pelo Instituto Santo
Tomás de Aquino – ISTA/BH.

de pessoal que é profunda e uma tomada da consciência da própria identidade e vocação. Portanto, se faz necessário um conhecimento e uma análise de si próprio, sob os mais diversos pontos de vista e aspectos, bem como da própria vocação, que apresentará o diagnóstico dos objetivos a ser consolidado.

A partir da forte motivação fornecida pela própria vocação que pretende assumir é possível formular os objetivos específicos e os valores que se deseja alcançar. São valores humanos e religiosos, tantos os formulados como também aqueles estabelecidos nas diretrizes da formação dos presbíteros e religiosos em cada Igreja particular¹. Por isso, parte-se da própria consciência, liberdade e vontade e da responsabilidade coerente do vocacionado².

Quando se trata dos meios, esses são elementos que precisam ser acertados e afinados antes de dar o passo inicial, a fim de conseguir os objetivos previstos. Os meios dependem, porém, de dois pontos extremos entre os quais estão situados: a quantidade e a qualidade, bem como as suas características funcionais são determinadas pela situação e pelos objetivos que o vocacionado pretende atingir²¹. Por isso, se deve examiná-los bem, para que possam desempenhar adequadamente o seu papel. Aqui há a consideração fundamental de que cada um deles tem o seu lugar, tempo e medida certa, em outras palavras, sua função específica.

O projeto pessoal tem características dinâmicas, ele não é estático. Não pode ser feito e acabado plenamente, pois é um processo em permanente revisão. Por isso, a avaliação periódica faz parte essencial de todo o processo de constituição do projeto de vida, reabastecendo suas motivações e servindo-lhe de corretivo eficaz. Recomenda-se também a ajuda de uma pessoa que possua as seguintes qualidades: serena, inteligente e espiritual, para que o projeto goze de objetividade e eficiência. De acordo com as Diretrizes para a Formação de Presbíteros no Brasil é a figura do diretor espiritual que acompanha pessoal e comunitariamente os vocacionados, seu papel tem caráter pedagógico e formativo²².

Num projeto de vida do vocacionado, se deve recordar que a própria vocação seja proposta e percebida como projeto existencial sendo essa uma afirmação original. A vocação é entendida como afirmação original de si mesmo pela atuação criativa da causa de Jesus de Nazaré e sua Igreja²³. Dá para perceber que a vocação não é nenhuma obra, mas sim, expressão e autoexpressão do indivíduo que se fez discípulo e cuida das coisas do Pai.

De fato, a vocação é um ato de alguém afirmar a existência pessoal através da resposta prática de que nela há possibilidade para a missão que lhe é confiada. Neste caso é entendida como projeto existencial de vida que se nutre da fidelidade à missão assumida². Por isso mesmo que a vocação

¹ No caso do Brasil segue-se o documento 93 da CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BIPOS DO BRASIL. Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2010.

² MARTINEZ, Mariano. Projetos pessoais e comunitários na vida religiosa. São Paulo: Paulus, 1994, p.57.

²¹ TILLARD, Jean-Marie Roger. El proyecto de vida de los religiosos. Madrid: publicaciones claretianas, 1974, p. 72.

²² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BIPOS DO BRASIL. Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2019. p. 108.

²³ ALMEIDA, Dalton Barros. Seminário: projeto educativo. In: CNBB. Metodologia do processo formativo; a formação presbiteral da igreja no Brasil. São Paulo: Paulus, 2001, p. 37

² CABARRÚS, Carlos Rafael. Discernir na Igreja de hoje. São Paulo: Loyola, 1998, p.12.

Henrique Souza da Silva

Doutor em Educação e Especialista em Gestão Educacional e Escolar pela
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.
Especialista em Formação de Presbíteros Diocesanos pelo Instituto Santo
Tomás de Aquino – ISTA/BH.

como projeto existencial, é a formação numa fidelidade fundamental em nome do amor de Deus realizado pelo próprio vocacionado, assim como pelo povo que a ele será confiado. Com efeito, não é possível o empenho do indivíduo a si e à missão, sem um processo de amorização. Portanto, a sensibilidade por uma causa que coincide com a existência da pessoa, só perdura como projeto existencial onde houver paixão; para o discernimento vocacional é preciso o desejo e a vontade de reconfigurar o mundo segundo Cristo. O projeto de vida do vocacionado deve contemplar essa dimensão existencial da própria vocação na pessoa de Jesus Cristo. Eis porque se faz duas perguntas fundamentais, a saber: o que fazer de minha vida? E o que Deus quer de mim?

O projeto de vida é determinado pelos valores almejados uma vez que o projeto é a ordenação inteligente da dinâmica de crescimento nos valores²¹. Faz-se o projeto para conseguir valores²². O sentido dos valores é correlativo ao sentido humano e cristão da dignidade da pessoa. Quando se atua segundo um projeto de valores, cresce a dignidade da própria pessoa, verificando uma autoaprovação no intuito de elevar o ânimo e irradiar de luz o caminho futuro. Portanto, o projeto pessoal tem função decisiva na aquisição de valores. Para isso é importante estar consciente dos valores humanos e cristãos uma vez que o projeto de vida deve contemplar os valores como sua base constitutiva.

Por outro lado, não se pode pensar em um projeto sem horizonte de felicidade e de plenitude, seja ela absoluta ou relativa²³. É digno de nota que felicidade e projeto são correlativos. O projeto tem como finalidade a felicidade. Aconselha-se que cada vocacionado concentre o seu projeto no Evangelho e nas bem-aventuranças (cf. Mt 5,3-11). Nisso se vê que a felicidade é uma plenitude alcançada pelo próprio projeto de vida, lembrando que o projeto de vida garante a esperança, orienta para o futuro com confiança em si mesmo.

Efetivamente, o projeto de vida seleciona prioridades e pontos urgentes²⁴. Acompanha o ritmo exigido pelos passos próprios de cada pessoa. Trata-se de um itinerário, caminho a ser trilhado e percorrido em vista de uma meta a ser alcançada, porém, não de lançamento ocasional, mas arremessado, qual uma seta, do passado para um futuro mais ou menos mediato. Trata-se também de algum ponto decisivo para vida da pessoa e que atinge em cheio alguma das constantes que caracterizam a qualidade da sua própria vida e que sofrem uma modificação positiva graças ao projeto. É importante salientar que o projeto não é uma simples montagem de propósitos de normas de conduta forjadas por decreto e baseadas em princípios. Deve sempre ter motivações profundas acrescentando medidas e as condições próprias de cada pessoa considerada dentro das circunstâncias reais em que se encontra.

O projeto se modifica conforme o ritmo e processamento da vida, de acordo com inclinações, problemas ou interpelações. Aqui é suposto uma prudência e realismo que implica discernimento para ser coerente. Procura-se o que seja razoável, atento ao tempo presente. Para que tenha bom êxito, mantendo firme a repercussão interior do chamado de Cristo e o cultivo da vida espiritual²⁵. Pela mesma razão deve manter aquela atitude de ter a mente e o coração sempre abertos para os sinais

²¹ MARTINEZ, Mariano. Projetos pessoais e comunitárias na vida religiosa. São Paulo: Paulus, 1994, p. 59.

²² MOLINARO, Aniceto. Decisão. In: Dicionário de Teologia moral. São Paulo: Paulus, 1997, p. 226.

²³ ROJAS, Enrique. La felicidad como proyecto en vida religiosa. Madrid: Dossat, 1989, p. 121.

²⁴ MARTINEZ, Mariano. Projetos pessoais e comunitárias na vida religiosa. São Paulo: Paulus, 1994, p. 130.

Henrique Souza da Silva

Doutor em Educação e Especialista em Gestão Educacional e Escolar pela
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.
Especialista em Formação de Presbíteros Diocesanos pelo Instituto Santo
Tomás de Aquino – ISTA/BH.

das fases pessoais, sem perder em vista que são “oportunidade” de salvação e graça. Além disso, deve levar a sério os valores aos quais se quer consagrar a vida, vivendo-os sem mediocridade. Isso facilita a organização da mente hierarquicamente de acordo com as prioridades da vida.

4.2 UTILIDADE DO PROJETO DE VIDA

Visto o que é o projeto de vida e seus elementos constitutivos, é importante apresentar um pouco a importância desse projeto, lembrando que o enfoque está no discernimento. Em primeiro lugar, o projeto de vida ajuda na estruturação e organização de vida e das atividades pessoais. Por isso, se deve evitar uma contínua improvisação, no qual se venha a perder valiosas oportunidades de reflexão, bem como de eficiência. Com isso estimula-se a criatividade, a liberdade responsável e a tomada de decisões pessoais.

O projeto de vida leva à progressiva e boa construção da própria vida vocacional no futuro³⁰. Assim desperta os talentos recebidos levando a sério a vida como compromisso que requer responsabilidade. Consequentemente, o projeto de vida é um guia propício para o desenvolvimento humano no discernimento vocacional. Em sentido humano, salienta que os projetos fazem parte da vida, eles “nos alimentam, nos impulsionam para a frente, nos mantêm vivos”³¹.

O planejamento de vida por meio do projeto ajuda a educar e robustecer a vontade eliminando inconstâncias e caprichos. Ora, esse fortalecimento da vontade é talvez o maior e principal apoio humano prestado à vida de perfeição. Do mesmo modo, o projeto ajuda a empregar bem o tempo, este tempo quando tem ocupação concretamente definida, isto é, não desperdiçado, não permite que a vontade vagueie na indecisão e favorece ocupar-se com coisa determinada. O projeto, portanto, tem capacidade de animar, aperfeiçoar e transformar em virtudes nossos atos, permitindo vislumbrar o objetivo geral da formação do processo formativo: “levá-los a serem santos”³². Conclui-se dizendo que um vocacionado com o projeto de vida adquire um *modus operandi* que o ajuda a amadurecer na sua escolha vocacional.

4.3 PAPEL DO PROMOTOR VOCACIONAL EM RELAÇÃO AO PROJETO DE VIDA

Todo vocacionado em discernimento precisa de apoio de quem possa indicar o bom procedimento nesta fase de elaboração do projeto de vida. Por isso, a figura do promotor vocacional é necessária e importante para ajudar o jovem a crescer e aprofundar sua vocação com convicção e compromisso. É tarefa primária do promotor vocacional, antes de estimular os candidatos da nova

³⁰ MARTINEZ, Mariano. Projetos pessoais e comunitárias na vida religiosa. São Paulo: Paulus, 1994, p. 134.

³¹ MARTINEZ, Mariano. Projetos pessoais e comunitárias na vida religiosa. São Paulo: Paulus, 1994, p. 134.

³² MACHADO, José Nilson. Educação: Projetos e Valores. São Paulo: Escrituras Editora, 2000, p. 36.

³³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BIPOS DO BRASIL. Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2019, p. 178.

Henrique Souza da Silva

Doutor em Educação e Especialista em Gestão Educacional e Escolar pela
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.
Especialista em Formação de Presbíteros Diocesanos pelo Instituto Santo
Tomás de Aquino – ISTA/BH.

geração a um crescimento espiritual e intelectual, saber discernir suas motivações profundas³³, seus valores escandidos, seus anseios mais autênticos. Nota-se que entre as motivações profundas estão a fé coerente, a gratuidade e generosidade pessoais, o seguimento de Jesus, anúncio do Evangelho, amor e serviço à Igreja, a sensibilidade ao clamor dos pobres, a disponibilidade missionária.

Desse modo, se torna possível estabelecer uma ponte entre as exigências objetivas da vocação religiosa hoje e as condições subjetivas dos candidatos. Nesta questão o promotor ajuda o jovem vocacionado a se adaptar a cada época e a cada ambiente de vida no seu discernimento vocacional³². Assim, o promotor vocacional desperta a vocação humana, cristã e eclesial, discernindo os sinais indicados do chamado de Deus e cultivando os germes de vocação neste acompanhamento. O processo de opção vocacional deve ser sempre consciente e livre³².

A fim de facilitar o discernimento é imprescindível realizar encontros para que o vocacionado esclareça suas dúvidas. Esse gradual acompanhamento acontece envolvendo a família e a comunidade cristã que é parte integrante da identidade do jovem vocacionado. Considera-se também, de grande importância o engajamento na comunidade. O acompanhamento vocacional deve ser também uma formação cristã ao vocacionado que dê condição de enxergar bem a realidade³². Por essa razão, o projeto de vida do vocacionado é realizado junto do promotor vocacional com sua comunidade integrando todas as suas necessidades. É necessária uma atenção particular para a realidade do candidato, como as situações familiar, escolar, econômico/financeira, culturais e religiosas, a fim de integrá-lo adequadamente, bem como atenção para o discernimento de vocações adultas³². À medida que o promotor vocacional está atento a tais situações e colabora para um claro discernimento ele se compromete no trabalho efetivo de oferecer meios para os vocacionados na elaboração do projeto de vida.

Quando um jovem se apresenta como vocacionado, ele traz um conjunto de riquezas e deficiências em diferentes componentes, esses elementos servem como a matéria própria do trabalho de discernimento³². No campo humano, o promotor vocacional tem encargo de identificar certa riqueza de personalidade e os carismas e potencializá-los ao máximo para a atividade apostólica, ao mesmo tempo tem a tarefa de colaborar com o crescimento humano atento aos mais pobres e fragilizados. No campo espiritual tem a missão de considerar a experiência espiritual prévia e ajudar a aprofundá-la.

Portanto, como estrutura de apoio o promotor colabora para uma maior compreensão, possibilita novas experiências e garante o acompanhamento do vocacionado em todas as dimensões da formação, a saber: humana afetiva, espiritual, intelectual, pastoral e missionária(39). Tudo isso parte

³³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BIPOS DO BRASIL. Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2019, p. 62; 70-72.

³² JOÃO PAULO II, Papa. Pastores Dabo vobis - Exortação Apostólica sobre a formação presbiteral. São Paulo: Paulinas, 1992, n. 5.

³² JOÃO PAULO II, Papa. Pastores Dabo vobis - Exortação Apostólica sobre a formação presbiteral. São Paulo: Paulinas, 1992, n. 34.

³² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BIPOS DO BRASIL. Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2019, p.69.

³² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BIPOS DO BRASIL. Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2019, p. 72.

³² OLIVEIRA, José Antônio Netto de. Reflexões sobre a formação. São Paulo: Loyola, 2003, p. 15.

Henrique Souza da Silva

Doutor em Educação e Especialista em Gestão Educacional e Escolar pela
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.
Especialista em Formação de Presbíteros Diocesanos pelo Instituto Santo
Tomás de Aquino – ISTA/BH.

do princípio de que a preocupação não é apenas “fabricar” vocações religiosas quaisquer, mas sim responsáveis e comprometidas com os mais pobres(40). Isso é proporcionar um crescimento integral da pessoa.

Por fim, o promotor vocacional precisa dispor de inúmeros meios e recursos para ajudar na integração afetiva do jovem vocacionado. Ele deve favorecer a abertura e transparência do vocacionado. Também deve o ajudar a descobrir o princípio dinâmico e evangélico que alimenta sua caminhada, em torno do qual a vida vai se estruturando. Não se deve esquecer de favorecer a vida de oração, um relacionamento pessoal e transparente com Jesus Cristo, a quem o vocacionado quer seguir e tornar-se, assim, fonte de integração de sua personalidade. Onde existe esses fundamentos, o jovem em discernimento contínuo terá mais facilidade na elaboração e vivência do seu projeto de vida.

5 PROJETO DE VIDA E DISCERNIMENTO VOCACIONAL: INDICATIVOS A LUZ DO PAPA FRANCISCO

O Papa Francisco tem destacado em seus discursos, exortações e documentos uma especial atenção ao discernimento vocacional. Na exortação apostólica *Christus Vivit*, o Papa exorta à necessidade de um discernimento que não seja um simples exercício introspectivo, mas uma atitude de abertura e diálogo com Deus e com a comunidade. A vocação, em sentido amplo, “é um convite a não ficarmos parados na margem da vida, a deixar a nossa marca na história, marcada por uma missão pessoal única e irrepetível que se define ao longo de um discernimento.”³¹

Ele destaca que o discernimento deve ser “um caminho de liberdade” no qual o sujeito, guiado pelo Espírito Santo, consegue identificar o seu lugar no mundo e a sua missão. O Papa também aponta que esse processo exige paciência, reflexão e, muitas vezes, a disposição para fazer escolhas corajosas, mesmo em meio à incerteza. No discernimento vocacional, o essencial é manter-se aberto ao que Deus deseja para a própria vida, sem se deixar levar por pressões externas ou padrões impostos pela sociedade.

A ideia de projeto de vida, como estamos acompanhando nesse artigo, está profundamente ligada ao conceito de vocação, entendida como um chamado divino que orienta a vida do ser humano. O Papa Francisco reitera, que todo ser humano tem uma vocação, um chamado que precisa ser discernido e vivido de maneira coerente com os valores do Evangelho. Para ele, o projeto de vida cristão não se limita à realização pessoal, mas inclui uma dimensão de serviço e doação ao próximo. O Papa Francisco pondera que, “sem a sabedoria do discernimento, podemos transformar-nos facilmen-

³² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BIPOS DO BRASIL. Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2019, p. 74-76.

³³ FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium* – A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013, nº 191.

³⁴ FRANCISCO, Papa. *Christus Vivit*: Exortação Apostólica Pós-Sinodal aos Jovens e a todo o Povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019, nº 255.

Henrique Souza da Silva

Doutor em Educação e Especialista em Gestão Educacional e Escolar pela
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.
Especialista em Formação de Presbíteros Diocesanos pelo Instituto Santo
Tomás de Aquino – ISTA/BH.

te em marionetes à mercê das tendências do momento. O discernimento não é apenas necessário em momentos excepcionais, ou quando se deve resolver problemas graves, mas é um instrumento de luta para seguir melhor o Senhor.^[2]

O Papa Francisco utiliza a imagem do “peregrino” para descrever esse projeto de vida vocacional, apontando que cada pessoa está em uma constante caminhada, onde o sentido da vida vai se revelando à medida que ela responde aos apelos de Deus. Assim, o projeto de vida não é algo estático, mas um processo dinâmico que exige abertura e prontidão para mudar de direção, sempre buscando o bem comum e o crescimento espiritual.

No contexto atual, marcado pela instabilidade e pela rápida transformação social, Francisco alerta sobre a importância de um projeto de vida sólido, fundamentado em valores cristãos. Ele observa que muitos jovens vivem uma “cultura do provisório”, onde as decisões são adiadas ou tomadas sem um verdadeiro sentido de compromisso. Nesse sentido, o discernimento vocacional surge como uma ferramenta crucial para a construção de um projeto de vida autêntico, que oferece sentido e propósito contextualizado nas necessidades da sociedade. Sobre isso, no discurso de abertura no Sínodo dos jovens em 2018, reforça que “discernir é deixar-se interpelar pela realidade em que se vive, pelos desafios que surgem e, a partir da oração, com a ajuda do Espírito Santo, decidir o caminho a seguir, o projeto de vida a abraçar.”^[3]

Educar para o discernimento é essencial para que os jovens vocacionados possam viver plenamente um projeto de vida, que contribui para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e em harmonia com os valores do Evangelho. O projeto de vida, sob a orientação do discernimento vocacional, transforma-se assim em um caminho de realização pessoal e serviço ao próximo, revelando o propósito divino para cada ser humano.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto em tempos de mudança ou mesmo em mudança de época, a forma de como tratar a vocação deve ter um preciso método. Para isso o projeto de vida proporciona um meio de traçar os objetivos conforme as motivações pessoais e as orientações atuais da Igreja no Brasil e do Magistério do Papa Francisco. A articulação do artigo se desenvolveu na exploração do conceito de discernimento e projeto de vida, que se revela como uma exigência da própria condição humana, impulsionando para uma análise crítica da realidade.

O discernimento tem um local privilegiado nas Escrituras, pois a Palavra de Deus, representa o desígnio de Deus para a vida do seu povo e a fé se apresenta como resposta ao chamado divino com um olhar atento do que é necessário transformar na realidade de sofrimento. Nisso o vocacionado pode se autoconhecer sob o aspecto humano e espiritual, traçando assim um projeto de vida profético

[2] FRANCISCO. Papa. Gaudete et Exultate: Exortação Apostólica sobre o Chamado à Santidade no Mundo Atual. São Paulo: Paulus, 2018, nº 169.

[3] FRANCISCO. Papa, Discurso do Santo Padre na Abertura do Sínodo dos Bispos sobre os Jovens. Vaticano, 3 out. 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/october/documents/papa-francesco_20181003_apertura-sinodo.html. Acesso em: 22 out. 2024

Henrique Souza da Silva

Doutor em Educação e Especialista em Gestão Educacional e Escolar pela
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.
Especialista em Formação de Presbíteros Diocesanos pelo Instituto Santo
Tomás de Aquino – ISTA/BH.

e libertador.

O projeto de vida tem função de planejar as aspirações da pessoa e, também, de aperfeiçoar as decisões humanas levando-as à plenitude. Considerando todas as dimensões da pessoa o projeto de vida está para a tomada de consciência da identidade e da vocação, seu perfil é orgânico, atento às mudanças e às circunstâncias reais do vocacionado no propósito de fazer acontecer o Reino de Deus.

O processo consciente de construir um projeto de vida, fica bem mais claro quando se considera o fato trivial de que, todo conhecimento mantém um diálogo permanente com os outros conhecimentos. Sabendo correlacionar esses diversos recursos, propiciará aos vocacionados a sistematização das experiências realizadas e adquiridas ao projeto pessoal de vida. Isso, pode contribuir, para que possamos entender o processo de discernimento e o projeto de vida do jovem vocacionado como um itinerário pedagógico que evidencia a ele a consciência de ser uma pessoa integrada que se encontra, se reconhece e estabelece uma prática profética transformadora da realidade como sinal do Reino de Deus.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dalton Barros. Seminário: projeto educativo. In: CNBB. Metodologia do processo formativo; a formação presbiteral da igreja no Brasil. São Paulo: Paulus, 2001.

BENTO XVI, Papa. Exortação Apostólica Verbum Domini. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

BÍBLIA. A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.

BRIGHENTI, Agenor. Reconstruindo a esperança. Como planejar ação da Igreja em tempos de mudança. São Paulo, Paulus, 2000.

CABARRÚS, Carlos Rafael. Discernir na Igreja de hoje. São Paulo: Loyola, 1998.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BIPOS DO BRASIL. Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2010.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral Gaudium et spes, 14. Acessado em 22 de out de 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html

FRANCISCO. Papa. Christus Vivit: Exortação Apostólica Pós-Sinodal aos Jovens e a todo o Povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019.

FRANCISCO. Papa. Discurso do Santo Padre na Abertura do Sínodo dos Bispos sobre os Jovens. Acessado em 22 de out. 2024 Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/spee->

Henrique Souza da Silva

Doutor em Educação e Especialista em Gestão Educacional e Escolar pela
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.
Especialista em Formação de Presbíteros Diocesanos pelo Instituto Santo
Tomás de Aquino – ISTA/BH.

[ches/2018/october/documents/papa-francesco_20181003_apertura-sinodo.html](https://www.vatican.va/press/documents/papa-francesco_20181003_apertura-sinodo.html).

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium* – A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti* – Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, Papa. *Gaudete et Exultate*: Exortação Apostólica sobre o Chamado à Santidade no Mundo Atual. São Paulo: Paulus, 2018

JOÃO PAULO II, Papa. *Pastores Dabo vobis* - Exortação Apostólica sobre a formação presbiteral. São Paulo: Paulinas, 1992.

LUZARRAGA, Jesus. *Espiritualidade bíblica de la vocacion*. Madrid: Paulinas, 1984.

MACHADO, José Nilson. *Educação: Projetos e Valores*. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

MARTINEZ, Mariano. *Projetos pessoais e comunitárias na vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 1994.

MOLINARO, Aniceto. *Decisão*. In: *Dicionário de Teologia moral*. São Paulo: Paulus, 1997.

OLIVEIRA, José Antônio Netto de. *Reflexões sobre a formação*. São Paulo: Loyola, 2003.

ORTEGA y GASSET. *Goethe desde dentro*. In: *Obras completas*. Revista de ocidente: 4ª ed., vol. IV. Madrid, 1950.

RODRIGUEZ, Angel e CASAS, Joan Canals. *Dicionário Teológico da vida consagrada*. São Paulo: Paulus, 1994.

ROJAS, Enrique. *La felicidad como proyecto en vida religiosa*. Madrid: Dossat, 1989.

RULLA, Luigi M. *Antropologia da vocação cristã: bases interdisciplinares*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 100-133.

TILLARD, Jean-Marie Roger. *El proyecto de vida de los religiosos*. Madrid: publicaciones claretianas, 1974.

SOVÉRNIGO, José. *Proyecto de vida: en busca de mi identidad*. Madrid: Atenas, 1990.

RESUMO

Este texto, baseado em pesquisa bibliográfica, teve o objetivo de discutir a antropologia personalista de Karol Wojtyła, tendo três elementos como pilares, quais sejam, ação, pessoa e dignidade. Seu percurso é da experiência para a consciência do homem que realiza a ação, porque não é da pessoa que se vai à ação, e sim da ação que se chega à pessoa. Ele considera a subjetividade ôntica e a subjetividade pessoal na constituição da pessoa, entendida como alguém inclinado ao bem moral objetivo, dotada de liberdade e orientada pela verdade, capaz de coexistir e agir junto com o outro. A relação de caráter personalista é vivida com experiência, consciência e liberdade para agir pelo e para o bem moral objetivo, de modo que sempre conserve o valor indeclinável da dignidade da pessoa humana. Não se ignora a dignidade moral, social e existencial, mas a ontológica é primordial, posto que é dada à pessoa enquanto tal, pelo simples fato de existir naturalmente. Ela não pode jamais ser cancelada, mantendo sua plena validade para além de toda circunstância em que alguém se encontre. Ela é intrínseca à pessoa, anterior mesmo ao credenciamento por outrem. Não pode ser perdida nem cancelada. É essa dignidade ontológica, na antropologia personalista wojtyliana, que sustenta o agir que segue o ser e que reconhece tanto a pessoa humana como valor objetivo, quanto o valor da pessoa humana como inalienável, independente do tempo, do espaço e das circunstâncias que, nesta ou naquela situação, marquem sua vida na sociedade.

Palavras-chave: Ação; Dignidade; Fenomenologia; Metafísica; Pessoa.

ABSTRACT

This text, based on bibliographic research, aimed to discuss the personalist anthropology of Karol Wojtyła, having three elements as pillars, namely, action, person and dignity. His path is from experience to the consciousness of the man who performs the action, because it is not from the person who goes to action, but from the action that one arrives at the person. He considers ontic subjectivity and personal subjectivity in the constitution of the person, understood as someone inclined to the objective moral good, endowed with freedom and guided by truth, capable of coexisting and acting together with the other. The personalistic relationship is lived with experience, conscience and freedom to act for and for the objective moral good, so that it always preserves the inescapable value of the dignity of the human person. Moral, social and existential dignity is not ignored, but ontological dignity is primordial, since it is given to the person as such, by the simple fact of existing naturally. It can never be canceled, maintaining its full validity beyond any circumstance in which one finds himself. It is intrinsic to the person, even prior to accreditation by others. It cannot be lost or canceled. It is this ontological dignity, in wojtylian personalist anthropology, that sustains the action that follows the being and that recognizes both the human person as an objective value, and the value of the human person as inalienable, regardless of the time, space and circumstances that, in this or that situation, mark his life in society.

Keywords: Action; Dignity; Phenomenology; Metaphysics; Person.

1 INTRODUÇÃO

Linhas diversas do pensamento contemporâneo trazem em comum uma visão refratária a uma antropologia baseada numa razão transcendente, capaz de propor um arcabouço teórico de princípios, normas e valores dotados de uma validade racional meta-histórica.

O objetivo desta investigação, baseada em pesquisa bibliográfica, com destaque para o pensamento antropológico de Karol Wojtyła, é discutir se, nos tempos atuais, a antropologia personalista de Karol Wojtyła apresenta elementos consistentes para a afirmação da dignidade humana, enquanto exigência indeclinável da sociedade contemporânea.

Assim, de início, apresenta-se os um dos marcos formadores da filosofia de Karol Wojtyła, notadamente, o seu ponto de partida fenomenológico, enquanto uma das principais linhas de pensamento contemporâneo e as fontes em que ela busca fundamentos para fornecer orientações antropológicas para os dias em curso.

Em seguida, apresenta-se a antropologia personalista de Karol Wojtyła, que faz o percurso da ação à pessoa, e não tem como ponto de partida a própria pessoa em direção à ação.

Na próxima etapa, busca-se estabelecer a importância da construção wojtyliana de uma antropologia personalista que, ultrapassando o nível fenomenológico, alcança o patamar ontológico, fixando-se um sujeito pessoal e ôntico, inclinado a ser alguém moralmente bom, por meio do exercício da liberdade, orientada pela verdade, coexistindo e agindo junto com o outro.

Por derradeiro, analisa-se como essa antropologia personalista wojtyliana está vinculada à dimensão ontológica da dignidade da pessoa humana, a qual confere sustentação à dignidade moral, social e existencial.

Na conclusão, são repassadas as principais ideias desenvolvidas ao longo do texto, principalmente, aquelas que indicam o posicionamento personalista wojtyliano no mundo contemporâneo.

2 UM MARCO FORMADOR DA FILOSOFIA WOJTYLIANO: A FENOMENOLOGIA COMO PONTO DE PARTIDA

A fenomenologia, tida como uma das mais importantes escolas filosóficas do século XX, teve como fonte o pensamento do filósofo austríaco Franz Clemens Honoratus Hermann Brentano (1838-1917), cuja obra intitulada *Psicología desde el punto de vista empírico*, pela primeira vez, descreveu a noção de intencionalidade, recebida da tradição escolástica, como constitutiva da consciência. Como qualificado conhecedor da filosofia aristotélica, ele deixou textos significativos sobre ética, entre eles, *El origen del conocimiento moral*, no qual é proposto o conceito de intuição ética. Aliás, este conceito servirá de inspiração para diversas versões da Ética fenomenológica (Vaz, 1999).

O fundador da escola fenomenológica, Edmund Husserl (1859-1938), com suas *Investigações Lógicas: investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento*, instaurou um novo modo de filosofar que se distanciou do psicologismo de matriz empirista e do gnosiologismo neokantiano. Noções primordiais como intencionalidade, intuição eidética, descrição fenomenológica, redução, do-

Marcus Tadeu Maciel Nahur

Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unidade de Lorena SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova.

ação de sentido e o lema ir às coisas mesmas, a saber, presentes nos atos intencionais da consciência, constituem a estrutura conceitual básica do método fenomenológico.

Na esteira da fenomenologia, Karol Wojtyła reconhece a importância inicial da experiência (Wojtyła, 1982). Não significa que ele adota porém, o psicologismo empirista de Franz Brentano, pois afirma a necessidade de identificação do valor com seu próprio conteúdo objetivo, e não apenas uma introspecção, uma experiência interna e subjetivista. Do mesmo modo, contudo, não adere, por completo, à fenomenologia de Max Scheler, porque considera que ela prioriza a postura emocionalista. Como ele mesmo diz: “O emocionalismo é uma característica significativa do sistema scheleriano” (Wojtyła, 1982, p. 13). Esse emocionalismo pode ser entendido por aquilo que Max Scheler denomina *intentionales Fühlen*, expressão que o próprio Karol Wojtyła traduz por “percepção afetiva intencional” (Wojtyła, 1982, p. 14).

Além disso, naquilo que considera de relevante na fenomenologia, como ponto de partida, que é a experiência imediata e intuitiva dos objetos, projetando-os para a consciência, Karol Wojtyła rechaça o apriorismo kantiano, precisamente, porque o considera um formalismo racionalista sem contato com o conteúdo material dos valores (Wojtyła, 1982). Como ele diz: “Kant é um racionalista” (Wojtyła, 1982, p. 13). Na explicação wojtyliana, a filosofia kantiana considera o mundo material de valores um caos total, no qual somente a razão “[...] introduz uma certa ordem com seus princípios apriorísticos (formas) [...]” (Wojtyła, 1982, p. 15).

Assim, na ótica wojtyliana, essa razão apriorística não descobre o valor e nem é capaz de traduzir sua peculiar essência. Coisa e valor são elementos primários da realidade e a razão extrai deles um conteúdo concreto, o que não se pode confundir, de modo algum, com uma razão pura apriorística e formal.

3 A AÇÃO DA PESSOA: O MARCO INICIAL DA ANTROPOLOGIA PERSONALISTA

No esforço fenomenológico de retorno às coisas mesmas e de apresentação de uma resposta sobre a identidade do ser humano, Karol Wojtyła vai em busca do concreto desse ser humano e o identifica na pessoa. Ele toma como ponto de partida a experiência do homem, notadamente, o homem que age ou realiza a ação. É pela via da ação que se chega à pessoa, e não da pessoa que se vai à ação (Wojtyła, 2005).

Ao fazer esse percurso, Karol Wojtyła não deixa dúvidas de que sua intenção é partir da experiência, e não de um conceito já estabelecido de pessoa. Apoiado no princípio metafísico o agir segue o ser em ato - *agere sequitur esse in actu* - assentado por Tomás de Aquino na obra *Suma contra los gentiles* -, Karol Wojtyła parte da experiência do sujeito que age no mundo e pretende chegar ao ser desse mesmo sujeito (Wojtyła, 2005).

Para ele, a experiência não pode ser identificada com nenhuma linha de empirismo puro, na medida em que caracteriza um engano, por ser reducionista, a circunscrição de todas as experiências a funções dos sentidos. Na concepção wojtyliana, em sua contraposição ao reducionismo empirista, há muitas formas de experiência envolvidas no contato com os muitos objetos particulares que se apresentam ao conhecimento (Wojtyła, 2005).

Quando se tem a própria pessoa como objeto de conhecimento, evitar qualquer reducionismo é algo indeclinável. Se a experiência deve ser considerada como base de todo conhecimento sobre os objetos, isso não significa que se admita uma única forma de experiência e que ela seja denominada de sensível.

Com relação à pessoa, mais precisamente, dois aspectos de sua experiência devem ser levados em consideração: o da interioridade e o da exterioridade. Ambos atuam de forma simultânea. A experiência interior é aquela que acontece com a própria pessoa, e não com outrem. Essa experiência de interioridade tem a característica de ser intransferível. As demais pessoas são exteriores e, assim, se encontram em posição dialética à interioridade do “eu pessoal”. Elas vêm de fora e são incluídas na experiência desse “eu pessoal”. Interioridade e exterioridade são complementares e compensatórias no conhecimento integral da pessoa.

A concepção da experiência que mescla sensações e primeira inteligência, no mesmo ato cognitivo, confere certo distanciamento do pensamento de Karol Wojtyła do esquema clássico que considera que o conhecimento que tem como marco inicial os conteúdos captados pelos sentidos e em relação aos quais a inteligência exercerá sua função a posteriori (Burgos, 2014).

Ao focalizar primeiro a ação, Karl Wojtyła identifica o elemento humano chamado consciência, um ato que acompanha o conhecimento sensitivo e intelectual, gerando um entendimento concomitante. Não se trata de negar que ter consciência é sempre ter consciência de algo, como entende a fenomenologia em geral; no entanto, ele vai além dessa concepção, afirmando que a consciência tem dupla função. Ela se caracteriza pela reflexibilidade e pela reflexão.

A via de acesso à consciência é a experiência, pois, ela possibilita que se torne objetivo todo o dinamismo humano. A consciência forma o conhecimento da pessoa e lhe assegura a experiência da própria subjetividade. A experiência do “eu pessoal” fica condicionada por essa operação. No exercício da reflexibilidade, a consciência concede à pessoa o conhecimento de seu ato de forma mais apropriada, além de lhe abrir caminho para a própria identidade. Já a reflexão permite ao intelecto voltar-se para seu conteúdo e conhecê-lo de forma mais elaborada. É a reflexão que propicia uma distinção fundamental, qual seja, aquela que diz respeito ao ser sujeito e que não se confunde com o experimentar do próprio eu pessoal, enquanto sujeito dos próprios atos e experiências (Wojtyła, 2005, tradução nossa).

O fato é que há estreita conexão entre reflexibilidade e reflexão. A reflexividade leva à noção do bem e do mal no “eu pessoal”, enquanto a reflexão, que tem íntima relação com o autoconhecimento, leva à aquisição de um conhecimento elaborado do bem e do mal. Bem e mal são desafios constantes à ação da pessoa no mundo.

Para Karol Wojtyła, é certo que a pessoa também sente, e não apenas reflete. No entanto, a emoção se mistura à reflexividade e à reflexão, alterando o caráter de ambas. Sentimentos podem dominar a inteligibilidade pessoa e interromperem a autoconsciência. Obviamente, esse fenômeno incide de acordo com a intensidade das emoções sofridas pela pessoa. E aí que a pessoa se faz consciente de suas emoções, ainda que nem sempre consiga ter controle sobre elas. Por isso, o conhecimento de si mesmo é decisivo, quando se instala na pessoa esse quadro emocional, cabendo-lhe agir com consciência para que as emoções não a dominem por completo.

Marcus Tadeu Maciel Nahur

Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unidade de Lorena SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova.

Entretanto, o mesmo Karol Wojtyla, sabe que a consciência não é uma realidade independente e autossuficiente. O idealismo moderno apresenta delicados equívocos sobre a consciência ao pretender identificar nela um sujeito autônomo e absoluto. Ocorre que experiências e valores perdem sua condição de realidade nessa concepção. Deixam de ser algo real e se apresentam somente como um fenômeno da consciência.

Com suas funções de reflexividade e reflexão, a consciência dá condições à pessoa alcançar a inteligibilidade de suas ações, perceber a dinâmica de cada uma delas e, também, colher experiências dessas mesmas ações como dinamismos próprios dos sujeitos agentes.

A função de reflexividade dá origem à subjetividade da pessoa, ou seja, confere-lhe a possibilidade para se experienciar como sujeito. Por seu turno, a função de reflexão, permite que a pessoa humana espelhe, retome e aprofunde os conhecimentos já adquiridos sobre a realidade. A consciência é, pois, condição da ação livre e voluntária. Nesse sentido, a pessoa pode agir de forma consciente, ter consciência de agir e de experienciar-se como fonte da ação, além de poder vivenciar os valores do bem e do mal como algo que diz respeito a ela e à sua consciência.

A consciência, porém, não é independente de todo o resto; ao contrário, ela depende da verdade. Não obstante seu caráter mental, a função de reflexividade condiciona a experiência à noção de verdade, enquanto a função de reflexão adquire seus conteúdos significativos de processos ativos, teóricos e práticos, que estão direcionados para a verdade. Desse modo, “[...] sem a verdade (ou quando não se está em contato com ela), fica impossível perceber e interpretar corretamente a consciência ou, em termos mais gerais, todo o sistema específico da função e da ordem moral” (Wojtyla, 2005, tradução nossa).

A consciência também não produz suas próprias leis. Ela não tem essa função legisladora, cabendo-lhe descobrir as normas na esfera objetiva dos valores. Quando essa noção fica ofuscada, tem-se o risco do subjetivismo arbitrário e do esfacelamento ôntico do ser pessoal, de tal modo que a rejeição da lei natural conduz a consequências que podem comprometer o bem em sua objetividade moral (Wojtyla, 2005). Desse modo, é importante notar que “[...] a função da consciência não pode ser reduzida a uma dedução ou aplicação mecânica de normas, cuja veracidade reside em fórmulas abstratas” (Wojtyla, 2005, tradução nossa).

O bem moral possui um núcleo objetivo que é consubstanciado por princípios de atuação indispensáveis e, dentre eles, há o princípio da dignidade da pessoa humana. A questão da fundamentação dessa dignidade é de importância indeclinável.

Em busca dessa fundamentação, Karol Wojtyla demonstra seu propósito de articular a filosofia do ser com a filosofia da consciência. Ele considera que a filosofia da consciência, notadamente na perspectiva fenomenológica, engrandeceu o conhecimento dos fenômenos empíricos, porém, não foi capaz de dar “[...] o passo metafísico dos sintomas aos fundamentos, isto é, na linguagem de Tomás de Aquino, dos efeitos à causa” (Giovanni Paolo II, 2013, p. 49). A compreensão do homem, como ente pessoal, além de condição, constitui também um dos fundamentos para a afirmação do valor e da dignidade da pessoa humana. Karol Wojtyla acolhe a concepção tomista de que a existência do ente se torna possível por sua participação no Ser, o que implica, inclusive, participar de seu valor. O valor e a dignidade da pessoa humana tornam-se mais evidentes, na medida em que há o desenvolvimento

Marcus Tadeu Maciel Nahur

Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unidade de Lorena SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova.

em sua consciência de que ela é ente apto à participação do Ser.

Com o ato de consciência, a pessoa realiza ações no mundo, faz experiência de si mesma como sujeito e dialoga como seu próprio “eu pessoal”. Um questionamento, contudo, se apresenta inevitável: que espaço Karol Wojtyla identifica na filosofia do ser tomista para inserir a temática da consciência? A resposta está no clássico tema metafísico do *suppositum*, ou seja, o sujeito do ato de ser, fonte de toda e qualquer perfeição. É o equivalente latino da palavra grega *hipóstase*. Mesma etimologia: aquilo que está embaixo. Mesmo significado que é igualmente o de sujeito (no sentido metafísico), com uma orientação do significado comum: o *suppositum* é um indivíduo substancial subsistente, isto é, exercendo e atribuindo-se um ato de existência que lhe pertence propriamente e somente a ele. Como o existir também lhe cabe o agir. Quando esse conceito é levado para a antropologia, diz-se que o ser e as ações humanas subsistem em um sujeito ou *suppositum* (Wojtyla, 2005).

Com base no sujeito do ato de ser e na consciência, Karol Wojtyla traz a chamada subjetividade ôntica ou metafísica (*suppositum*) e a subjetividade pessoal (consciência), as quais podem ser juntadas na noção de “eu pessoal”, entendido como termo que expressa a pessoa humana.

A pessoa humana se torna “alguém”, a partir da experiência, somando-se a ela a consciência, de maneira que essa conjugação lhe desvela sua interioridade, individualidade e irrepetibilidade (Wojtyla, 2005). Daí porque se fala em inclinação a ser “alguém”. No dinamismo da experiência, à qual se une a consciência, o homem “[...] se torna sempre ‘mais alguma coisa’ e contemporaneamente ‘alguém’” (Wojtyla, 2005, p. 951, tradução nossa). A essa inclinação a ser “alguém”, ainda, é possível acrescentar um predicativo, qual seja, “alguém bom”. No entanto, é preciso indagar: por que essa inclinação ao bem? A resposta não poderia ser outra: porque somente inserindo o bem na ação a pessoa humana tem condições de levar adiante seu projeto pessoal de realização, vale dizer, ser pessoa humana em plenitude, tal como se pode observar nos seguintes dizeres:

Realizando uma ação, nela eu realizo a mim mesmo, se esta ação é ‘boa’, ou seja, está de acordo com a consciência (acrescentemos: com consciência boa ou também honesta). Mediante esta ação eu mesmo ‘me torno’ bom e ‘sou’ bom como pessoa. O valor moral penetra em toda profundidade da estrutura ôntica do *suppositum* humano. O contrário disso é o ato em desacordo com a consciência (Wojtyla, 2005, p. 1352, tradução nossa).

Em termos morais, destarte, a pessoa humana se realiza por meio do bem. A ação moral tem como fim a pessoa pela pessoa. Nesse sentido, o agir humano tem vários fins, objetos e valores aos quais se direciona. Todavia, no tocante a esses vários fins, objetos e valores, em sua ação consciente, a pessoa humana não pode deixar de reportar a si mesma como fim, isto é, não pode se referir a fins, objetos e valores sem decidir a respeito de si mesma. Assim, se a pessoa se submeter à verdade do bem, por ela mesma apreendida, e permitir que essa verdade guie suas ações, a pessoa se torna mais livre, ou seja, se realiza em maior grau. A realização de si não coincide com a realização do ato, posto que depende do seu valor moral. Desse modo, chega-se ao seguinte entendimento: “Eu me faço, eu me realizo, não pelo fato que realizo uma ação, mas pelo fato que eu me torno bom quando este ato

Marcus Tadeu Maciel Nahur

Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unidade de Lorena SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova.

é moralmente bom” (Wojtyla, 2005, p. 1353, tradução nossa).

É o discernimento da verdade que assegura a liberdade da pessoa humana. A ação de doar-se, entregar-se ao outro é chamada de ação amorosa. Trata-se de uma ação que coloca em movimento a própria liberdade. Por sua vez, esse movimento indica algo muito significativo para o entendimento da liberdade: “[...] a liberdade é um meio; o amor é um fim” (Wojtyla, 2005, p. 596, tradução nossa). No ato de doação, de entrega, a pessoa humana dispõe de si mesma, realizando-o na qualidade de um ser racional, livre e consciente.

4 A CONCEPÇÃO PERSONALISTA WOJTYLIANA: DO FENOMENOLÓGICO AO ONTO-LÓGICO

O pensamento de Karol Wojtyla considera a subjetividade ôntica (ato de ser) e a subjetividade pessoal (consciência) na constituição da pessoa, entendida como alguém inclinado ao bem moral objetivo, por intermédio do exercício da liberdade, guiada pela verdade, coexistindo e agindo junto com o outro. O fundamento da ação moral é a verdade do bem e é ela que garante à pessoa a capacidade de conhecer, de escolher e de se realizar na relação “eu-tu”, isto é, uma relação de caráter personalista, vivida com experiência, consciência e liberdade. Trata-se de uma relação que tem a pessoa como valor e reconhece o valor da pessoa. Nesse tipo de relação “eu-tu”, as partes se constituem subjetividade ôntica - também conhecida por subjetividade metafísica (suppositum) - e subjetividade pessoal (consciência), gerando a comunidade autenticamente pessoal, a *communio*, isto é, “[...] uma relação entre as pessoas que é própria apenas delas; e também indica o bem que essas pessoas trocam umas com as outras ao dar e receber em uma relação recíproca” (Wojtyla, 2007, p. 60, tradução nossa).

A ação humana não está apenas direcionada a um fim ou bem. Ela também visa a um fim pessoal ou bem pessoal, porquanto envolve uma relação que tem a pessoa como valor e reconhece o valor da pessoa. Como participante do ser, a pessoa não pode ser instrumentalizada. Por ser fim em si mesma, ela não pode ser lançada à coisificação. A pessoa exprime uma perfeição ontológica própria do ser humano, que é rebaixado a objeto se reduzido a patamar inferior ao que lhe é próprio. Por isso, a pessoa não pode jamais ser colocada no nível de instrumento ou coisa.

Na perspectiva objetiva, a pessoa humana não pode ser usada como meio para algum fim, sob o risco de ser aviltada em sua dignidade das mais diversas maneiras. Pela lei natural, ela é sempre fim da ação e sua estrutura ontológica lhe assegura ser tratada como fim. Nesse caso, Karol Wojtyla demonstra sua adesão ao personalismo moderno kantiano, mas não em sua inteireza, porquanto a concepção personalista wojtyliana indica o amor como norma, não ficando confinado apenas ao dever de não usar a pessoa como meio.

Em sua adesão parcial ao personalismo moderno, com lastro na obra *Fundamentação da metafísica dos costumes*, de Immanuel Kant, ao falar do amor e responsabilidade, Karol Wojtyla anota que “[...] ninguém pode servir-se de uma pessoa como um meio, nem sequer o Deus-Criador” (Wojtyla,

2005, p. 471, tradução nossa). Na concepção wojtyliana, o imperativo categórico formulado pelo pensamento kantiano, ao rechaçar o tratamento da pessoa como meio,

[...] tem um caráter negativo e não esgota o inteiro conteúdo do mandamento do amor. Se Kant desse modo ressalta fortemente que a pessoa não pode ser tratada como objeto de gozo, faz isso para contrapor-se ao utilitarismo anglo-saxão e, desse ponto de vista, pode ter alcançado seu objetivo. Kant, todavia, não interpretou plenamente o mandamento do amor. Na verdade, ele não se limita a excluir todo comportamento que reduz a pessoa a mero objeto de prazer, porém, exige mais ainda: exige a afirmação da pessoa por si mesma (Jonh Paul II, 1995, p. 186, tradução nossa).

Na perspectiva subjetiva, o uso da pessoa quer dizer “[...] vivenciar o prazer, esse prazer que em vários matizes está unido à ação e ao objeto da ação” (Wojtyla, 2005, p. 487, tradução nossa). Tudo se torna meio para um resultado prazeroso, inclusive a pessoa, podendo condicionar a ação humana nas muitas situações existenciais. O prazer não é algo mau em si, podendo se manifestar na ação de modo ocasional. Entretanto, o prazer não deve ser o bem ou o fim último do agir humano.

A consciência moral pode exigir, inclusive, a prática de um bem que implique abdicação de algum prazer. Essa consciência moral tem em seu horizonte o amor que deve ter como fim a outra pessoa, o próximo, o que envolve dupla solução para a relação não abusiva em relação ao outro, uma negativa e outra positiva. A solução negativa é não usar, porquanto quem usa outrem não o ama. A solução positiva é amar, pois somente a pessoa é apta a partilhar o amor.

O amor interpessoal permite entender o ser humano como um bem que não pode ser nivelado com um objeto de uso, como se fosse meio para se alcançar um fim qualquer. Somente o amor é capaz de estabelecer e manter uma relação apropriada entre pessoas que, no ato de amor, buscam a atualização de suas potencialidades. O amor verdadeiro é voltado para o bem autêntico e viabiliza o desenvolvimento da essência da pessoa. É preciso que o ato de amar tenha correspondência com a natureza do ser pessoal. Por corresponder à natureza e aos valores da pessoa, o amor manifesta a intrínseca relação entre a antropologia personalista e a ética do amor, tal como se observa nos seguintes dizeres:

O mandamento do amor constitui também a medida das tarefas e das exigências com que se deve enfrentar todo o homem – todas as pessoas e todas as comunidades – para que se converta em uma realidade todo o bem contido no atuar e no existir junto com os outros (Wojtyla, 2005, p. 1135, tradução nossa).

Apesar de se tratar de um mandamento, a norma do amor brota do interior da pessoa, mas não pode ser reduzido a uma experiência emocional. A amor é o bem maior para a pessoa e é “[...] a única energia que, por si só, permite aproximar-se muito de uma pessoa, entrar em seu mundo e, de certa forma, (moralmente) identificar-se com seu ser” (Wojtyla, 1997, p. 302, tradução nossa).

A compreensão de Karol Wojtyla da pessoa humana não se esgota, contudo, nos limites da fe-

Marcus Tadeu Maciel Nahur

Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unidade de Lorena SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova.

nomenologia, exigindo-se sua elevação ao nível metafísico, a partir dessa abordagem fenomenológica, da mesma maneira que é necessário transitar dos efeitos às causas primeiras das coisas.

A pessoa é preservada na participação, mas participar não quer dizer apenas associar-se. É mais que isso: significa ser pessoa. A concepção antropológica wojtyliana dá sustentação a uma ética da realidade do humano, uma vez que o homem-pessoa se caracteriza, sobretudo, pela inteligência, consciência, liberdade, integração dos dinamismos corpóreos, psíquicos e espirituais, cuja ação se orienta pelo ser. Não é possível uma ética do amor autêntica para a pessoa sem uma antropologia personalista também autêntica. A pessoa humana não é só um exemplar da espécie. Sua dignidade e seu valor estão inscritos em sua estrutura ontológica.

A compreensão fenomenológica do ser humano necessita do aprofundamento metafísico. Assim, a pessoa é entendida como uma síntese dinâmica de corpo, alma e espírito. Para Karol Wojtyła, o entendimento personalista não se apresenta tanto como “[...] uma teoria particular da pessoa ou uma ciência teórica sobre a pessoa. Ele possui um amplo significado prático e ético: trata da pessoa como um sujeito e objeto da ação [...]” (Wojtyła, 1997, p. 304, tradução nossa). A pessoa é o sujeito ôntico do valor ético, não se reduzindo a um sujeito fenomenológico.

É imprescindível o fundamento metafísico para se compreender, de maneira mais realista e integral, o homem-pessoa. Ainda que esse processo especulativo comece pela fenomenologia, indo da experiência para a consciência, ela não é capaz de levar essa compreensão às raízes da razão de ser desse homem-pessoa. Desse modo, para Karol Wojtyła, só uma base ontoética pode dar a sustentação mais profunda para compreensão da pessoa humana em seu indeclinável valor e em sua inestimável dignidade

5 A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA: NECESSIDADE DA DIMENSÃO ONTOLÓGICA

Uma dignidade infinita, inalienavelmente fundada no seu próprio ser, é inerente a cada pessoa humana, para além de toda circunstância e em qualquer estado ou situação que se encontre. Este princípio, que é plenamente reconhecível também pela razão natural, coloca-se como fundamento do primado da pessoa humana e de sua proteção integral.

Esse valor único e eminente de cada pessoa humana teve eco na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas.

Essa mesma dignidade pode ser espezinhada, quando a pessoa humana é privada de uma série de bens materiais e imateriais que compõem um conjunto de direitos naturais que lhe são inerentes. Ainda que já exista um certo consenso, quase geral, sobre a importância e também sobre o caráter normativo da dignidade e do valor único e transcendente de cada ser humano, a expressão “dignidade da pessoa humana” pode prestar-se a muitos significados e, assim, a possíveis equívocos e contradições que levam a indagar se realmente a igual dignidade de todos os seres humanos tem sido seja reconhecida, respeitada, protegida e promovida em toda circunstância.

No entanto, é essa mesma indagação que traz a importância de se reconhecer a possibilidade de uma quádrupla distinção do conceito de dignidade: a dignidade ontológica, a dignidade moral, a dignidade social e a dignidade existencial.

Marcus Tadeu Maciel Nahur

Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unidade de Lorena SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova.

A acepção mais importante é aquela ligada à dignidade ontológica, que compete à pessoa enquanto tal, pelo simples fato de existir naturalmente. Essa dignidade não pode jamais ser cancelada, permanecendo válida para além de toda circunstância em que os indivíduos venham a se encontrar.

Quando se fala de dignidade moral, quer-se referir ao exercício da liberdade por parte da pessoa humana. Ainda que dotada de consciência, a pessoa humana permanece sempre sujeita à possibilidade de agir contra ela. Ao assim proceder, ela se comporta de um modo não é digno de sua natureza. Mas, tal possibilidade existe. Os malfeitos morais são fatos registrados na própria história da humanidade. Quando isso acontece, encontra-se diante de pessoas que parecem ter perdido qualquer traço de dignidade.

No tocante à dignidade social, ela se refere às condições nas quais uma pessoa se encontra em sua vida na coletividade. Quando falta um piso vital mínimo para sua sobrevivência, diz-se que a pessoa humana se encontra em uma vida indigna. Essa expressão não indica, de modo algum, um juízo quanto à pessoa; ao contrário, apenas deseja evidenciar o fato que a sua dignidade inalienável foi contraditada pela situação na qual está vivendo.

A última acepção, a dignidade existencial, diz respeito a situações que caracterizam a sua condição biopsicossocial. Envolve uma pessoa que, aparentemente tendo todo o necessário para viver, por motivos diversos, tem dificuldade de viver em paz, com alegria e esperança. Trata-se de situações que acarretam à pessoa restrições físicas severas, dependências patológicas e outras dificuldades que a levam a experimentar a própria condição de vida como indigna.

Nas três acepções, a moral, a social e a existencial, a expressão vida indigna não indica, de modo algum, um juízo quanto à pessoa; ao contrário, apenas deseja evidenciar o fato que a sua dignidade inalienável foi contraditada por alguma circunstância ou situação na qual está vivendo. E é esta ou aquela circunstância ou situação que coloca a pessoa humana em posição de vida indigna, mas sua dignidade mesmo jamais é anulada. Até pode parecer perdida, porém, vale frisar, não está aniquilada de maneira alguma. Como isso se explica, poder-se-ia perguntar. A resposta é bastante direta e simples: as distinções aqui apresentadas somente levam a recordar sempre o valor daquela dignidade ontológica, uma vez que ela é enraizada no próprio ser da pessoa humana e subsiste para além de qualquer circunstância ou situação. A propósito, a Declaração Dignitas infinita, que trata do tema da dignidade humana, por ocasião do 19º aniversário de morte de João Paulo II, publicada em 02 de abril de 2024, assim registra:

O sentido mais importante é aquele ligado à dignidade ontológica, que compete à pessoa enquanto tal, pelo simples fato de existir e de ser querida, criada e amada por Deus. Esta dignidade não pode jamais ser cancelada e permanece válida para além de toda circunstância em que os indivíduos venham a se encontrar (Dicastério para a Doutrina da Fé, 2024, n. 7).

É pertinente recordar que o conceito foi formulado por Anício Mânlio Torquato Severino Boécio, o qual assim escreveu: pessoa é “[...] substância individual de natureza racional” (Boécio, 2005, p. 57). Esse conceito boeciano de pessoa foi assimilado por Tomás de Aquino (Aquino, 2009). E o esco-

Marcus Tadeu Maciel Nahur

Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unidade de Lorena SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova.

lástico assim o explicou:

O particular e o indivíduo realizam-se de maneira ainda mais especial e perfeitas nas substâncias racionais que têm o domínio de seus atos e não são apenas movidas na ação como as outras, mas agem por si mesmas. Ora, as ações estão nos singulares. Por isso, entre as outras substâncias os indivíduos de natureza racional têm o nome de pessoa. E eis por que, na definição acima, diz-se: a substância individual, para significar o singular no gênero substância. E acrescenta-se 'de natureza racional', para significar o singular nas substâncias racionais (Aquino, 2009, p. 523).

Além disso, não se pode olvidar o acréscimo trazido pelo Doutor Angélico: "Pessoa significa o que há de mais perfeito em toda natureza, a saber, o que subsiste em uma natureza racional" (Aquino, 2009, p. 529).

A mencionada Declaração, Dignitas infinita - sobre a dignidade humana -, não hesita em apontar que esse conceito de pessoa humana explicita o fundamento da sua dignidade. Aliás, mesmo que seja difundida uma sempre maior conscientização quanto ao tema da dignidade humana, ainda hoje se observam alguns mal-entendidos sobre o conceito de dignidade, que se desviam de seu significado. Uns propõem que seria preferível empregar a expressão dignidade pessoal (e direitos da pessoa) ao invés de dignidade humana" (e direitos do homem), porquanto entendem como pessoa somente um ser que é capaz de raciocinar. Em consequência, sustentam que a dignidade e os direitos se deduzem da capacidade de conhecimento e de liberdade, que nem todos os seres humanos possuem.

Ao prevalecer uma ideia reducionista como essa, por exemplo, não teria dignidade pessoal, por exemplo, a criança ainda não nascida, nem o idoso não autossuficiente, nem o portador de deficiência mental. Entretanto, em sentido contrário, é bastante plausível manter alinhado com a noção primordial de que a dignidade de cada pessoa humana, porque é intrínseca, permanece para além de toda circunstância e o seu reconhecimento não pode depender, de modo algum, do juízo sobre a capacidade da pessoa de entender e de agir livremente. De outro modo, a dignidade não seria, como tal, inerente à pessoa, independente dos seus condicionamentos e merecedora de um respeito incondicionado. Somente reconhecendo ao ser humano uma dignidade intrínseca, que não se perde jamais, é possível garantir a tal qualidade um inviolável e seguro fundamento. Sem nenhuma referência ontológica, o reconhecimento da dignidade humana oscilaria ao sabor de diferentes e arbitrárias avaliações. A única condição para que se possa falar de dignidade inerente à pessoa é a sua pertença à espécie humana, pelo que os direitos da pessoa são direitos do ser humano.

De fato, enquanto "substância individual", a pessoa possui dignidade ontológica, isto é, aquela que se encontra incrustada no nível metafísico do próprio ser. A palavra "racional" compreende todas as capacidades do ser humano, seja a de conhecer e entender, seja a de querer, amar, escolher, desejar. E compreende, ainda, todas as capacidades corpóreas intimamente relacionadas àquelas já mencionadas. A expressão "natureza" indica as condições próprias do ser humano que tornam possíveis as várias operações e experiências que o caracterizam. A natureza é o princípio do agir. E aqui cabe resgatar o ensinamento do escolástico quanto à opinião daqueles que privam as coisas naturais de suas próprias ações: "Se o agir segue o ser em ato, não é razoável que se prive de sua ação um ato

mais perfeito” (Aquino, 1968, p. 283, tradução nossa).

O ser humano não cria a sua natureza, mas a possui como recebida, podendo desenvolver as próprias capacidades que essa mesma natureza lhe concede em potência. Ao exercer a liberdade para cultivar as riquezas da sua natureza, a pessoa humana se constrói no tempo e no espaço. Mesmo se, por causa dos vários limites ou condições, não é capaz de atuar com tais capacidades, a pessoa subsiste sempre como “substância individual”, com toda a sua dignidade. Isso se verifica, por exemplo, em uma criança ainda não nascida, em uma pessoa em estado de inconsciência, em um idoso com suas fragilidades da idade avançada. Nos dias atuais, o termo “dignidade” é utilizado, mormente, para sublinhar o caráter único da pessoa humana, incomensurável em relação aos outros seres do universo. A propósito, é interessante observar como a Declaração Dignitas infinita, que versa sobre a dignidade humana, de maneira dialógica, se posiciona em relação à Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Neste horizonte, compreende-se o modo em que é usado o termo dignidade na Declaração das Nações Unidas de 1948, em que se trata da dignidade inerente a todos os membros da família humana e dos seus direitos, iguais e inalienáveis. Somente este caráter inalienável da dignidade humana permite que se fale de direitos do homem (Dicastério para a Doutrina da Fé, 2024, n. 14).

Na cultura moderna, a referência mais próxima ao princípio da dignidade inalienável da pessoa é a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que foi definida como “[...] pedra miliária, posta na longa e difícil caminhada do gênero humano [...]” (João Paulo II, 1979, n.7). E são muito expressivos os seguintes dizeres:

É necessário medir o progresso da humanidade não somente pelo progresso da ciência e da técnica [...] mas simultaneamente pelo primado dos valores espirituais e pelo progresso da vida moral, precisamente neste campo que se manifesta o pleno domínio da razão, através da verdade nos comportamentos da pessoa e da sociedade, e também o domínio sobre a natureza; e triunfa silenciosamente a consciência humana, conforme diz o antigo ditado: [...] o gênero humano vive pela arte e pela razão (João Paulo II, 1979, n. 7).

Para resistir às tentativas de alteração ou cancelamento do significado profundo daquela Declaração, é preciso recordar alguns princípios essenciais que devem ser sempre retomados: respeito incondicionado à dignidade humana; uma referência objetiva para a liberdade humana; estrutura relacional da pessoa humana; e, libertação do ser humano de condicionamentos morais e sociais (Dicastério para a Doutrina da Fé, 2024). A perda paulatina da noção desses princípios, nos tempos hodiernos, tem dado margem a algumas graves violações da dignidade humana, como por exemplo, o drama da pobreza; a guerra; o sofrimento dos migrantes; o tráfico de pessoas; os abusos sexuais; as violências contra as mulheres; o aborto; a maternidade sub-rogada; a eutanásia e suicídio assistido; o descarte das pessoas com deficiência, entre outras (Dicastério para a Doutrina da Fé, 2024).

Marcus Tadeu Maciel Nahur

Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unidade de Lorena SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova.

A dignidade humana não é concedida à pessoa por outros seres humanos, a partir de seus talentos e qualidades, de maneira que poderia ser, eventualmente, retirada deles. Se a dignidade fosse conferida à pessoa por outros seres humanos, então, ela se daria de modo condicionado, alienável e o próprio significado de dignidade, ainda que merecesse o devido respeito, permaneceria exposto ao risco de ser abolido. Na verdade, a dignidade é intrínseca à pessoa, prévia a qualquer reconhecimento, razão pela qual não pode ser perdida nem anulada. Assim, todos os seres humanos possuem a mesma e intrínseca dignidade, independentemente de seres capazes, nesta ou naquela circunstância ou situação, exprimi-la de modo adequado.

6 CONCLUSÃO

Karol Wojtyla reconhece a importância inicial da experiência. Ele toma a fenomenologia como ponto de partida, porquanto ela traz a experiência imediata e intuitiva dos objetos, projetando-os para a consciência. No esforço fenomenológico de retorno às coisas mesmas e de apresentação de uma resposta sobre a identidade do ser humano, Karol Wojtyla investiga a dimensão concreta desse ser humano e a identifica na pessoa. Entretanto, ele não tem como marco inicial a pessoa em si, mas a ação por ela realizada. Por isso, é pela via da ação que se chega à pessoa, e não da pessoa que se vai à ação.

Ao dar atenção primeiro à ação, Karl Wojtyla identifica o elemento humano chamado consciência, um ato que acompanha o conhecimento sensitivo e intelectual, gerando um entendimento concomitante. Como dispõe das funções de reflexividade e reflexão, a consciência oferece condições para a pessoa alcançar a inteligibilidade de suas ações, perceber a dinâmica de cada uma delas e, também, colher experiências dessas mesmas ações como dinamismos próprios dos sujeitos agentes.

A consciência não é, contudo, independente de todo o resto, haja vista que ela depende da verdade. A consciência também não produz suas próprias leis. Ela não dispõe dessa função legisladora, competindo-lhe descobrir as normas na esfera objetiva dos valores.

O bem moral possui um núcleo objetivo que é consubstanciado por princípios de atuação indispensáveis e, dentre eles, há o princípio da dignidade da pessoa humana. A fundamentação dessa dignidade é de crucial importância.

Karol Wojtyla considera que a filosofia da consciência, notadamente na perspectiva fenomenológica, engrandeceu o conhecimento dos fenômenos empíricos, porém, não foi capaz de dar o necessário passo metafísico. A compreensão do homem, como ente pessoal, constitui um dos fundamentos para a afirmação do valor e da dignidade da pessoa humana. Aqui ele acolhe a concepção tomista de que a existência do ente se torna possível por sua participação no Ser, o que implica, por certo, participar de seu valor. O valor e a dignidade da pessoa humana ficam bem mais evidentes, na medida em que se opera em sua consciência o desenvolvimento que ela é ente apto a participar do Ser. A pessoa é preservada na participação, porém, participar não significa somente uma associação, e sim ser pessoa, o que implica dizer que sua dignidade e seu valor estão inscritos em sua estrutura ontológica.

Marcus Tadeu Maciel Nahur

Mestre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unidade de Lorena SP.
Professor dos Cursos de Filosofia e Teologia da Faculdade Canção Nova.

O pensamento de Karol Wojtyla considera a subjetividade ôntica (ato de ser) e a subjetividade pessoal (consciência) na constituição da pessoa, a qual é tida como alguém inclinado ao bem moral objetivo, dotada de liberdade e orientada pela verdade, capaz de coexistir e agir junto com o outro. É assim uma relação de caráter personalista, vivida com experiência, consciência e liberdade para agir pelo e para o bem moral objetivo, sempre preservando o valor indeclinável da dignidade da pessoa humana.

Ainda que sejam admitidas as noções de dignidade moral, social e existencial, acepção mais importante é aquela ligada à dignidade ontológica, que é dada à pessoa enquanto tal, pelo simples fato de existir naturalmente. Essa dignidade não pode jamais ser anulada, mantendo sua validade para além de toda circunstância em que os indivíduos venham a se encontrar.

Essa dignidade não é conferida à pessoa por outros seres humanos, a partir de seus talentos e qualidades, de modo que possa ser cancelada por alguma circunstância da vida. Se a dignidade fosse concedida à pessoa por outros seres humanos, ela seria condicionada e alienável. E ainda mais. Nesse caso, o próprio significado de dignidade, mesmo que continuasse a merecer algum respeito, ficaria vulnerável e propenso ao de ser abolido por alguma motivação ideológica.

Na realidade, a dignidade é intrínseca à pessoa, prévia a qualquer reconhecimento, razão pela qual não pode ser perdida nem cancelada. Na antropologia personalista wojtyliana, portanto, é essa dignidade ontológica que sustenta o agir que segue o ser e que reconhece tanto a pessoa humana como valor objetivo, quanto o valor da pessoa humana como inalienável, independente do tempo, do espaço e das vicissitudes que, eventualmente, nesta ou naquela situação, marquem sua vida na sociedade.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. Suma teológica. Tradução de Aldo Vannucchi et al. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2009. v. I. 693 p.

AQUINO, Tomás de. Suma contra los Gentiles. Traducción de Fr. Jesús M. Pla Castellano. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1968. v. II. 1015 p.

BOÉCIO, Anício Mânlio Torquato Severino. Escritos (opuscular sacra). Tradução de Juvenal Savian Filho. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2005. 354 p.

BRENTANO, Franz Clemens Honoratus Hermann. Psicología desde el punto de vista empírico. Traducción de Sergio Sánchez Migallón. Salamanca: Sígueme, 2020. 320 p.

BRENTANO, Franz Clemens Honoratus Hermann. El origen del conocimiento moral. Traducción de Manuel García Morente. Madrid: Tecnos, 2013. 128 p.

BURGOS, Juan Manuel. Para comprender a Karol Wojtyla: una introducción a su filosofía. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2014. 160 p.

DICASTÉRIO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Dignitas infinita: Declaração sobre a dignidade humana. 2 abr. 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_dcf_doc_20240402_dignitas-infinita_po.html. Acesso em: 10 out. 2024.

GIOVANNI PAOLO II. Memoria e identità: colloqui nella transizione del millenio. Milano: BUR, 2013.

HUSSERL, Edmund Gustav Albrecht. Investigações Lógicas: investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento. Tradução de Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Rio de Janeiro: Gen/ Forense Universitária, 2012. 450 p.

JOÃO PAULO II. Discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas. 2 out. 1979. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/october/documents/hf_jp-ii_spe_19791002_general-assembly-onu.html. Acesso em: 10 Out. 2024.

JOHN PAUL II. Crossing the Threshold of Hope. New York. Knopf, 1995. 256 p.

KANT, Immanuel. Fundamentação da metafísica dos costumes. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2019. 138 p.

KANT, Immanuel. Crítica da Razão prática. Tradução de Monique Hulshof. Petrópolis: Vozes, 2016. 240 p.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 10 out. 2024.

SCHULER, Max. Ética – Nuevo ensayo de fundamentación de um personalismo ético. Traducción de Hilario Rodríguez Sanz. Madrid: Caparrós, 2001. 758 p.

VAZ, Henrique Cláudio de. Escritos de filosofia IV - Introdução à ética filosófica 1. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1999. 488 p.

WOJTYLA, Karol. Alle fonti del rinnovamento. Studio sull'attuazione del Concilio Vaticano Secondo. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2007. 449 p.

WOJTYLA, Karol. Persona e Atto. In: STYCZEN, Tadeusz; REALE, Giovanni (org.). Metafisica della Persona: tutte le opere filosofiche e saggi integrativi. 3. ed. Milano: Bompiani, 2005. 1789 p.

WOJTYLA, Karol. Mi visión del hombre. Hacia una nueva ética. Traducción de Pilar Ferrer. 3. ed. Madrid: Palabra, 1997. 367 p.

WOJTYLA, Karol. Max Scheler y la ética cristiana. Traducción de Gonzalo Haya. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1982. 223 p.

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

RESUMO

O presente artigo reflete sobre a mística do Papa Francisco enquanto capacidade dialógica-relacional. Para tanto, busca-se refletir primeiramente sobre o conceito de mística na tradição cristã. Posteriormente, faz-se algumas considerações sobre o conceito em nossos dias enquanto “mística de olhos abertos”, como propõe o teólogo alemão Johann Baptist Metz, o que implica fundamentalmente uma mística do diálogo, da relação, encontro com o próximo. Valendo-nos da base histórico-contextual de Francisco, ou seja, seu berço latino-americano, examina-se também a respeito da imperativa “opção preferencial pelos pobres”, expressão cunhada nas Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979), que entram para a Tradição de toda a Igreja como referencial teológico que exige o anúncio de Cristo Salvador a todos, preferencialmente os mais pobres e excluídos, destinatários por excelência da Boa Nova. Conclui-se tendo presente o contributo da Encíclica Fratelli Tutti (2020), destacando-se um autêntico caminho proposto pelo Santo Padre a ser seguido por todas as pessoas, a fim de que seja colocada em prática esta verdadeira mística do diálogo que se dá nas relações de fraternidade e amizade social.

Palavras-chave: Mística. Diálogo. Francisco.

ABSTRACT

This article reflects on the mysticism of Pope Francis as a dialogical-relational capacity. To this end, it seeks to reflect first on the concept of mysticism in the Christian tradition. Subsequently, some considerations are made about the concept in our days as “mysticism with open eyes”, as proposed by the German theologian Johann Baptist Metz, which fundamentally implies a mysticism of dialogue, relationship, and encounter with others. Using the historical-contextual basis of Francis, that is, his Latin American birthplace, it also examines the imperative “preferential option for the poor”, an expression coined in the Conferences of Medellín (1968) and Puebla (1979), which enter the Tradition of the entire Church as a theological reference that demands the proclamation of Christ the Savior to all, preferably the poorest and most excluded, the recipients par excellence of the Good News. The conclusion is based on the contribution of the Encyclical Fratelli Tutti (2020), highlighting an authentic path proposed by the Holy Father to be followed by all people, so that this true mysticism of dialogue that occurs in relationships of fraternity and social friendship may be put into practice.

Keywords: Mysticism. Dialogue. Francis.

1 INTRODUÇÃO

Quando se observa atentamente o pontificado de Francisco pode-se reconhecer um homem profundamente embebido de espiritualidade cristã. Neste sentido, suas palavras e gestos apontam para um modo de vida que transcende alguns paradigmas destes nossos tempos. Constata-se atualmente um processo de fechamento de nações, religiões e pessoas ao entorno de pseudo-seguranças que tornam o ser humano “mais sozinhos do que nunca neste mundo massificado, que privilegia os

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

interesses individuais e fragiliza a dimensão comunitária da existência”¹.

Com efeito, tais seguranças que fomentam o individualismo impedem um diálogo entre os diferentes, desacredita a capacidade de promoção do bem comum, da justiça e união em favor da coletividade. Neste cenário, Francisco destoa como uma voz de resistência. Sua Encíclica *Fratelli Tutti*, apresentada em 03 de outubro de 2020, é um grande testemunho do seu desejo de um autêntico diálogo que se dá nas relações de fraternidade e amizade social. A saber, neste texto escrito após sete anos de pontificado, há uma verdadeira compilação de alguns dos temas mais relevantes tratados ao longo dos últimos anos. Dentre estes aspectos destaca-se a questão do diálogo, palavra-chave apresentada especificamente no capítulo sexto da Encíclica quando trata do “Diálogo e amizade social”.

Neste quesito, pode-se perceber que o diálogo na perspectiva de Francisco se dá enquanto envolto por uma verdadeira mística, carregado de uma exigência de “aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender, procurar pontos de contato: tudo isso resumido no verbo dialogar”². Logo, o diálogo é muito mais que mero discurso repleto de formalidades, fundamentado apenas em relações diplomáticas, para o Papa trata-se do estabelecimento de uma relação, um encontro, capaz de promover o bem, de superar divisões.

Por vezes, é fato que o diálogo não é valorizado. Pode-se afirmar que na atualidade “reina uma indiferença acomodada, fria e globalizada, filha duma profunda desilusão que se esconde por detrás desta ilusão enganadora: considerar que podemos ser onipotentes e esquecer que nos encontramos todos no mesmo barco”³. Contudo, ainda que o diálogo não seja tão repercutido quanto o conflito, este deve ser cultivado como um valor universal. Por isso, há uma insistência do Santo Padre neste tema, a tal ponto que seja concebida a ideia de uma mística do diálogo.

Aprofundando o conceito de mística na tradição cristã pode-se perceber que a mesma não é experiência restrita a homens e mulheres espiritualmente elevados. Francisco concebe, por exemplo, que “partilhar a Palavra e celebrar juntos a Eucaristia torna-nos mais irmãos e vai nos transformando pouco a pouco em comunidade santa e missionária. Isto dá origem a autênticas experiências místicas vividas em comunidade”⁴. Trata-se, portanto, de uma mística vivenciada na simplicidade do cotidiano, santificando as realidades nas quais os cristãos encontram-se inseridos.

Deste modo, pode-se falar de uma experiência divina que adentra a história a partir da abertura do indivíduo à comunhão com Deus e os irmãos. Como explica Pereira, trata-se de uma “experiência antropológica sim, mas que toca numa espécie de zona-limite da experiência humana. É importante ressaltar também, que o valor da experiência não depende de fenômenos extraordinários, embora em alguns relatos estejam presentes”⁵. Com efeito, superando o isolamento e o individualismo, essa proposta da mística do diálogo no põe em processo contínuo de busca da comunhão.

Na verdade, a experiência cristã apresentada por Francisco em palavras e gestos demonstra

¹ FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020, n.12.

² FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020, n.198.

³ FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020, n.30.

⁴ FRANCISCO. *Gaudete et Exultate*. São Paulo: Paulus, 2018, n. 142.

⁵ PEREIRA, Sibelius Cefas. *Mística e Religião*. In: *Interações – cultura e comunidade*. Belo horizonte, Brasil, v.10 n.17, p.8-12, Jan/Jun 2015, p. 9.

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

que “todos nós podemos vivenciar Deus e, neste sentido, tornarmo-nos místicos – e devemos, de tal forma, libertar este conceito da ideia de mistério, segundo o qual só os altamente abençoados podem tornar-se místicos”². Francisco assinala para esta possibilidade de uma “mística do diálogo” na medida em que testemunha uma fé aberta ao amor fraterno irrestrito, verdadeira comunhão universal.

Afirma o Santo Padre: “Essa necessidade de ir além dos próprios limites vale também para as diferentes regiões e países. [...] Independente da diversidade das etnias, das sociedades e das culturas –, vemos semeada a vocação para formar uma comunidade de irmãos”³. Esse ideal de fraternidade requer mística, ou seja, a partir do que se crê buscar esta união com Deus e os irmãos de forma extraordinária, isto é, superando os próprios limites e barreiras que são criados e tornam-se empecilho para um efetivo diálogo. Tais barreiras constituem verdadeiro escândalo na perspectiva cristã, afinal, como afirma João: “Se alguém declarar: ‘Eu amo a Deus!’, porém odiar a seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não enxerga” (1 Jo 4,20).

É preciso considerar que o próprio cristianismo desenvolveu-se na história sob esta perspectiva do diálogo. “Naturalmente essa visão contém uma premissa relevante, tanto para a religião quanto para a cultura: o cristianismo precisava ligar sua pretensão de religião universal com uma cultura da sensibilidade, do reconhecimento do outro, em sua diferença”⁴. Metz em sua obra “Mística de olhos abertos” ajuda a refletir sobre esse diálogo no seio do cristianismo não como ideal, mas como possibilidade de uma cultura, um processo a ser desenvolvido e estimado, posto que, tão em falta nestes tempos.

Francisco, atento aos desafios do tempo presente, ao escrever esta Encíclica social indicou um caminho de abertura e diálogo a ser trilhado. Para o Santo Padre, é preciso dar passos neste sentido, afinal, o diálogo é um caminho do desenvolvimento humano imprescindível, em particular, em tempos sombrios de grandes conflitos com escaladas cada vez mais alarmantes e assustadoras. Em suas palavras: “se esta afirmação – como seres humanos, somos irmãos e irmãs – não ficar pela abstração mas se tornar verdade encarnada e concreta, coloca-se uma série de desafios que nos fazem mover, obrigam a assumir novas perspectivas e produzir novas reações”⁵.

Dentre os desafios atuais, seguindo nas pegadas de Francisco, deve-se considerar efetivamente a questão dos pobres. Afinal, também estes são sujeitos do diálogo que, por vezes, devido a uma cultura do descarte, tão em voga na atualidade, têm tido suas vozes silenciadas. Contudo, é preciso defender acirradamente que “todo ser humano tem direito de viver com dignidade e desenvolver-se integralmente”⁶. Mas, para que se compreenda essa exigência é fundamental este diálogo, comunhão, proximidade com aqueles que gritam e, por vezes, não são ouvidos.

Por isso, a mística do diálogo necessariamente deve perpassar essa relação com os pobres, afinal, dessa relação desponta a superação de reivindicações individuais muitas vezes caladas e marginalizadas. Um diálogo que dá espaço a essas vozes pode ocorrer quando repleto desta mística que

² BOFF, Clodovis. *Experiência de Deus*. São Paulo: Paulus, 2017, p. 13

³ FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020, n.96.

⁴ METZ, Johann Baptist. *Mística de olhos abertos*. São Paulo: Paulus, 2013, p.56.

⁵ FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020, n.128

⁶ FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020, n. 107.

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

se busca compreender de maneira aprofundada por meio deste artigo. Com efeito, dando voz e estabelecendo uma escuta atenta às exigências de caráter social e antropológico que hoje são urgentes se pode experimentar verdadeiramente uma dimensão mística nestas relações.

2 COMPREENDENDO O CONCEITO DE MÍSTICA

Na tradição da Igreja a experiência mística sempre se fez presente. Entretanto, para além de uma referência eclesial, pode-se falar de mística como uma experiência mais ampla, um fenômeno presente em diversas tradições religiosas. Com efeito, “etimologicamente, místico vem da palavra grega *mystikós*, associada com os mistérios iniciáticos e com o secreto. Deriva do verbo *myo*, que significa a ação de fechar a boca e os olhos”¹¹. Homens e mulheres em diversas partes do mundo mostraram-se abertos a uma experiência que transcende a realidade habitual, adentrando assim no espaço do mistério inefável.

Nos ensinamentos místicos egípcios, herméticos e alquímicos, e mesmo no taoísmo chinês, no tantrismo da Índia e no budismo tibetano, o locus da manifestação mística é simbolizado com o coração, centro espiritual da pessoa dotada de uma função dinâmica que integra as energias celestes e as faz convergir com a subjetividade espiritual do gnóstico¹².

A partir destas experiências surgiram diversos escritos, testemunhos, relatos que foram sendo transmitidos acerca destas experiências que despertam interesse e curiosidade entre diversas áreas do conhecimento. Filósofos, psicólogos, sociólogos e teólogos, dentre outros, refletem acerca deste fenômeno místico experimentado por pessoas que asseguram uma experiência de fato, porém, com grande dificuldade conseguiram expressar em linguagem objetiva algo que pudesse traduzir tal experiência subjetiva e interior.

A tarefa de comunicar a experiência mística parece condenada ao fracasso, porque é impossível traduzir um transe supraracional e infinito através de um instrumento racional e limitante – a linguagem. O problema é muito antigo: Platão propõe já em *Crátilo*, uma das primeiras críticas da linguagem, crítica que é intensificada quando os Padres da Igreja se referem a Deus – ao Deus vivo, centro da experiência mística – como referencial da palavra humana¹³.

Todavia, no seio do cristianismo a experiência mística constitui um verdadeiro patrimônio, ainda que complexo tal fenômeno é valorizado e respeitado. Enquanto adesão de fé, isto é, adentrar

¹¹ BARALT, Luce López. *MÍSTICA*. TAMAYO, J. José. Novo Dicionário de Teologia. São Paulo: Paulus, 2009, p.373

¹² BARALT, Luce López. *MÍSTICA*. TAMAYO, J. José. Novo Dicionário de Teologia. São Paulo: Paulus, 2009, p.373

¹³ BARALT, Luce López. *MÍSTICA*. TAMAYO, J. José. Novo Dicionário de Teologia. São Paulo: Paulus, 2009, p.373

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

o Mistério, pode-se dizer que todos os cristãos passam por uma experiência sacramental de aproximar-se do Mistérios que lhes são dados a conhecer nos rituais celebrados. Por exemplo, nas Catequeses Mistagógicas de Cirilo de Alexandria, vemos uma verdadeira preparação dos catecúmenos para adentrarem nos mistério da fé cristã. “Os textos explicam os ritos e o mistério espiritual realizado nas celebrações dos sacramentos e são norteados pelas Escrituras, particularmente por São Paulo”¹².

O desenvolvimento de uma mística cristã foi algo progressivo ao longo dos séculos, encontrando grande espaço especialmente nos mosteiros, estes se tornaram referenciais no Ocidente. Mas, deve-se afirmar que também no Oriente a experiência mística cristã deu seus frutos para a Igreja, de modo singular pelo grande contributo do período da Patrística.

A história da mística cristã primitiva, especialmente no mundo de língua grega, está diretamente relacionada aos desenvolvimentos ocidentais subsequentes, não apenas através do monarquismo, a matriz institucional da maior parte da mística ocidental até o século XII, mas também através do legado dos grandes Pais da Igreja do Oriente, que foram traduzidos para o latim¹³.

Neste sentido, as bases do fenômeno místico foram dadas e consolidadas desde os primórdios do cristianismo. Contudo, por vezes o conceito tornou-se demasiadamente restritivo, impedindo assim que os cristãos de modo geral se sentissem capazes de vivenciar experiências místicas. Tal concepção torna-se problemática, uma vez que todos os cristãos são chamados a adentrarem cada vez mais o Mistério da fé, afim de que tocados pela experiência de Deus sejam portadores de uma boa nova ao mundo. É neste sentido que se pode afirmar quanto à mística que

Podemos democratizar plenamente o conceito. Ao falar do cristianismo do futuro, como dirigindo-se a místicos que vivenciaram Deus, Karl Rahner referiu-se a todos os cristãos e cristãs. Todos nós podemos vivenciar Deus e, neste sentido, tornamo-nos místicos – e devemos, de tal forma, libertar este conceito da ideia de mistério, segundo só os altamente abençoados podem tornar-se místicos¹⁴.

Dessa experiência de Deus, brota tudo mais na vida do cristão. Por isso, não se pode negar aos batizados que façam uma profunda experiência com o divino, todos são chamados a “viver em união com Ele os mistérios da sua vida”¹⁵. Não se pode restringir a grupos específicos, como que uma elite espiritual, a possibilidade de viverem uma experiência mística. Isto deve ser próprio de todo cristão, pois, “sendo experiência absoluta com o Absoluto, ela tende a envolver e transformar todo o ser, em todas as suas dimensões”¹⁶. Só poderemos falar de uma mística que toca todas as realidades a partir de pessoas que tenham sido tocadas por uma experiência de Deus.

¹² COSTA, Rosemary Fernandes. *Mistagogia Hoje*. São Paulo: Paulus, 2014, p.115.

¹³ MCGINN, Bernard. *As fundações da Mística: das origens ao século V*. São Paulo: Paulus, 2012, p. 29.

¹⁴ GRÜN, Anselm. *Mística: descobrir o espaço interior*. Petrópolis: Vozes, 2014, p.13.

¹⁵ FRANCISCO. *Gaudete et Exultate*. São Paulo: Paulus, 2018, n.20.

¹⁶ BOFF, Clodovis. *Experiência de Deus*. São Paulo: Paulus, 2017, p.84-85.

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

3 A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

Baseado nessa experiência mística que diz respeito à experiência de Deus à qual todos os cristãos são chamados, pode-se falar em uma mística do diálogo. Da experiência de Deus brotam apelos, os ouvintes de Deus põem-se a transformar a realidade em que estão situados. Contrariamente ao que se possa imaginar, o místico não é aquele que permanece de olhos fechados para o mundo, introspectivo, alheio à realidade. Na verdade, olhando para a história da Igreja veremos quantos homens e mulheres plenos de uma experiência de Deus doaram-se em favor dos mais necessitados. Neste sentido, o Papa Francisco alerta para dois erros:

Por um lado, o erro dos cristãos que separam as exigências do Evangelho do seu relacionamento pessoal com o Senhor, da união interior com Ele, da graça. Assim transforma-se o cristianismo numa espécie de ONG, privando-o daquela espiritualidade irradiante que, tão bem, viveram e manifestaram São Francisco de Assis, São Vicente de Paulo, Santa Teresa de Calcutá e muitos outros. A estes grandes santos, nem a oração, nem o amor de Deus, nem a leitura do Evangelho diminuíram a paixão e a eficácia da sua dedicação ao próximo. Mas é nocivo e ideológico também o erro das pessoas que vivem suspeitando do compromisso social dos outros, considerando-o algo de superficial, mundano, secularizado, imanentista, comunista, populista; ou então relativizam-no como se houvesse outras coisas mais importantes, como se interessasse apenas uma determinada ética ou um arrazoado que eles defendem.¹⁷

Deste modo, compreende-se que a experiência mística desdobra-se também no plano horizontal. A saber, “a necessidade de recolhimento é um momento complementar do serviço ao próximo, e não antagônico: depois da anábase ascensional da alma, ela deve retornar pela catábese da ajuda aos necessitados, e tais movimentos não precisam estar sequer separados”²⁰. A busca de Deus não pode ser justificativa para os cristãos ignorarem os desafios que estão à sua volta. O plano vertical, isto é, “buscar as coisas do alto” (cf. Cl 3,1) não é sinônimo fuga do mundo, na verdade, trata-se de revestir-se dos valores de Jesus Cristo para transformação do mundo, da realidade que nos circunda.

A partir desta compreensão podemos falar da necessidade de uma mística que considere os mais pobres, ou, conforme expressão formulada pela tradição latino-americana, uma opção preferencial pelos pobres. Se o místico é aquele que não fecha seus olhos para os desafios do tempo presente, então quando se contempla a realidade de pobreza tão presente ainda hoje em nossa sociedade, deve-se fazer algo enquanto cristão, deve-se ter um posicionamento à luz daquilo que se crê. Mais do que ação caritativa de caráter assistencial, somos desafiados a ter um olhar teológico a respeito dessa realidade.

Com efeito, “a opção pelos pobres é mais que simples estratégia pastoral, tornando-se chave hermenêutica para a leitura da revelação de Deus na história”²¹. Deste modo, falar de uma mística que considere os pobres não é questão ideológica, mas teológica. Trata-se de uma questão ainda hoje

¹⁷ FRANCISCO. *Gaudete et Exultate*. São Paulo: Paulus, 2018, n.100.

²⁰ BINGEMER, Maria Clara. *Narrativas Místicas*. São Paulo: Paulus, 2016, p.17.

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

pendente. É fato que passos são dados, testemunhos são verificados, mas é preciso avançar. Há mais de cinquenta anos pensava-se a partir de uma teologia crítica a respeito da vida social e prática de fé cristã.

Assim, em 1968, a Conferência de Medellín “não chega a formular a opção preferencial pelos pobres, mas dá centralidade à realidade dos pobres e a um compromisso eclesial a ser vivido na pobreza e em solidariedade com aqueles que são os mais fragilizados”²². Uma mudança de mentalidade marcará doravante a maneira de posicionar-se da Igreja latino-americana frente aos desafios de seu tempo. A Igreja em uma mística e verdadeiro diálogo com os mais pobres não apenas cuidou de prover assistência material, mas buscou conduzi-los à uma libertação e construção da história enquanto sujeitos.

De fato, o termo opção preferencial pelos pobres aparecerá em 1979, no documento de Puebla veremos que a expressão “aparece oficialmente e assume o papel de eixo integrador da reflexão teológica e da prática pastoral que se quer para todo o continente”²³. Com este documento de Puebla se quis uma transformação das estruturas, superação das injustiças e afirmação da dignidade humana. Todo cristão verdadeiramente disposto a viver o Evangelho compreende que há nisto uma mística.

Como já foi dito, olhar para a realidade à nossa volta e dispor-se a transforma-la é um imperativo ao cristão que não pode ficar insensível aos clamores que brotam dos contextos em que está inserido. Com efeito, “a questão agora é a Igreja ser continuadora da tradição de Jesus, vivenciando, no momento histórico presente, seu compromisso de solidariedade com os pobres”²⁴. Pôr-se ao lado, ouvir, clamar juntos pela justiça e por um mundo novo é papel do cristão. Isso requer verdadeiramente uma mística do diálogo, de compreender que somos todos irmãos. Em tempos marcados pela lógica do consumo, na qual pessoas valem o quanto consomem, infelizmente sofrem os mais pobres com a discriminação e marginalização.

4 MÍSTICA DO DIÁLOGO A PARTIR DA ENCÍCLICA FRATELLI TUTTI

Em sua carta magna, *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco já dedicava um capítulo sobre a dimensão social da evangelização, no quarto capítulo há um tópico específico acerca da “inclusão social dos pobres” (n.186-216). Nisto vê-se uma preocupação em estabelecer um diálogo com e sobre os pobres. Nesta Exortação Apostólica, um verdadeiro texto programático do ministério petrino a partir das intuições e desejos de Francisco, um olhar para esta realidade dos mais pobres foi prontamente

²¹ MANZATTO, Antonio. Opção preferencial pelos pobres (pp303-313). In: *Compêndio das conferencias dos bispos da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2018, p.303.

²² MANZATTO, Antonio. Opção preferencial pelos pobres (pp303-313). In: *Compêndio das conferencias dos bispos da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2018, p.304.

²³ MANZATTO, Antonio. Opção preferencial pelos pobres (pp303-313). In: *Compêndio das conferencias dos bispos da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2018, p.306.

²⁴ MANZATTO, Antonio. Opção preferencial pelos pobres (pp303-313). In: *Compêndio das conferencias dos bispos da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2018, p.308.

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

considerada, de fato, o Papa fez jus à sua origem latino-americana, considerando a tradição da opção preferencial pelos pobres.

Quem pensa em dialogar com os pobres? É preciso uma mística para considerar que estes amados de Deus, por vezes tão ignorados e desprezados, são protagonistas do Reino, devem ter voz e vez. Para Francisco é claro que “deriva da nossa fé em Cristo, que Se fez pobre e sempre Se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade”²⁷. Mas nem todos os cristãos tem essa clareza quanto à opção preferencial pelos pobres, nem todos estão abertos ao diálogo com estes nossos irmãos em Cristo.

Com efeito, em sua recente Encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa apresenta-nos um ideal a ser posto em prática, a saber, dialogar. “Alguns tentam fugir da realidade, refugiando-se em mundos privados, enquanto outros a enfrentam com violência destrutiva, mas entre a indiferença egoísta e o protesto violento, há uma opção sempre possível: o diálogo”²⁸. Se por um lado existem pessoas e grupos que optam pelos extremos, deve haver da parte dos cristãos uma tentativa sensata de estabelecer sempre um diálogo, que acontece desprovido de interesses mesquinhos, preconceitos, pois visa o bem comum.

Por isso, Francisco afirma que “a ausência de diálogo significa que ninguém, nos diferentes setores, está preocupado com o bem comum, mas sim em obter vantagens que o poder proporciona ou, na melhor das hipóteses, em impor seu próprio modo de pensar”²⁹. Esse diálogo desprovido da busca da verdade e do bem comum é perverso, visa o bem de alguns poucos que se beneficiam de acordos que lhes são favoráveis, ao passo que mais uma vez são excluídos aqueles que já se encontram às margens da sociedade.

Anunciar a Boa Nova a todos é um exercício de diálogo, comunicação da vida nova em Jesus Cristo que se dá gratuitamente. Destarte, “anunciar o Evangelho é encetar um diálogo salvífico. Supõe respeito pelo outro e por suas particularidades. Não procura impor-se, mas servir e persuadir”³⁰. Por isso, ir ao encontro dos mais pobres, tal qual o fez Jesus Cristo, é um dever que precisa mover os cristãos. Essa mística precisa estar presente em nossas comunidades hoje, afim de que sejamos autênticos discípulos-missionários.

Quando há esta mística do diálogo, sobretudo com os mais pobres, percebe-se que “cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo”³¹. Como pede-nos o Papa Francisco, é preciso estabelecer uma nova cultura que supere dialéticas e aproxime pessoas, conduzindo-nos a um processo de convivência e integração.

Neste processo não podem ficar de fora aqueles que vivem nas periferias, posto que são sujeitos do diálogo, não meros ouvintes, quanto a isto, afirma claramente o pontífice:

²⁷ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2013, n.186.

²⁸ FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020, n.199.

²⁹ FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020, n.202.

³⁰ MÜLLER, Gerhard Ludwig. GUTIÉRREZ. Gustavo. *Ao lado dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 2014, p.150.

³¹ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2013, n.187.

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

Na realidade, de todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo. Isso implica incluir as periferias. Quem vive nelas tem outro ponto de vista, vê aspectos da realidade que não se descobrem a partir dos centros de poder onde se tomam as decisões mais determinantes³⁰.

Essa consciência de integrar os mais pobres é algo que deve estar muito presente na Igreja hoje. Cada cristão deve fazer sua parte, em sua realidade local, de trabalho, bairro, município. Toda iniciativa é importante e bem vinda. A motivação de fé leva à transformação social. “Este imperativo de ouvir o clamor dos pobres faz-se carne em nós, quando no mais íntimo de nós mesmos nos movemos à vista do sofrimento alheio. Voltemos a ler alguns ensinamentos da Palavra de Deus sobre a misericórdia, para que ressoem na vida da Igreja”³¹. Ouvir, dialogar, promover, são palavras-chave nessa relação da Igreja com os pobres.

Mais do que discursos, é preciso uma mística que implica atitudes. É preciso ouvir os clamores, buscar caminhos conjuntamente, integrar os mais pobres e excluídos. Do contrário, serão feitas belas homilias, pregações, porém, desprovidas de testemunho.

Quando uma parte da sociedade pretende apropriar-se de tudo o que o mundo oferece, como se os pobres não existissem, virá o momento em que isso terá suas consequências. Ignorar a existência e os direitos dos outros provocam mais cedo ou mais tarde, alguma forma de violência, muitas vezes inesperada. Os sonhos de liberdade, igualdade e fraternidade podem permanecer no nível de meras formalidades, porque não são efetivamente para todos³².

Neste diálogo que tem como ponto de partida a opção preferencial pelos pobres damos um grande passo enquanto Igreja. Afinal, “se as vezes os mais pobres e os descartados reagem com atitudes que aparecem antissociais, é importante compreender que, em muitos casos, tais reações têm a ver com uma história de desprezo e falta de inclusão social”³³. A Igreja pode fazer diferente, pode a partir de Jesus Cristo integrar a todos, pois, “no coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo ‘Se fez pobre’ (2 Cor 8, 9)”³⁴.

5 CONCLUSÃO

Ao refletir sobre mística, os pobres e o diálogo, vemos o quanto tais temas são atuais para a Igreja. Ampliar nossa compreensão a respeito de mística é algo fundamental, pois, vemos nestes tempos o ressurgimento de formas de espiritualidade tidas como superadas, mas também veementemente denunciadas pelo Papa Francisco, por exemplo, em *Gaudete et Exultate*, ao tratar do gnosticismo

³⁰ FRANCISCO. Fratelli Tutti. São Paulo: Paulus, 2020, n.215.

³¹ FRANCISCO. Evangelii Gaudium. São Paulo: Paulus, 2013, n.193.

³² FRANCISCO. Fratelli Tutti. São Paulo: Paulus, 2020, n.219.

³³ FRANCISCO. Fratelli Tutti. São Paulo: Paulus, 2020, n.234.

³⁴ FRANCISCO. Evangelii Gaudium. São Paulo: Paulus, 2013, n. 197.

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

e pelagianismo atuais presentes nos “corações de muitos cristãos, talvez inconscientemente, [que] deixam-se seduzir por estas propostas enganadoras. Nelas aparece expresso um imanentismo antropocêntrico, disfarçado de verdade católica”³². Há que se cultivar essa mística evangélica do diálogo e opção preferencial pelos pobres, sem deixar-se enganar por propostas mundanas ilusórias.

Retomar aquelas referências mais fundamentais que tem por base o próprio Evangelho é um exercício que deve ser feito constantemente. Considerar os pobres como interlocutores e protagonistas de um profícuo diálogo é algo que brota do coração da fé cristã. Por isso, “para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus manifesta a sua misericórdia antes de mais a eles. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos”³³.

Como vimos, abrir-se ao diálogo é um caminho, um processo contínuo que apesar dos desafios deve ser cultivado. “O que conta é gerar processos de encontro, processos que possam construir um povo capaz de colecionar as diferenças”³⁴. Logo, mais vale o esforço de aproximação, a tentativa de encontrar meios, do que permanecer fechado em suas próprias convicções, sem dar ao outro voz e vez, sem estabelecer ao menos um relação de diálogo e respeito. A cultura do diálogo é imprescindível nestes nossos tempos. Diálogos que promovam uma fraternidade universal.

Por fim, ao olharmos para os desafios à nossa volta, sejamos capazes de ter presente uma mística de “olhos abertos”. A busca de Deus seja também experiência de diálogo com os irmãos, com o próximo. “Os próximos, citados no mandamento bíblico mais importante que fala do amor ao próximo, não são apenas os próximos, mas também os outros, os estranhos”³⁵. Estar aberto ao diálogo segundo esta mística cristã é estar ao lado daqueles que nem sempre são ouvidos em nossa sociedade.

Seremos benditos se estivermos dispostos a esta mística do diálogo com os pobres, afinal, “a metáfora de Jesus sobre o Juízo Final (Mt 25, 31-46) contém um critério inquietante: O que determina a salvação ou a desgraça, o céu ou o inferno, não é o que pensamos de Deus, mas como nos comportamos em relação aos outros, aos estranhos”³⁶. É preciso que, como Igreja, estejamos abertos e atentos ao diálogo, que façamos a diferença na vida das pessoas, especialmente os mais pobres e excluídos, que sejamos próximos!

³² FRANCISCO. Gaudete et Exultate. São Paulo: Paulus, 2018, n.35.

³³ FRANCISCO. Evangelii Gaudium. São Paulo: Paulus, 2013, n.198.

³⁴ FRANCISCO. Fratelli Tutti. São Paulo: Paulus, 2020, n.217.

³⁵ METZ, Johann Baptist. Mística de olhos abertos. São Paulo: Paulus, 2013, p.57.

³⁶ METZ, Johann Baptist. Mística de olhos abertos. São Paulo: Paulus, 2013, p.57.

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

REFERÊNCIAS

BARALT, Luce López. MÍSTICA. TAMAYO, J. José. Novo Dicionário de Teologia. São Paulo: Paulus, 2009.

BINGEMER, Maria Clara. Narrativas Místicas. São Paulo: Paulus, 2016.

BOFF, Clodovis. Experiência de Deus. São Paulo: Paulus, 2017.

COSTA, Rosemary Fernandes. Mistagogia Hoje. São Paulo: Paulus, 2014.

FRANCISCO. Evangelii Gaudium. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO. Fratelli Tutti. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO. Gaudete et Exultate. São Paulo: Paulus, 2018.

GRÜN, Anselm. Mística: descobrir o espaço interior. Petrópolis: Vozes, 2014.

MANZATTO, Antonio. Opção preferencial pelos pobres (pp303-313). In: Compêndio das conferencias dos bispos da América Latina e Caribe. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2018.

MCGINN, Bernard. As fundações da Mística: das origens ao século V. São Paulo: Paulus, 2012.

METZ, Johann Baptist. Mística de olhos abertos. São Paulo: Paulus, 2013.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. GUTIÉRREZ. Gustavo. Ao lado dos pobres. São Paulo: Paulinas, 2014.

PEREIRA, Sibelius Cefas. Mística e Religião. In: Interações – cultura e comunidade. Belo horizonte, Brasil, v.10 n.17, p.8-12, Jan/Jun 2015

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

RESUMO

O artigo tem por objetivo apresentar a evolução do telejornalismo no Brasil, baseado em dados da Kantar Ibope Media que elencam as quatro principais emissoras de TV aberta do país: Globo, Record TV, SBT e Band. A metodologia aplicada foi a pesquisa bibliográfica histórica e técnica, abordando os fatos que justificam as mudanças no telejornalismo e as novas tecnologias. A partir de uma abordagem teórico-conceitual, discute-se como os telejornais tem se transformado, rompendo barreiras e desafiando o modelo tradicional. Desta forma, utiliza-se também da pesquisa documental, através de um vasto arquivo de fotos e vídeos disponível na Internet para a realização e conclusão da análise. Com o avanço da sociedade e dos meios tecnológicos, comprova-se que a mudança no telejornalismo brasileiro se mostra decorrente em um menor período de tempo, diferenciando das evoluções passadas, consequência essa instigada pelo modo do telespectador consumir mais mídias e ter a informação agora em fácil alcance.

Palavras-chave: Telejornalismo; TV Aberta; Evolução; Análise.

ABSTRACT

The article aims to present the evolution of television journalism in Brazil, based on data from Kantar Ibope Media that lists the four main free-to-air TV stations in the country: Globo, Record TV, SBT and Band. The methodology applied was the historical and technical bibliographic research, addressing the facts that justify the changes in television journalism and new technologies. From a theoretical-conceptual approach, it is discussed how television news has been transformed, breaking barriers and challenging the traditional model. In this way, documentary research is also used, through a vast archive of photos and videos available on the Internet for the realization and conclusion of the analysis. With the advancement of society and technological means, it is proven that the change in Brazilian television journalism is due to a shorter period of time, differing from past evolutions, a consequence instigated by the way the viewer consumes more media and has information now within easy reach.

Keywords: CTelevision journalism; Open TV; Evolution; Analysis.

1 INTRODUÇÃO

A tecnologia reformula os processos jornalísticos em diferentes mídias e plataformas. Há espaço para os conteúdos por streamings; o uso da inteligência artificial como apoio aos jornalistas; as métricas revolucionando as pautas e ditando regras nas redações. O novo panorama dos meios de comunicação mostra o predomínio da cultura da convergência, a migração para novas plataformas e uma alteração na produção e modos de trabalho. Produtos jornalísticos não são pensados como antes, há uma necessidade de compartilhamento, de inserção no ambiente virtual que, aos poucos, se mistura com o real.

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

O trabalho, por exemplo, não precisa ser executado em uma redação, contendo dezenas de funcionários; o espaço físico é alterado possibilitando o envio de materiais por qualquer lugar do mundo conectado à internet. Determinadas funções exercidas por jornalistas, neste processo, foram extintas, tais como: pauteiro, arquivistas, copydesks. Por outro lado, há um perfil alterado também por parte do receptor que está mais participativo, colaborando com a construção das notícias e valorizado pela mídia, sendo tratado como peça fundamental deste novo tempo on-line, dominado pelas tecnologias.

O jornalismo, sendo o pioneiro nos conteúdos televisivos consumidos no Brasil, sofreu adaptações e mudanças ao longo do tempo, sendo estas, formas de alcançar um maior público ou manter o público já conquistado. Nesta linha do tempo traçada entre os avanços da comunicação e as mudanças no formato informativo, a sociedade e suas evoluções influenciam drasticamente nas novas versões do telejornalismo. Não são as notícias que mudaram, foram os noticiários. Com bancada, sem bancada. De terno, somente camisa. Superioridade em dar a notícia, interatividade. Furo de reportagem, aprofundamento na informação. Surgiu-se então o questionamento: como o telejornalismo brasileiro, embora resistente a certas mudanças, tem demonstrado esforços para acompanhar a revolução tecnológica?

O presente artigo discute quatro elementos que se destacam como itens de transformação na área do telejornal ao decorrer do tempo, são eles: cenário, figurino, tecnologia e novos equipamentos.

2 TELEJORNALISMO NO BRASIL - 74 ANOS INOVAÇÃO E HISTÓRIA

A década de 50 foi marcada pelo surgimento da televisão brasileira e também pelo lançamento do primeiro telejornal, o Imagens do Dia, na TV Tupi em São Paulo. "O formato era simples: Rui Resende era o locutor, produtor e redator das notícias, e lia algumas notas com imagens em filme preto-e-branco e sem som" (Paternostro, 2006, p.37). O mais famoso e com maior sucesso foi o telejornal estreado na mesma emissora em 1953, o Repórter Esso. Esteve no ar por 18 anos e representou um período de fidelização dos telespectadores.

Os telejornais eram criados apresentando características do rádio, uma mídia forte e estruturada na época, com locutores e suas vozes empostadas, com horários fixos para entrarem no ar e cujos anunciantes tinham o poder de dar nome aos noticiários, como o Telenotícias Panair, por exemplo.

O telejornal mais antigo que ainda continua no ar é o da Rede Globo, Jornal Nacional, lançado em 1969. O lançamento deste jornal fazia parte de um plano estratégico dos empresários da Tv Globo para transformá-la na primeira rede de televisão do Brasil, já que na época o jornalismo tinha apenas um alcance regional. O telejornal competia com o Repórter Esso e logo se tornou líder em audiência. "Quando terminou a primeira edição do Jornal Nacional, preparada com tanto cuidado, o clima na redação era de festa pelo sucesso da operação. Armando Nogueira conta que naquele dia sua preocupação básica era estritamente técnica: o êxito da transmissão em rede nacional" (Memória Globo, 2004, p.25).

O videotape foi a grande novidade trazida ao Brasil após 10 anos de lançamento da televisão,

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

em 1960. Com o recurso moderno, era possível gravar as imagens para serem exibidas posteriormente.

Com os primeiros videotapes portáteis, chamados U-Matic, a agilidade da produção cresceu enormemente. A matéria era captada, editada e exibida praticamente na mesma hora. Não era mais preciso esperar a revelação do filme. Foi uma revolução no Telejornalismo, porque os padrões mudaram e as normas evoluíram (Paternostro, 2006, p.64).

Outro marco na evolução do telejornalismo foi a transmissão via satélite: imagens internacionais como a chegada do homem à lua, o tricampeonato conquistado pela seleção canarinho, no México, chegaram até as residências dos brasileiros por meio da nova tecnologia. “Uma das vantagens do satélite é que quase nada constitui barreira para as transmissões, como prédios altos, viadutos” (Bistane; Bacellar, 2005, p.115).

Segundo as autoras, o colorido das imagens só foi possível ser transmitido em 1972; foi a Festa da Uva, em Caxias do Sul, que inaugurou o televisor em cores, uma emissora de Porto Alegre foi a pioneira. Mesmo realizados alguns testes, a transmissão oficial foi considerada, por um bom tempo primordial; as imagens usadas eram mescladas nos telejornais porque a troca de equipamentos era necessária e não havia dinheiro para a substituição imediata.

A expansão do telejornalismo também é marcada pela chegada de outros recursos tecnológicos nos estúdios e nas reportagens de ruas. As câmeras portáteis, os microfones sem fio, o teleprompter permitiram ampliação da cobertura e dinamismo no registro dos fatos; assim o modelo de notícias exibido pela televisão se criava desvinculando-se, aos poucos, das amarras com o rádio.

Percebe-se, com o passar do tempo, uma dependência cada vez maior dos aparatos tecnológicos para o desenvolver dos telejornais. O público passa a estar ligado na tela para ter acesso ao conteúdo noticioso. O ato de se informar sobre as principais notícias do Brasil e do mundo pela televisão, por meio das imagens em movimento e demais recursos desse veículo de comunicação, passa a fazer parte da rotina dos brasileiros. “Para a maioria das pessoas, os telejornais são a primeira informação que elas recebem do mundo que as cerca: como está a política econômica do governo, o desempenho do Congresso Nacional, a vida dos artistas, o cotidiano do homem comum, entre outras coisas” (Pereira Junior, 2005, p.10).

O telejornalismo nacional acompanhou o progresso da televisão juntamente com o declínio e o surgimento de novas emissoras. Sérgio Mattos (1990, p.10) classifica a evolução da televisão nacional em quatro fases: 1) A fase elitista (1950-1964); 2) A fase populista (1964-1975); 3) A fase do desenvolvimento tecnológico (1975-1985); 4) A fase da transição e da expansão internacional (1985-1990). O telejornalismo igualmente está associado a este crescimento determinado pelos aspectos políticos, econômicos e nacionais de cada período.

Na década de 90, com a implantação do plano real e a estabilização da economia, as pessoas puderam adquirir eletrodomésticos mais modernos e a televisão era um deles. Assim as classes menos favorecidas passaram a assistir com mais frequência os conteúdos, estimulando produções

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

voltadas a este público. Neste período, os brasileiros veem nascer um novo tipo de jornalismo televisivo, mais sensacionalista e com características difusas. O crime, a violência e as situações de conflito da população passam a serem destaques nestas produções. A referência desse tipo de telejornal foi aquele transmitido no SBT - Aqui, Agora – por mais de cinco anos no ar. Além deste, outros modelos da mesma linha ganharam prestígio na maioria das emissoras de tv aberta nacional e até hoje fazem parte das grades de programação.

A principal característica do jornalismo na televisão é se basear em texto e imagem. Diferente das mídias impressas que podem apresentar a informação mais completa, a televisão traz ao telespectador a notícia básica, imediata, o que acabou de acontecer, sem muitos detalhes e aprofundamentos de causas e consequências. “O fato de ter na informação visual o seu elemento mais expressivo determina que haja um entrosamento sincronizado entre imagem e palavra” (Rezende, 2000, p. 76). O autor ainda explica que esta ligação não deve ser sensacionalista e sim, a mais harmoniosa possível, tendo como objetivo manter a atenção do telespectador.

Para Squirra (2004), a televisão é diferente do jornal impresso e alcança um número maior de sentidos humanos já que possui recursos de movimento, cor, som e dramaticidade da notícia. Além disso, o repórter de televisão vive situações diferentes daquele pertencente à imprensa escrita. É um profissional que nunca está sozinho, não pode deixar o entrevistado falar à vontade por consequência do tempo das matérias, precisa se preocupar com a qualidade das imagens que ajudará a contar o caso, entre outros aspectos. “O telejornalista não poderá ‘reconstituir’ os fatos para mostrá-los – ainda em ação – para os telespectadores, pois os elementos televisivos essenciais da notícia poderão não mais estar presentes no palco do acontecimento” (Squirra, 2004, p.76).

As imagens no telejornalismo são essenciais já que, a partir delas, o material a ser transmitido é construído. Um assunto ganhará destaque, podendo ter diferentes desdobramentos se apresentar imagens nítidas, completas, das pessoas envolvidas em diferentes situações, por exemplo. “Por outro lado, se uma imagem é capaz de incluir determinado assunto no telejornal, à falta dela não pode ser motivo de exclusão. Uma nota curta, lida pelo apresentador, cumpre a função de informar” (Bistane; Bacellar, 2005, p. 42). Nesta mesma obra, as autoras definem nota curta como um relato simples e resumido do fato, lido pelos apresentadores do estúdio, sem a inserção de imagens. Elas explicam que, mesmo a emissora não possuindo a imagem que ilustrará o acontecimento, novos recursos precisam ser adotados para que a notícia seja transmitida. A imagem não poderá ser fator determinante para não informar ao telespectador do fato no telejornal.

Na grade de programação de uma emissora, os telejornais representam credibilidade, influência e compromisso da empresa com o público. Apesar da maioria dos canais usarem o jornalismo como um prestador de serviço à comunidade e não apenas como marketing institucional, algumas emissoras o praticam apenas para cumprir uma exigência legal. “De acordo com o decreto lei 52.795, de 31 de outubro de 1963, as emissoras de televisão devem dedicar cinco por cento de seu tempo diário de programação ao serviço noticioso” (Coutinho, 2009, p. 7).

O padrão de telejornal produzido, no Brasil, advém de características do modelo americano (Squirra, 2004). O formato do programa, os apresentadores nas bancadas chamando as matérias, a duração das notícias entre um minuto e um minuto e meio, as editoriais mais substanciais no início e

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

de menor impacto como cultura e esportes por último, comprovam as semelhanças.

A cópia de modelos americanos não se limita apenas ao telejornalismo: foi assim no jornal impresso, no rádio, em assessorias de imprensa, no ensino de jornalismo entre outros. A existência da objetividade e a imparcialidade jornalística, defendidas nos Estados Unidos estão também enraizadas no jornalismo brasileiro, ao contrário do modelo europeu mais partidário e interpretativo. A televisão nacional não importava apenas formatos de programas e sim, o modo de executá-los, os assuntos, as técnicas e os moldes administrativos. O objetivo era se basear nas ideias americanas, e aplicar no Brasil com garantia de sucesso como, por exemplo, no telejornalismo, com a exigência da passagem do repórter, a busca por um personagem para dramatizar a matéria, o modo de narrar o texto, entre outros elementos.

Acompanhando o processo histórico do telejornalismo brasileiro e suas especificidades ao longo dos anos, constata-se que, assim como o videotape foi sinônimo de uma grande revolução na área há mais de 50 anos, hoje, em pleno século XXI, uma nova ruptura de padrões se instala no telejornalismo nacional, alterando as cores, os enquadramentos, a iluminação, as formas de captação, enfim, a qualidade das imagens. A era tecnológica faz-se presente novamente, transformando a produção, gravação e transmissão das notícias pela televisão.

Esta mudança no telejornalismo representa uma quebra de padrões e modos de trabalho. Ela é sentida pelos profissionais, pelos novos equipamentos que compõem as redações e também pela participação frequente e numerosa dos telespectadores na rotina das produções. Exige aperfeiçoamento das técnicas e a capacidade de manuseio maior de uma quantidade de recursos por parte dos repórteres, cinegrafistas, produtores e editores. Acontece de forma gradual, incorporada nas tarefas diárias, abrindo caminhos para uma nova maneira de se praticar jornalismo na mídia eletrônica.

Neste processo de mudanças e novidades, mobilidade e rapidez na troca e recebimento de informações, os aparelhos celulares destacam-se como peças fundamentais. Criados com o objetivo de realizar e atender chamadas móveis em diferentes locais, suas funções alargaram-se: num único aparelho é possível realizar ações que, no passado, eram realizadas por quatro ou mais aparelhos. Com a evolução desses recursos, hoje os aparelhos celulares representam um computador móvel em miniatura, cujos serviços são os mais variados possíveis.

A relação com a audiência, permitida através do uso do smartphone, quebra a distância entre quem faz TV e quem assiste TV. Hoje, segundo jornalistas entrevistados pelo autor, muitas pautas são criadas pelo público e enviadas como sugestão para os telejornais. Outros, enviam vídeos e fotos como conteúdo para matérias a serem exibidas na TV. Emerim (2020) pontua que antes o público procurava por conteúdo, mas nos dias atuais o conteúdo procura o público.

Segundo o autor, ainda é necessário seguir o padrão estético visual e de conteúdo dos telejornais para assim manter sua identidade televisiva. Porém, diante das necessidades muitas vezes vivenciadas, os fatos não deixam de ser noticiados.

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

3 PROCESSO METODOLÓGICO: PASSO A PASSO DA ANÁLISE

Para o desenvolvimento desta análise concentrou-se em uma pesquisa documental, com o estudo de telejornais transmitidos pelas quatro principais emissoras brasileiras de canais abertos (Globo, Record TV, SBT e Band), abordando a evolução dos elementos: cenário, figurino, tecnologia e novos equipamentos.

3.1 CENÁRIO: O CARTÃO POSTAL

Há muitos aspectos visuais que se modificaram no telejornalismo assim que observado a “olho nu”. O cenário, por ocupar cerca do plasma televisivo por um todo, talvez seja o mais perceptível pelo público, já que sofreu diversas mudanças ao longo dos anos. Pode-se dizer que o cenário é a embalagem do telejornal, o primeiro elemento a chamar a atenção do telespectador assim que passa pela TV.

As mudanças são palpáveis quando formas, cores, elementos gráficos, bancadas, tecnologia e etc, fazem parte de um vasto processo de aperfeiçoamento do telejornalismo para melhor atender o público e ser cada vez mais referência estética, agregando também, de forma indireta, mais credibilidade em seu conteúdo.

Ao buscar pelo histórico de um dos jornais mais antigos da TV brasileira e que ainda se mantém no ar, o Jornal Nacional (Globo), é possível notar as transformações ao longo dos anos. No ano de 1969 estreou o famoso Jornal Nacional, apresentado por Hilton Gomes e Cid Moreira, o cenário trazia consigo uma bancada simples e seu logo ao fundo. As cores neste primeiro cenário não importavam, pois, a TV ainda mantinha seu aspecto primário: preto e branco.

Na figura abaixo, é possível observar os traços característicos do primeiro cenário do Jornal Nacional (1969):

Figura 1 - Primeiro cenário do Jornal Nacional



Fonte: Memória Globo, 2022a.

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

Nesta imagem, observa-se dois apresentadores sentados com uma “parede” logo atrás, não dando profundidade ao cenário e até mesmo gerando uma sombra. A logo projetada em vários tamanhos na tapadeira ao fundo, aparentando ser da mesma cor, num aspecto mais sóbrio. As bancadas idênticas, porém, individuais.

Ao seguir a linha cronológica, em 1972 o programa jornalístico já havia conquistado um grande público. Com o surgimento da TV em cores, neste mesmo ano, o Jornal Nacional muda de cenário a fim de caminhar com o avanço tecnológico.

O novo ambiente manteve a logo do programa “JN” com uma iluminação atrás do letreiro dando destaque. Como o telejornal passou a exibir notícias na esfera mundial, o desenho do mapa mundi toma conta de quase toda a tapadeira principal, localizada atrás dos apresentadores. Agora em uma única bancada, os cinegrafistas exploram o cenário ao exibir um plano aberto. O site Memória Globo, ao descrever os cenários do jornal ao longo dos anos, relata que os profissionais tiveram várias oficinas para trabalhar com a técnica do Chroma Key na cor azul, além de adaptar a iluminação de forma que as cores favorecessem o tom de pele amarelado do apresentador Cid Moreira, já que o mesmo costumava jogar tênis muitas vezes embaixo de sol.

Figura 2 - Cenário do Jornal Nacional pós TV em cores



Fonte: Memória Globo, 2022b.

Ao comemorar 35 anos do telejornal no ar, virada do século no ano 2000, o Jornal Nacional revolucionou todos os cenários do gênero que existiam na TV brasileira, tornando o programa mais humanizado. O cenário ganha como seu maior elemento os bastidores que, no Jornalismo, chama-se: redação.

Em cima de um mezanino de três metros e meio de altura, a bancada toma a forma de uma mesa de trabalho, com computador, papéis, canetas e dois lugares para os âncoras. Sem tapadeiras,

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

tinha como cenário a redação real do jornalismo Globo Rio, com profissionais da área trabalhando a todo momento. Não era uma projeção, em Chroma Key, ou uma encenação, a redação era transmitida todos os dias, em tempo real, durante a exibição do Jornal Nacional. Uma comprovação de que se tratava realmente de uma redação, eram as mesas dos profissionais desorganizadas como de habitual.

O novo cenário dos anos 2000 era comandado pela apresentação do casal William Bonner e Fátima Bernardes. Com uma visão aérea da redação ao fundo e de alguns televisores exibindo notícias do Brasil e do mundo, o cenário manteve o globo como de costume, feito com uma estrutura em “fatias”, mas em grande proporção comparado aos anteriores. Também conservou o logo do programa, desta vez em acrílico, situado nas duas laterais.

Figura 3 - Primeiro cenário de telejornal com redação



Fonte: Na telinha, 2017.

Desta forma, de acordo com as novas tendências e avanços tecnológicos, o Jornal Nacional seguiu transformando seu cenário em referência no meio do telejornalismo.

Atualmente, o programa trocou de Set, passando a ocupar uma área duas vezes maior que a anterior. Com 1.370 metros quadrados, segundo o site G1, a redação agora passa a ser constituída de jornalistas da Globo Globonews e do próprio portal de notícias da internet, o G1.

Além da amplificação da redação, outra mudança no novo cenário do Jornal Nacional foi uma tecnológica tela de LCD dupla, que fica entre a redação e a bancada, onde projeta os elementos tradicionais mapa mundi e logo JN, mas de forma moderna. A redação é transformada por um telão ao fundo que contribui para a composição da tela LCD atrás da bancada. O mezanino passa a ser mais rebaixado que o anterior, aproximando o público e os âncoras da redação. O fator mais inusitado deste novo cenário são as projeções de linhas em 3D, exibidas nas saídas e entradas de intervalo, dando a impressão de conectividade dos jornalistas com a notícia em tempo real, contribuindo para a eficácia

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

e credibilidade do conteúdo transmitido.

A maior alteração se vê na saída para o intervalo. O anúncio das notícias do próximo bloco aparece em uma tela LCD dupla, que também recebe projeção aumentada e, assim, dá um efeito 3D nas imagens. Como explicou a reportagem, 'o novo cenário é formado por duas camadas de imagens. Primeiro um vidro de 15 metros em curva, que varia do fosco para o transparente. E, ao fundo, um telão gigante de três metros de altura por 16 de largura' (Estadão, 2017).

Figura 4 - Atual cenário do Jornal Nacional



Fonte: Estadão, 2017.

Figura 5 - Linhas 3d em cenário do Jornal Nacional



Fonte: G1, 2017

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

Desta forma, as mudanças ocorridas nos cenários dos telejornalismos concentrados nas maiores emissoras do país são notórias ao decorrer da história, confirmando que nem todos mantêm o padrão de redação, bancada, casal de jornalistas e entre outros aspectos.

No jornal Primeiro Impacto, exibido no SBT, o jornalista possui uma bancada menor e mais alta, servindo apenas de apoio, pois o mesmo fica de pé durante toda a exibição do noticiário. Outro modelo de formato são os sem bancada, que permite uma dinâmica maior do jornalista, como é o caso do jornal Cidade Alerta, da Record TV. Ambos são exibidos durante o dia, permitindo que este tipo de cenário mais “descontraído”, quando comparado com os jornais noturnos, sejam mais aceitáveis pelo público.

Figura 6 - Bancada de apoio no telejornal Primeiro Impacto



Fonte: TV Pop, 2023.

Figura 7 - Telejornal Cidade Alerta sem bancada



Fonte: Portal R7, 2022.

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

Outro item de cenário que foi se aperfeiçoando ao longo do tempo e caminhando de acordo com a evolução tecnológica, são os LEDs. É possível perceber a presença dessas telas em quase todos os cenários de telejornal como no Jornal da Band (Band), onde o LED se tornou o próprio cenário. O telão ocupa cerca de todo fundo e possui um efeito “camaleão”, mudando de cor ou imagem de acordo com a notícia a ser relatada pelo jornalista presente sentado na bancada em frente.

Nas eleições presidenciais de 2022, a emissora Record TV produziu um telejornal especial para transmitir em tempo real as apurações e fez uso não somente de um LED ao fundo como também um no chão para compor o cenário. O telão de fundo mostrava as informações e imagens da votação e apuração, já o telão no chão era responsável por exibir o mapa do Brasil que direcionava, de forma gráfica, a região do país ao qual se referiam àquelas informações.

Figura 8 - Tela de led no Jornal da Band



Fonte: Band Jornalismo, 2023.

Figura 9 - Chão de led na apuração das Eleições 2022



Fonte: Portal R7, 2020.

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

Para Rocha (2019), com a chegada do telejornalismo convergente, os programas adaptaram seus cenários para caminhar junto com os avanços tecnológicos no meio midiático e no mundo. Segundo a autora:

A maioria dos telejornais da TV lançou seus novos cenários. Como elemento comum, os cenários dos telejornais registravam a presença de suas redações com os profissionais trabalhando em ambiente contíguo, como fundo de cena ou como parte do cenário, além da presença de várias telas distribuídas pelo espaço de apresentação do telejornal. Desde então, a ideia de manter a redação do telejornal como elemento integrante do palco de apresentação vem sendo atualizada e absorvida nas produções de jornalismo televisivo (Rocha, 2019, p.30).

A partir desta análise de cenários no telejornalismo, é possível declarar que não é apenas um elemento visual, mas o mesmo trabalha a fim de transmitir uma mensagem indireta sobre tecnologia e credibilidade.

3.2 FIGURINO: PERFIL E PERSONALIDADE

Para Barbeiro (2002), no telejornalismo, a imagem caminha junto com a palavra, devendo evitar a diferença entre elas. Por exemplo, como dar a notícia de baixas temperaturas com uma jornalista vestindo roupas de calor? É fato, para uma boa comunicação acontecer no telejornalismo, a imagem fala o mesmo “idioma” que a palavra.

Desta forma, assim como o cenário compõe a mensagem a ser transmitida nos telejornais, o figurino caminha no mesmo objetivo estético em integrar a notícia.

Para melhor analisar o fenômeno da moda no jornalismo, é preciso comparar perfis que usam da roupa para transmitir personalidade junto de credibilidade.

Pode-se, metaforicamente, pensar o figurino como componente de uma “pintura”, conjunto de pinceladas, ao mesmo tempo sobre, entre e dentro de outros conjuntos de pinceladas, que são o cenário, a luz, a direção e tudo o mais que compõe o espetáculo. A soma desses conjuntos injeta cor, forma e textura nos personagens que transitam em uma determinada cena, soma essa que finalmente forma um quadro. Esse agregado a todos os outrossim, informará os detalhes da peça de teatro, do filme, da novela de televisão, do balé, procurando na sobreposição de todos esses fatores a perfeita harmonia do espetáculo (Leite, 2002, p. 63).

Ao longo da história do Jornalismo, profissionais que estavam em frente às câmeras procuravam padronizar um estilo mais sério e íntegro. Os homens buscavam ternos, camisas e gravatas como “armadura” da veracidade ao noticiar os acontecimentos. As mulheres em cores sóbrias, masculinizaram seu estilo em busca de credibilidade e respeito, sendo que, os ternos, as camisas, cabelos curtos

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

não faziam apenas parte do figurino masculino, mas do feminino também, seguindo um padrão norte americano de telejornalismo. Uma das grandes jornalistas da TV Brasileira, Fátima Bernardes, em seu histórico como apresentadora no Jornal Nacional (Globo), adotou um estilo padronizado, abusando de camisas e cortes curtos de cabelo. Na imagem a seguir, é possível perceber o padrão da jornalista em bancada.

Figura 10 - Estilo padrão Fátima Bernardes



Fonte: Alagoas 24 horas, 2008.

Em seu último dia no Jornal Nacional (Globo), anos depois, a apresentadora recorreu a uma camisa em seda com um tom de rosa vibrante, diferenciando da paleta sóbria padronizada no início da carreira. Outro diferencial foi o corte de cabelo da jornalista, destacando para um tamanho mais alongado e com luzes nas pontas.

Como foi a exibição de despedida de Fátima Bernardes, toda a composição da imagem da apresentadora repercutiu de forma leve e alegre, passando um aspecto positivo aos telespectadores.

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

Figura 11 - Fátima Bernardes em sua última participação no Jornal Nacional



Fonte: Purepeople, 2023.

Recentemente, a jornalista apresentou um programa durante as manhãs da rede globo, nomeado de “Encontro com Fátima Bernardes”. Sem cunho jornalístico, a produção conta com a participação de pessoas renomadas e assuntos em alta debatidos de forma descontraída. Para o programa de entretenimento, Fátima adotou um estilo totalmente oposto ao de costume, explorando roupas mais femininas como saias e vestidos, apostando em cores, acessórios e um cabelo ainda mais longo. Toda a transformação da apresentadora contribuiu para a identidade do programa, afirmando o ideal de que imagem e palavra caminham juntas.

Figura 12 - Fátima Bernardes em conteúdo de entretenimento



Fonte: Estrelando, 2022.

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

Outra jornalista de renome, mas que não precisou sair do nicho do telejornalismo para adaptar seu visual de forma mais moderna foi a conhecida Maju Coutinho. A profissional, após anos do estilo padronizado em frente às câmeras, ganha destaque ao revelar um novo estilo baseado nas cores alegres e vibrantes.

Looks com combinações inusitadas, Maju conta com moda, credibilidade e muita cor. Segundo o site Extra (2020), a apresentadora faz uso da tendência color block, ou seja, bloco de cores. O color block propõe combinações inusitadas de cores, separando cada peça em uma tonalidade ou gerando tais pontos de cor dentro do look, como é possível observar nas seguintes propostas de figurino da Maju Coutinho:

Figura 13 - Estilo color block de Maju Coutinho



Fonte: Extra, 2020.

Além do estilo colorido, Maju Coutinho ressignifica as cores de forma ainda mais célebre ao ser a primeira jornalista negra a apresentar o Jornal Nacional.

Derrubando os padrões do telejornalismo, ela também exhibe os cabelos de forma natural com cachos soltos e volumosos.

Figura 14 - Cabelo natural de Maju Coutinho



Fonte: Poder 360, 2019.

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

Conclui-se a análise de figurinos diante dos perfis de jornalistas, a profissional Mari Palma é referência no estilo jovial e despojado. Quebrando todos os paradigmas de vestimenta habitual em telejornais, a profissional abusa de jeans, tênis e camiseta. O estilo da jornalista chamou atenção dos telespectadores, tornando Mari conhecida pelos seus looks diferentes e até mesmo pelo seu comportamento mais espontâneo em frente às câmeras.

Figura 15 - Estilo descolado de Mari Palma



Fonte: Cool Magazine, 2020.

Para o stylist Thiago Setra (2020), do site Cool Magazine, o estilo diferenciado de Mari Palma surge quando os olhares estão voltados para o Jornalismo por conta das notícias sobre a pandemia da Covid-19, trazendo a proposta de um novo para o telejornalismo sem perder a credibilidade. Segundo ele: Não há nada mais genuíno do que nos inspirar em pessoas com conteúdo, as mulheres do jornalismo que estão na linha de frente das informações que recebemos são mulheres poderosas, inteligentes e cultas. Então a ideia é linkar elas as tendências de moda e sair da ideia do padrão do jornalismo, afinal de contas elas também são influência para os telespectadores que as consomem. Com todas as atenções viradas a elas, o mercado está olhando com outros olhos para o jornalismo (Setra, 2020).

Desta forma, é perceptível que as evoluções do telejornalismo, assim como o figurino que traz consigo, caminha de acordo com os passos que a sociedade dá, a fim de melhor se comunicar com o público que o assiste.

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

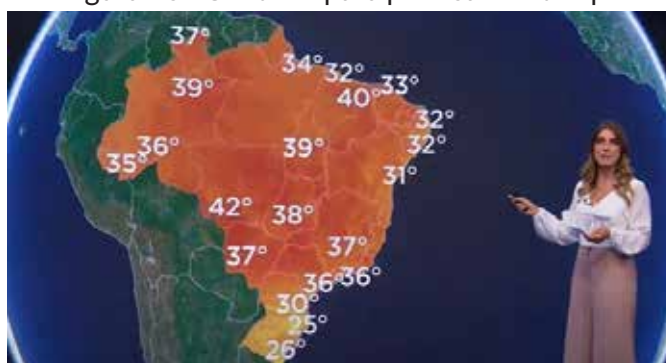
3.3 TECNOLOGIA NO TELEJORNALISMO

Os itens ressaltados na análise, cenário e figurino, se enquadram dentro de uma perspectiva estética. Porém, o telejornalismo sofreu evoluções também em outras áreas, como na tecnologia. Antes, era comum ver os âncoras terem o auxílio de fichas e papéis em cima da bancada. Com a evolução tecnológica nos bastidores, o teleprompter (espécie de televisor que espelha o texto para os jornalistas lerem enquanto apresentam) passou a ser essencial para a eficiência em transmitir a notícia.

Outras evoluções tecnológicas passaram a fazer parte do dia a dia dos jornalistas e das redações, também conquistando as bancadas com notebooks e tablets que, além de compor o cenário, são utilitários. Outro exemplo são os repórteres que a cada dia mais fazem uso de smartphones para apoio na leitura de textos em matérias gravadas ou ao vivo.

Um dos telejornais que fazem uso de uma nova tecnologia, durante a previsão do tempo, é o Jornal da Band (Band). A jornalista, enquanto noticia as temperaturas dos próximos dias, possui em mãos um controle que possibilita a mudança do mapa meteorológico em tela. Essa autonomia permite que a profissional se liberte de um texto programado, comentando sobre o tempo de forma espontânea e proporcionando que os âncoras também comentem e interajam com a jornalista. Por ser um telejornal exibido em horário nobre na emissora Band, a dinâmica do tempo que um simples controle viabiliza, faz com que o conteúdo seja leve durante sua exibição. Abaixo, é possível ver o controle nas mãos da jornalista do tempo Joana Treptow:

Figura 16 - Controle para previsão do tempo



Fonte: Band Jornalismo, 2023.

Outra tecnologia que passou a fazer parte dos telejornais da TV brasileira foram os tablets. Um pequeno aparelho semelhante a uma “placa”, com este recurso os jornalistas conseguem um apoio de texto e também atualizações da notícia em tempo real. Os tablets, às vezes, são substituídos por notebooks que possuem a mesma função tecnológica. Estes itens tecnológicos que compõem o telejornal, além de serem úteis ao profissional, passam a ideia de um conteúdo moderno e avançando ao público, contribuindo de forma indireta na credibilidade do conteúdo. O Jornal Hoje (Globo), exibido

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

às 13h, traz como cenário apenas uma bancada de apoio e, em cima dela, um notebook. Ali o jornalista o possui como auxílio caso ocorra algum problema com o texto no teleprompter ou precise receber alguma atualização da notícia. Desta forma, eis o tablet/ notebook: a folha tecnológica.

Figura 17 - Uso do notebook no Jornal Hoje



Fonte: Portal G1, 2023.

No Jornal da Record (Record TV), exibido em horário nobre na emissora, conta com o auxílio de tablets na bancada composta pelos jornalistas Christina Lemos e Celso Freitas.

Figura 18 - Uso de tablet no Jornal da Record



Fonte: Portal R7, 2023.

Uma tecnologia usada pela Rede Globo na apuração das eleições de 2022 conta com a versatilidade da notícia. Um televisor que, em tempo real, apresentava os números de votos por região, pautando também a porcentagem e o ranking dos candidatos. O televisor de LED também dava a pos-

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

sibilidade de controlá-lo com a tecnologia touchscreen, ou seja, os jornalistas de forma espontânea e interativa guiavam as informações juntamente com o aparelho.

Figura 19 - Tela interativa nas Eleições 2022



Fonte: Globoplay, 2022.

Os aparelhos tecnológicos possibilitaram uma melhora na comunicação dos telejornais, mas há um outro elemento que contribuiu para o alcance e contato com o público. Esse elemento também surgiu com a era da tecnologia, sendo a mais nova espécie de carta ao leitor. Este novo elemento chamamos de redes sociais.

Com o surgimento das redes sociais, os telespectadores passaram também a serem internautas, possuindo contas para compartilhar suas conquistas e intimidades. Os telejornais não ficaram para trás, aproveitaram a nova onda em busca de seguidores.

Vale ressaltar que, os seguidores das contas dos telejornais nas redes são o público da TV que, além de assistirem diariamente em seus televisores, estendem o consumo do conteúdo jornalístico até as plataformas digitais.

Para Rocha (2019) esta é a fase do Jornalismo imersivo que, através das plataformas digitais, amplia seu conteúdo e público da televisão na internet. Segundo a autora: O diferencial da presença dos telejornais na internet trouxe ao telespectador a oportunidade de ter uma parcela de interação com a equipe do telejornal ou com convidados.

Por meio de chats, fóruns, enquetes e salas de bate-papo, os telespectadores eram incentivados a enviar perguntas, sugestões, emitir opiniões e estabelecer uma relação mais próxima com os produtores e convidados dos telejornais. Por sua vez, a equipe responsável pelo telejornal pôde conhecer mais de perto o seu público e perceber quais eram suas preferências, o que permitiu favorecer a busca pela qualidade e a conquista de maior audiência do programa televisivo (Rocha, 2019, p. 31).

Ainda sobre a convergência do público televisivo para a internet, Rocha (2019) pauta a questão dos horários de exibição, onde há uma liberdade de escolha na internet sem precisar ficar preso a determinada grade de programação.

As formas de consumo do telejornalismo também foram alteradas. Além de assistir às edições

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

dos telejornais por telefones celulares com receptor de TV nos horários da emissão da TV aberta, os programas passaram a ser vistos também em horários escolhidos pelo espectador por meio dos portais dos telejornais, via computador, ou simultaneamente pelo aparelho televisor, celulares e tablets, no fenômeno da segunda tela (Rocha, 2019, p. 31).

Desta forma, um exemplo de interatividade do público das redes sociais no telejornal é o quadro do Jornal da Record (Record TV) chamado “Tempo Delivery”. O mesmo conta com a participação de perguntas sobre a previsão do tempo enviadas por meio das redes sociais, sendo respondidas ao vivo pela jornalista que noticia o tempo. Além da previsão do tempo, a jornalista dá dicas de cuidado com sol forte ou temporais.

Figura 20 - Tempo Delivery no Jornal da Record



Fonte: Portal R7, 2023.

Uma das redes sociais mais usadas pelos telejornais é o Instagram possibilitando que sejam postados conteúdos como fotos, vídeos e textos. Muitas vezes, a rede é usada para atualizar os telespectadores sobre acontecimentos, desdobramento de notícias e até mesmo bastidores.

Utilizando o Jornal Hoje (Globo) como exemplo, pois o mesmo conta com cerca de um milhão e seiscentos mil seguidores no Instagram, o telejornal se tornou referência nas redes sociais como sendo um canal de informação eficiente.

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

Figura 21 - Perfil do Jornal Hoje no Instagram



Fonte: Jornal Hoje/Instagram, 2023a.

Figura 22 - Postagens no Instagram do Jornal Hoje



Fonte: Jornal Hoje/Instagram, 2023b.

Sendo assim, é possível ver os avanços tecnológicos da sociedade em meio a modernidade adotada pelos telejornais brasileiros nos dias atuais.

4 COMPÊNDIO DA ANÁLISE

Desta forma, os elementos analisados nas principais emissoras de TV aberta no Brasil (Globo, Record TV, SBT e Band), destacam-se pela qualidade e a forma como servem de referência para emissoras menores. A equipe comercial de vendas desenvolve um papel fundamental na coleta de dados

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova;

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

do Kantar Ibope Media e, diante de números positivos, oferece os horários da grade de programação para a divulgação de marcas e produtos durante os intervalos. Sendo assim, quando o programa de telejornal é influente na emissora e conquista uma boa audiência, consequentemente também atrai uma verba maior para manter os itens da análise atualizados e de última geração.

As mídias contemporâneas, como as redes sociais, têm provocado uma aproximação maior do público com os apresentadores/jornalistas e bastidores, pois percebe-se tal migração do conteúdo da TV para a internet. Uma não substitui a outra, mas juntas se complementam. As novas tendências no jornalismo nem sempre são vistas de forma positiva, visto que, por vezes, causam a queda da audiência diminuindo o fluxo de vendas comerciais na televisão. Outro fator sobre as redes é que a mesma possibilita uma interação com o telespectador, mas em contrapartida, o excesso de informação e o fácil acesso às notícias geram conflitos entre as concepções do público, além de dar abertura para críticas e opiniões.

Diante de tais evoluções, outras já atuam na área de forma positiva e outras ainda estão sendo experimentadas. O tempo, junto com o modernismo, traz ao telejornalismo uma nova faceta a cada descoberta. Informar, com verdade e neutralidade, continua a ser o objetivo do profissional da área, independente do cenário, figurino, tecnologia ou novos equipamentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A era digital, tecnológica e conectada inaugura um novo momento para a comunicação, promovendo uma troca de informações mais acessível e contribuindo para o desenvolvimento do diálogo entre as pessoas, ao mesmo tempo em que impulsiona uma sociedade mais ativa e engajada.

Essa cultura digital não rompe com o passado, mas o integra ao presente, permitindo que o antigo seja ressignificado e transformado, criando espaço para seu renascimento. Entre visões pessimistas e previsões futuristas, nota-se que mudanças já estão em curso no cotidiano das redações das emissoras analisadas. Parece tratar-se de um processo gradual, sem um evento único que simbolize essa transformação.

A partir de estudos, foi identificado que as transformações no telejornalismo não ocorreram só para atender a necessidade do público, como pensado antes da análise. Compreende-se que os próprios profissionais da área anseiam pelas novas formas e já não se contentam em seguir um padrão norte-americano robotizado. A aproximação e linguagem pessoal no jornalismo atual contribui para um conteúdo cada vez mais humanizado, aliás o jornalista é gente como a gente.

Desta forma, o presente trabalho coopera com estudos atuais e futuros sobre o telejornalismo brasileiro, agregando um novo ponto de vista para a sociedade acadêmica e também para a autora que, cada vez mais se cativa pela comunicação, a maneira como a mesma muda o mundo e se permite ser mudada por ele. Por fim, conclui-se que os olhos do público estão cada vez mais voltados para a criatividade nas formas de se dar a notícia. Agora, além de inovar, aderir aos novos costumes e se reinventar, o profissional de jornalismo ainda precisa manter a sua grande tarefa primária, não abandonando a essência inicial de sua missão: informar.

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

REFERÊNCIAS

ANÃO Marquinhos voa com Hamilton e vive as emoções de um dia de Cidade Alerta. Domingo Show, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=zwR8_RTuZkw. Acesso em: 15 nov. 2023.

ASSISTA à íntegra do Jornal da Record 13/11/2023. Portal R7, 2023. Disponível em: Assista à íntegra do Jornal da Record | 13/11/2023 – Notícias R7. Acesso em: 14 nov. 2023.

ASSISTA à íntegra do Jornal da Record 28/04/2023. Portal R7, 2023. Disponível em: Assista à íntegra do Jornal da Record | 28/04/2023 – Notícias R7. Acesso em: 13 nov. 2023.

BRUNO Covas e Guilherme Boulos disputam 2º turno em São Paulo. Portal R7, 2020. Disponível em: <https://www.r7.com/movel/aplicativos/record-tv/videos/bruno-covas-e-guilherme-boulos-disputam-2-turno-em-sao-paulo-16112020>. Acesso em: 13 out. 2023.

CACO Barcellos troca a câmera pelo celular em seus 50 anos de reportagem. Folha de S.Paulo, 2022. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/cristina-padiglione/2022/02/caco-barcellos-troca-a-camera-pelo-celular-em-seus-50-anos-de-reportagem.shtml>. Acesso em: 16 nov. 2023.

CENÁRIOS. Memória Globo, 2022a. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/noticia/cenarios.ghtml>. Acesso em: 11 out. 2023.

CENÁRIOS. Memória Globo, 2022b. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/noticia/cenarios.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2023.

COLOR block e tonalismo: 15 looks de Maju Coutinho para se inspirar na tendência. Extra, 2020. Disponível em: <https://extra.globo.com/mulher/moda/color-block-tonalismo-15-looks-de-maju-coutinho-para-se-inspirar-na-tendencia-24497031.html>. Acesso em: 17 out. 2023.

CRIATIVIDADE no caos. Cool Magazine, 2020. Disponível em: <https://coolmagazine.com.br/criatividade-no-caos/>. Acesso em: 17 de out. de 2023.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. Manual de telejornalismo: Os segredos da notícia na TV. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. Jornalismo de TV. São Paulo: Contexto, 2005.

COUTINHO, Iluska. Público e identidade no telejornalismo brasileiro. Anais do VII Encontro Nacional de, 2009.

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. Summus Editorial, 2000.
EMERIM, Cárilda.; PEREIRA, Ariane. (org.); COUTINHO, Iluska. (org.). *Telejornalismo contemporâneo: 15 anos da Rede Telejor*. Florianópolis: Insular, 2020.

EQUIPE do SBT vem a São Roque realizar testes antes de inauguração do sinal HD. *Jornal da Economia*, 2014. Disponível em: <https://jeonline.com.br/noticia/1536/equipe-do-sbt-vem-a-sao-roque-realizar-testes-antes-de-inauguracao-do-sinal-hd>. Acesso em: 16 de nov. de 2023.

ESTE foi o último corte de cabelo de Fátima na bancada do 'Jornal Nacional', em dezembro de 2011. *Purepeople*, 2023. Disponível em: https://www.purepeople.com.br/midia/m_m21467. Acesso em: 15 out. 2023.

FÁTIMA Bernardes deixa o Jornal Nacional. *Alagoas 24 horas*, 2008. Disponível em: <https://www.alagoas24horas.com.br/762736/fatima-bernardes-deixa-o-jornal-nacional/>. Acesso em: 15 out. 2023.

FÁTIMA Bernardes quer deixar o encontro para priorizar vida pessoal. *Estrelando*, 2022. Disponível em: <https://www.estrelando.com.br/nota/2022/02/02/fatima-bernardes-quer-deixar-o-encontro-para-priorizar-vida-pessoal-diz-colunista-266272/foto-1>. Acesso em: 15 out. 2023.

GUERRA em Israel: Brasileiro é encontrado morto após ataque do Hamas. *SBT News*, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_5Mk_iJ8To. Acesso em: 20 nov. 2023.

JORNAL da Band 10/11/2023. *Band Jornalismo*, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4QaM_Ikf4kg. Acesso em: 18 nov. 2023.

JORNAL da Band 14/11/2023. *Band Jornalismo*, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vhtbk0cEDXo>. Acesso em: 18 nov. 2023.

JORNAL Hoje. *Instagram*, 2023a. Disponível em: <https://www.instagram.com/jornalhoje/?hl=pt>. Acesso em: 14 nov. 2023.

JORNAL Hoje. *Instagram*, 2023b. Disponível em: <https://www.instagram.com/jornalhoje/?hl=pt>. Acesso em: 14 nov. 2023.

JORNAL Nacional estreia novo cenário. *Estadão*, 2017. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/tv/jornal-nacional-estreia-novo-cenario/>. Acesso em: 12 out. 2023.

LEITE, Adriana. *Figurino: uma experiência na televisão*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
MAJU Coutinho é a 1ª mulher negra a apresentar o JN. *Poder 360*, 2019. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/maju-coutinho-e-a-1a-mulher-negra-a-apresentar-o-jornal-nacional/>.

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

Acesso em: 17 out. 2023.

MATTOS, Sérgio. Um perfil da TV brasileira. Salvador: A Tarde. [Links] 1990.

MEMÓRIA GLOBO. Jornal Nacional: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MOCHILINK. STI Telecom, 2021. Disponível em: <https://www.stitelecom.com.br/products/mochi-link/>. Acesso em: 18 nov. 2023.

PATERNOSTRO, Vera Íris. O texto no TV: Manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. Decidindo o que é notícia. Edipucrs, 2005.

PRIMEIRO Impacto vira tapete da Record e completa 15 dias seguidos em 3º lugar. TV Pop, 2023. Disponível em: <https://www.tvpop.com.br/135885/audiencias-12-abril-primeiro-impacto-vira-tape-te-da-record-e-completa-15-dias-seguidos-em-3o-lugar/>. Acesso em: 12 out. 2023.

RELEMBRE outros cenários do Jornal Nacional ao longo de mais de 45 anos. Na Telinha, 2017. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/colunas/direto-da-telinha/2017/06/23/relembre-outros-ce-narios-do-jornal-nacional-ao-longo-de-mais-de-45-anos-108484.php>. Acesso em: 11 de out. de 2023.

REPORTAGEM especial: um passeio até o Cristo Redentor. Band Jornalismo, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jEMyvkd6s2c>. Acesso em: 16 nov. 2023.

ROCHA, Liana Vidigal; SILVA, Sérgio Ricardo (org.). Comunicação, jornalismo e transformações convergentes. Palmas: Eduft, 2019.

SETRA, Thiago. Criatividade no caos. Cool Magazine, 2020. Disponível em: <https://coolmagazine.com.br/criatividade-no-caos/>. Acesso em: 17 out. 2023.

SQUIRRA, Sebastião. Aprender telejornalismo: produção e técnica. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.1993.

VEJA como foi a construção do novo cenário do Jornal Nacional. Portal G1, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/06/veja-como-foi-construcao-do-novo-cenario-do-jornal-nacional.html>. Acesso em: 12 out. 2023.

VEJA o destaque do Cidade Alerta desta quarta (30). Portal R7, 2022. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/cidade-alerta/videos/veja-o-destaque-do-cidade-alerta-desta-quarta-30-30112022>. Acesso

Bruna Maria Uliana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova

Ioná Piva Rangel

Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Canção Nova;

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo,

Umesp-SP.

em: 12 out. 2023.

VEJA os destaques do Jornal Hoje desta quarta-feira. Portal G1, 2023. Disponível: <https://g1.globo.com/jornal-hoje/edicao/2023/04/19/videos-jornal-hoje-de-quarta-feira-19-de-abril-de-2023.ght-ml>. Acesso em: 10 nov. 2023.

VEJA os primeiros resultados parciais do segundo turno das eleições 2022. Globoplay, 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11074945/>. Acesso em: 13 nov. 2023.

